BRASIL AÇUCAREIRO

ANO XLV - Vol. LXXXVII - Fevereiro de 1976 - N. 2

MIC
INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL

Ministério da Indústria e do Comércio

Instituto do Açúcar e do Álcool

CRIADO PELO DECRETO Nº 22-789, DE 1º DE JUNHO DE 1933

Sede: PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO, 42 — RIO DE JANEIRO — RJ.
Caixa Postal 420 — End. Teleg. "Comdecar"

CONSELHO DELIBERATIVO

Representante do Ministério da Indústria e do Comércio — General Álvaro Tavares Carmo — PRESIDENTE
Representante do Banco do Brasil — Augusto César da Fonseca
Representante do Ministério do Interior — Hindemburgo Coelho de Araújo
Representante do Ministério da Fazenda — Thyrso Gonzalez Almuiná
Representante do Ministério do Planejamento — José Gonçalves Carneiro
Representante do Ministério do Trabalho — Boaventura Ribeiro da Cunha
Representante do Ministério da Agricultura — Sérgio Carlos de Miranda Lanna
Representante do Ministério dos Transportes — Juarez Marques Pimentel
Representante das Relações Exteriores — Sérgio Fernando Guarischi Bath
Representante da Confederação Nacional da Agricultura — José Pessoa da Silva
Representante dos Industriais do Açúcar (Região Centro-Sul) — Arrigo Domingos Falcone
Representante dos Industriais do Açúcar (Região Norte-Nordeste) — Mário Pinto de Campos
Representante dos Fornecedores de Cana (Região Centro-Sul) — Francisco de Assis Almeida Pereira
Representante dos Fornecedores de Cana (Região Norte-Nordeste) — João Soares Palmeira
Suplentes: Murilo Parga de Moraes Rego — Fernando de Albuquerque Bastos — Flávio Caparucho de Melo Franco — Cláudio Cecil Poland — Paulo Mário de Medeiros — Bento Dantas — Adérito Guedes da Cruz — Adhemar Gabriel Bahadian — João Carlos Petribu Dé Carli — Jessé Cláudio Fontes de Alencar — Olival Tenório Costa — Fernando Campos de Arruda.

TELEFONES:

Presidência
Álvaro Tavares Carmo 231-2741

Chefia de Gabinete
Ovídio Saraiva de Carvalho Neiva 231-2583

Assessoria de Segurança e Informações
Anaurelino Santos Vargas .. 231-2679

Procuradoria
Rodrigo de Queiroz Lima 231-3097

Conselho Deliberativo
Secretaria
Marina de Abreu Lima 231-3552

Coordenadoria de Planejamento, Programação e Orçamento
Antônio Rodrigues da Costa e Silva 231-2582

Coordenadoria de Acompanhamento, Avaliação e Auditoria
José Augusto Maciel Camara .. 231-3046

Coordenadoria de Unidades Regionais
Elson Braga 231-2469

Departamento de Modernização da Agroindústria Açucareira
Augusto César da Fonseca 231-0715

Departamento de Assistência à Produção
Paulo Tavares 231-3091

Departamento de Controle da Produção
Ana Terezinha de Jesus Souza .. 224-0112

Departamento de Exportação
Alberico Teixeira Leite 231-3370

Departamento de Arrecadação e Fiscalização
Antônio Soares Filho 231-2469

Departamento Financeiro
Cacilda Bugarin Monteiro 231-2737

Departamento de Informática
Iêdda Simões de Almeida 231-3082

Departamento de Administração
Vicente de Paula Martins Mendes 231-1702

Departamento de Pessoal
Maria Alzir Diógenes 231-3058

O I.A.A. está operando com mesa telefônica PABX, cujos números são: 224-0112 e 224-0257. Oportunamente, reformularemos esta página, com a indicação dos novos ramais da Presidência, Divisões e respectivos Serviços e Seções.

OLHEITA DE CANA MECANIZADA JÁ TEM NOME:

SANTAL 115

seu "know-how" comprovado
nacionalmente, a Santal 115 é colhedeira para
quer tipo de cana, ereta ou tombada.
az tudo praticamente sozinha.
a cana nas pontas e nos pés, em pedaços
s e no tamanho programado, executando
ocessos de limpeza, automaticamente.
dispensa a lavagem da cana, evitando perda
carose. Quando a cana cai no veículo de
porte, é lucro limpo e certo. O raio de giro da
al 115 é tão reduzido, que ela pode ser
obrada em qualquer espaço, sempre com total
ilidade e segurança. A Santal 115 agora tem
em elevador dobrável.
a garantia é a assistência técnica Santal.

É bom ter sua colheita de cana mecanizada.
E com o nome que significa muito mais: Santal 115.

santal
equipamentos s.a.

MATRIZ-FÁBRICA
...tes, 284
...255 - CP 730 - Ribeirão Preto - SP
...RÃO PRETO - SP
...1261 - Fone: (0166) 25-3056 - CP 730
... SP
...Fones: 2-8531 e 3-4342
...60 - Fone: (0822) 3-6593 - CP 203
...SÃO PAULO - SP
...280 - 15.° andar - Fones: (011) 36-2598 e 33-4650

A Copersucar felicita-se com o Governo pela adoção da mistura de álcool anidro à gasolina - política que tem preconizado ao longo dos anos, como consta de seus anteriores memoriais às autoridades e desta mensagem que vem sendo publicada na imprensa brasileira desde maio de 1975.

A doce maneira de enfrentar a crise do petróleo.

Mais da metade do consumo de petróleo no Brasil é representada pela gasolina e óleo diesel. Isto mostra que, encontrando-se uma forma de reduzir o consumo destes derivados, encontra-se uma forma de reduzir os gastos com a própria importação do petróleo, uma forma de aliviar o balanço de pagamentos do País.

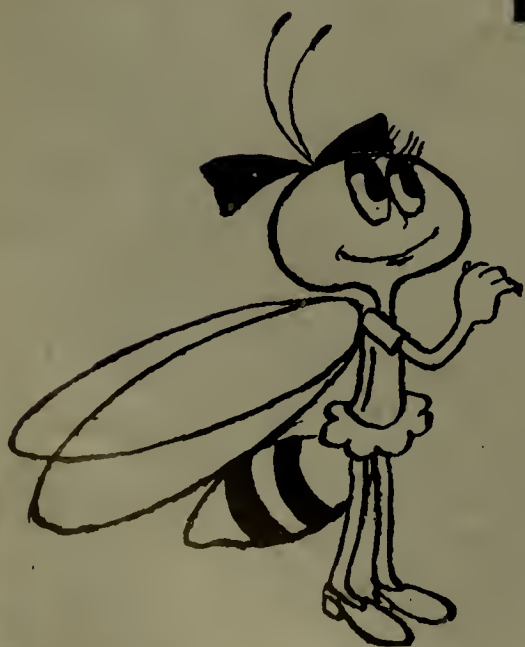
A forma para reduzir o consumo de gasolina existe. Ela pode ser conseguida tecnicamente: misturando álcool à gasolina usada pelos automóveis. Até mesmo os fabricantes de veículos defendem esta mistura, na proporção de 15% de álcool e 85% de gasolina; nesta proporção não é necessária qualquer regulagem nos motores dos veículos. Aliás, em São Paulo a mistura já vem sendo usada, sem nenhum problema.

As vantagens que o álcool adicionado à gasolina traz são muito grandes. A primeira, já citada, é a economia de divisas. Entretanto, não é a única. O álcool pode substituir o chumbo tetra-etila como elemento anti-detonante; com isto, evita-se a grande poluição ambiental provocada pelo chumbo. Produzido a partir da cana-de-açúcar, o álcool é uma solução que poucos países podem adotar; o Brasil, cujo primeiro produto de exportação em 1974 foi o açúcar, é um destes poucos privilegiados. A segurança nacional, na medida em que passamos a depender menos da importação de petróleo, fica fortalecida. A criação de empregos, de níveis mais altos de salários, a fixação da mão-de-obra no campo, o aumento da renda de uma parcela considerável da população até agora marginalizada do processo econômico, o estímulo ao setor agrícola, todas estas são vantagens sociais paralelas.

A Copersucar, congregando os produtores de açúcar e álcool da região Centro-Sul do País, tem pleiteado ao longo dos anos a fixação de uma política de estímulo à mistura de álcool anidro à gasolina. Estamos certos, e as pesquisas estão aí para provar, que uma resolução governamental de adicionar o álcool anidro carburante à gasolina pode significar a atenuação do impacto provocado pelos preços do petróleo em nosso balanço de pagamentos. Esta resolução pode ser uma doce maneira brasileira de enfrentar a crise do petróleo.

Ontem, o bangüê.
Imagem do mundo antigo.
Doçura criada
na força do braço,
na mó do moinho.
Hojë, a moderna refinaria.

Retrato do mundo novo,
tempo de doce mais puro.
E entre dois mundos diversos,
um espaço de progresso
um novo Ciclo do Açúcar
implantado no Nordeste

AÇÚCAR
pérola
TRIFILTRADO

CIA. USINAS NACIONAIS
Rua Pedro Alves, 311/319, Rio de Janeiro
Telegrama "USINAS" – Telefone: 243-4830-PBX
REFINARIAS: Rio de Janeiro, Niterói, Duque de Caxias (RJ), Santos e Campinas (SP), Belo Horizonte (MG).
REPRESENTAÇÃO: São Paulo (Capital).

USINA CAMBAÍBA ENCERRA SAFRA COM RECORDE DE PRODUÇÃO

Com uma produção superior a 900 mil sacos — a maior entre as 18 unidades açucareiras do Estado do Rio — a Usina Cambaíba, localizada no município de Campos, encerrou a safra 75/76, quando todas as metas traçadas pela sua diretoria foram fielmente cumpridas.

O êxito obtido pela empresa agroindustrial presidida pelo Sr. Heli Ribeiro Gomes numa safra onde as dificuldades do setor foram acentuadas por falta de melhor distribuição de chuvas na região produtora, teve grande repercussão nos meios empresariais e econômicos do Estado, onde a indústria tem marcado uma posição de liderança e de conquistas.

Na verdade, pelos quadros estatísticos de produção dos órgãos oficiais nos últimos anos, a Usina Cambaíba é uma das unidades agroindustriais açucareiras que mais cresce no país, sendo de se ressaltar o fato de, na safra que agora encerrou, ter praticamente dobrado a sua produção em relação ao exercício anterior. Ao totalizar uma produção superior a 900 mil sacos — o seu limite autorizado pelo IAA era de 717.600 sacos — ela conseguiu uma produção extra-cota de quase 200 mil sacos.

Para o diretor-presidente da empresa, industrial Heli Ribeiro Gomes, na safra 76/77 que deverá ser iniciada em maio próximo, dois novos desafios terão de ser vencidos: a instalação de uma destilaria para produzir 110 mil litros/dia de álcool anidro — o Conselho Nacional do Álcool recentemente aprovou o seu projeto de expansão — e uma produção de 1 milhão e 200 mil sacos de açúcar.

"Ao partirmos para a produção de álcool anidro estamos atendendo ao apelo das autoridades federais de levar adiante o seu programa de economizar gastos com petróleo — esclareceu o diretor-presidente da empresa — e partindo para uma produção de 1 milhão e 200 mil sacas procuramos estimular a expansão que todo parque açucareiro fluminense vem experimentando nos três últimos anos. A destilaria deve começar a produzir a partir de julho — sua instalação terá iníco dentro dos próximos dias — e a usina passa a funcionar com maquinários novos, mais sofisticados e mais bem dotados dos que até então vinham sendo utilizados".

O encerramento da safra da Usina Cambaíba contou com a presença dos Srs. Heli Ribeiro Gomes, de seus filhos Cristóvão, Bartholomeu e José Lysandro de Albernaz Gomes, também diretores da empresa, e de figuras expressivas do mundo empresarial de Campos, inclusive da diretoria da Fundição Goytacaz, empresa que é responsável pela construção de todos novos equipamentos de fabricação que a usina vai utilizar na safra 76/77.

AGUARDENTEIROS APOIAM

Atraídos pela nova imagem da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN, e vendo no Cooperativismo uma forma eficaz de proteção e fortalecimento econômico, aguardenteiros de Pernambuco — 18 (dezoito) empresas produtoras — ao mesmo tempo que se congratularam com o Instituto do Açúcar e do Álcool, por seu total apoio à Campanha da Produtividade da Cana, em Pernambuco, solicitaram em mensagem sua filiação ao BANCOPLAN.

Dizem eles, entre outras coisas, em mensagem dirigida ao BANCOPLAN: "Os produtores de aguardente se reencontrarão, no seio da Cooperativa, com seus colegas de classe, plantadores de cana-de-açúcar, ampliando, assim, as bases de solidarismo e de ajuda mútua, fundamentos do Cooperativismo, e fortalecendo o setor canavieiro de Pernambuco."

Assinam o documento, entre outras, as firmas Liberdade Agroindústria S.A., Indústria de Aguardente Engenho Castelo, Indústria de Aguardente FAL — Ltda., Gilberto Perman, Francisco Veloso de Andrade, Engenho Genipapo, Indústria de Aguardente de Pernambuco — Ltda., Destilaria Autônoma Engenho Central do Rosário e Fernando José da Silva.

SUPERINTENDÊNCIAS REGIONAIS DO I.A.A.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO — Nilo Arêa Leão
R. Formosa, 367 — 21º — São Paulo — Fone: 32-4779.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE PERNAMBUCO — Antônio A. Souza Leão
Avenida Dantas Barreto, 324, 8.º andar — Recife — Fone: 24-1899.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ALAGOAS — Cláudio Regis
Rua do Comércio, ns. 115/121 — 8.º e 9.º andares — Edifício do Banco da Produção — Maceió — Fones: 33077/32574.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO RIO DE JANEIRO — Ferdinando Leonardo Lauriano
Rua 7 de Setembro, 517 — Caixa Postal 119 — Campos — Fone: 2732.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE MINAS GERAIS — Zacarias Ribeiro de Sousa
Av. Afonso Pena, 867 — 9º andar — Caixa Postal 16 — Belo Horizonte — Fone: 24-7444.

ESCRITÓRIOS DE REPRESENTAÇÃO

BRASÍLIA:
Edifício JK — Conjunto 701-704 24-7066

CURITIBA:
Rua Voluntários da Pátria, 475 - 20º andar 22-8408

NATAL:
Av. Duque de Caxias, 158 — Ribeira 22-796

JOÃO PESSOA:
Rua General Ozório — Ed. Banco da Lavoura, 5º and. 14-27

ARACAJU:
Praça General Valadão — Gal. Hotel Palace 28-46

SALVADOR:
Av. Estados Unidos, 340 — 10º andar 23-055

índice

FEVEREIRO — 1976

NOTAS E COMENTÁRIOS:

UMA CAMPANHA PATRIÓTICA

Este número especial de **Brasil Açucareiro,** dedicado ao problema da Produtividade como uma preocupação geral do Brasil e dos brasileiros e, especificamente, sobre esta campanha patriótica e oportuna — nascida em Pernambuco e já com irradiações por todo o País — se constitui numa verdadeira edição histórica.

É preciso lembrar — e o fazemos com a consciência e o prazer de um dever cumprido — que partiu do próprio Presidente da República o apelo para a Produtividade como principal alavanca para o progresso do desenvolvimento nacional. Em pronunciamento recente, o General Ernesto Geisel afirmou que não se pode continuamente resolver os problemas com aumento de preços. Temos de solucioná-los, em grande parte, com a melhoria da produtividade.

Apoiando pessoalmente e na qualidade de Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, a Campanha da Produtividade lançada pelo BANCOPLAN — Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco — o General Álvaro Tavares Carmo disse, por sua vez, no Recife: "A luta incessante, e que parece não encontrar jamais a solução satisfatória, por preços mais

remunerados é uma constante na árdua existência do produtor de cana. Longe de lhe querermos negar esse direito, mister se faz que lhe lembremos, também, um dever: produzir com menores custos."

Para o Presidente do IAA, essa Campanha "interessa não só ao produtor, como ainda ao Governo e ao consumidor."

Essa Campanha, esse movimento da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Pernambuco está bem enquadrada no pensamento do Governo, tão exemplarmente expresso nestas palavras do Presidente Geisel: "Considera-se de fundamental importância assegurar a participação das cooperativas no esforço de geração e transferência de tecnologia agrícola, bem como na prestação de outros serviços especializados a seus associados, visando ao aumento do lucro dos produtores mediante aumento da produtividade e conseqüente redução dos custos de produção."

Às vozes das mais altas autoridades do País, juntam-se as de personalidades, que estão entre os primeiros cidadãos de nossa comunidade canavieira, ressaltando aspectos fundamentais da Campanha da Produtividade da Cana, instituída no Recife com apoio total do Instituto do Açúcar e do Álcool e prestigiada, em seu lançamento, por autoridades do Ministério da Indústria e do Comércio, presidentes de cooperativas de crédito agrícola de todos os pontos do Brasil, cultivadores e industriais do açúcar e do álcool.

Colhemos, para esta nossa edição especial depoimentos os mais expressivos, que bem denotam a expressão e o alcance social e cultural dessa Campanha, cujo lançamento, no Recife, foi acompanhado de um importantíssimo Encontro da Produtividade e da instituição dos prêmios da Produtividade e sobre o Nordeste Canavieiro, perpetuando os nomes do General Alvaro Tavares Carmo e do Escritor Gilberto Freyre.

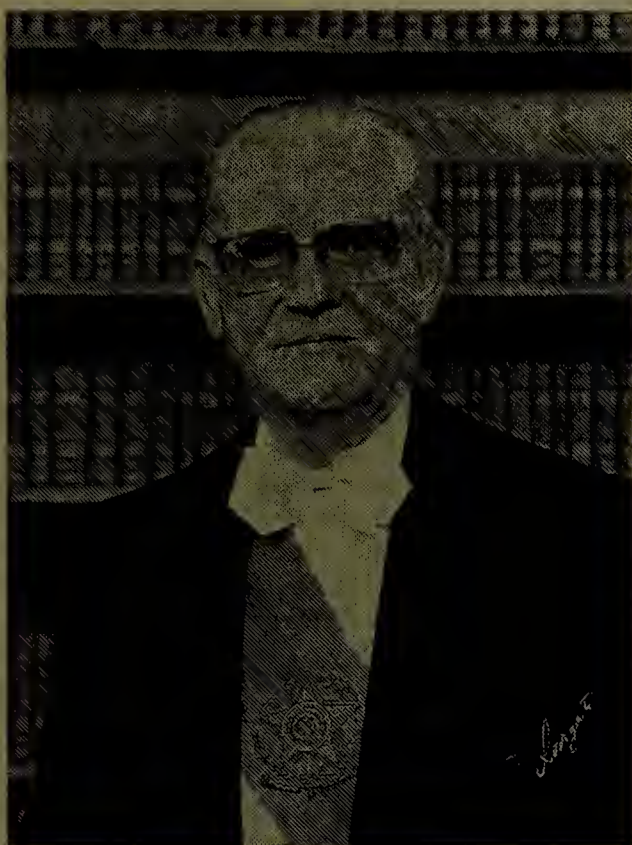
Tantos são os insignes colaboradores deste número de **Brasil Açucareiro,** que nos omitimos de destacar nomes. Todos colaboram com a inteligência e a clarividência, que lhes são próprias e, certamente, irão conscientizar ainda mais o nosso leitor para um dos problemas mais cruciais de nossos dias, que é o da baixa produtividade.

Nada mais precisamos acrescentar a esta apresentação. Passe o leitor ao principal, e boa leitura.

O EDITOR

Em tempo: *agradecemos a colaboração, na execução editorial deste número, do jornalista e escritor Edilberto Coutinho — editor da revista EMBRATUR, da Empresa Brasileira de Turismo/ /Ministério da Indústria e do Comércio e autor do livro* Rondon, o Civilizador da Última Fronteira.

PRESIDENTE ERNESTO GEISEL:

COOPERATIVISMO COMO SUPORTE DA PRODUÇÃO E DA PRODUTIVIDADE

"Considera-se de fundamental importância assegurar a participação das cooperativas no esforço de geração e transferência de tecnologia agrícola, bem como na prestação de outros serviços especializados a seus associados, visando ao aumento do lucro dos produtores mediante aumento da produtividade e conseqüente redução dos custos de produção."
Palavras do Presidente da República, General Ernesto Geisel, na sessão de encerramento do VII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, em Brasília — DF, em 03 de outubro de 1975.

A participação do Governo Federal no VII Congresso Brasileiro de Cooperativismo é reafirmação de seu franco apoio ao movimento cooperativista nacional. Traduz, inclusive, o firme propósito do meu Governo de modernizar significativamente esse importante sistema de suporte à produção e à comercialização.

Fortes razões justificam tal posição. De fato, foi dos cooperativistas que se recebeu, em grante parte, pronta resposta ao desafio de enfrentar os efeitos negativos da crise mundial generalizada e que nos atingiu em setores vitais da economia, entre eles o agropecuário.

A agricultura brasileira, duramente pressionada por aumentos constantes nos insumos utilizados, conseguiu superar as dificuldades, e obter, neste ano, expressivos resultados.

O decorrente acréscimo da participação dos produtos agrícolas na pauta de exportações tem sido muito valioso no atendimento de nossas necessidades maiores de importar produtos essenciais.

Em certa medida pode concluir-se que, assim, devemos às cooperativas muito do que temos podido fazer para vencer os entraves que se opõem ao desenvolvimento econômico nacional.

Cabe reconhecer, todavia, que, do ponto de vista global do desenvolvimento de nossa agropecuária, a níveis que satisfaçam a crescente demanda de alimentos — a participação do cooperativismo ainda não atingiu estágio inteiramente satisfatório. Identificam-se, no entanto, regiões em nosso país em que tal participação já é significativa e crescente. É necessário, portanto, que sua penetração no campo agroindustrial se aprofunde e ganhe dimensões em escala muito mais ampla.

É isso porque acreditamos que as cooperativas são instrumento hábil para promover a ascenção econômica — e pois social — do homem, através de participação crescente nos benefícios comuns, graças ao recurso a processos produtivos mais eficientes, tanto no beneficiamento e industrialização como na comercialização da produção.

Desse aperfeiçoamento beneficia-se, também, o consumidor, pelo acesso a produtos satisfatórios em quantidade e qualidade e a preços razoáveis.

Treinamento de dirigentes e técnicos, medidas de organização administrativa e contábil, estudos de zoneamento e de viabilidade econômica, criação e integração de cooperativas, fortalecimento do Banco Nacional de Crédito Cooperativo — são evidências, todas, da decisão governamental de dotar o sistema de instrumentos capazes de assegurar-lhe o dinamismo e a benéfica atuação no meio rural.

* * *

Na realidade, o Governo tem apoiado o sistema cooperativista em todos os setores, através de recursos financeiros consideráveis que permitiram o aumento do capital social, e com a construção de rede armazenadora, o financiamento do custeio e investimentos agrícolas dos associados, instalações de beneficiamento e industrialização dos produtos agropecuários, além de diversas outras medidas. Quando estrangulamentos da comercialização, devidos a fatores diversos, ameaçaram ocasionar desequilíbrios e desestímulos aos produtores, o Governo adotou, logo, providências que permitiram neutralizar as variações negativas do mercado, favorecendo, dessa forma, efetivamente, aos produtores. E as cooperativas, vale salientar, nunca lhe regatearam seu apoio dedicado.

É nosso real propósito incentivar a participação do sistema cooperativista para ampliar a ajuda governamental à agricultura e pecuária, segundo variadas modalidades, entre as quais, por exemplo, a formação de estoques reguladores — instrumento hábil para prevenir oscilações bruscas de preços, que prejudicam tanto os produtores como os consumidores.

* * *

De acordo com esses propósitos, meu Governo dará todo apoio e incentivo necessários ao crescimento e expansão do Banco Nacional de Crédito Cooperativo de vez que ele é o organismo financeiro especializado do sistema. E, em plano mais geral, os principais organismos de crédito não faltarão com o aperto de seus recursos, ao incremento e ao desenvolvimento do cooperativismo em nosso país.

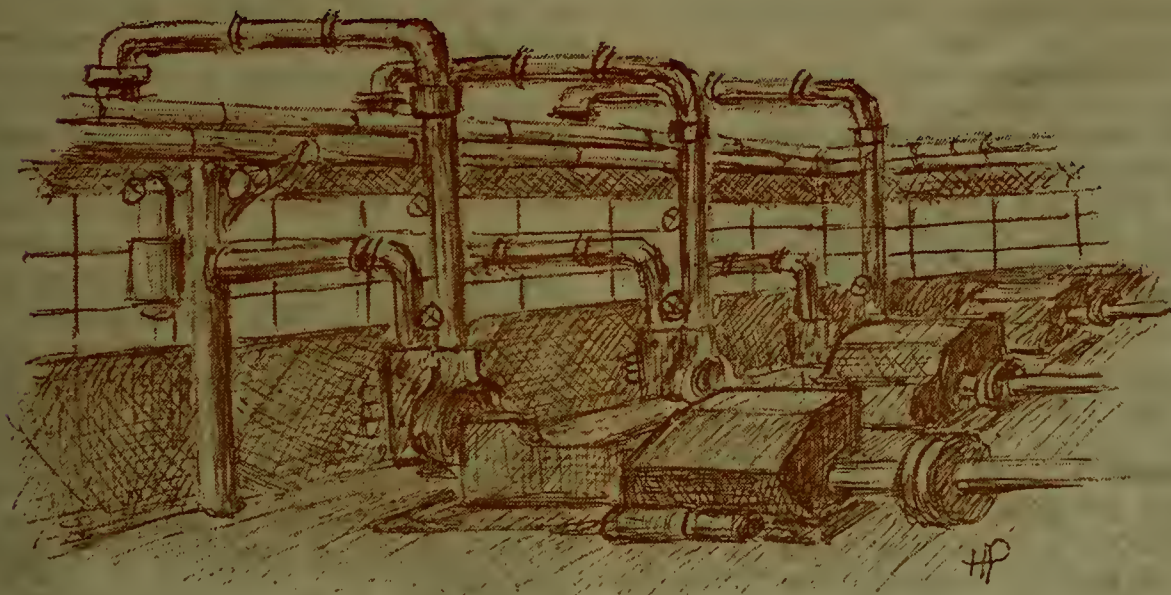
Pretende-se atingir, também, duas importantes metas. De um lado, tem-se em vista possibilitar que a experiência bem sucedida em algumas regiões, se extravase a outras. Realizações no setor de grãos, carne e leite, por exemplo, revelaram-se de tal maneira vitoriosas que seria inconseqüência não realizar substancial esforço no sentido de ampliá-las e desenvolvê-las. E, por outro lado, considera-se de fundamental importância assegurar a participação das Cooperativas no esforço de geração e transferência da tecnologia agrícola, bem como na prestação de outros serviços especializados a seus associados, visando ao aumento do lucro dos produtores mediante aumento da produtividade e conseqüente redução dos custos de produção.

As lideranças do setor devem ter plena consciência, entretanto, de que as cooperativas, contando, em segurança, com decidido apoio do Governo, não gozarão de medidas paternalistas. Cabe-lhes ter sempre presente que são empresas de caráter econômico, apesar de sua nobre função social, e que deverão ser capazes de enfrentar o regime da competição, pela eficiência, pela racionalidade e pelo seu

poder de aglutinação. E, ademais, terão em vista que o caráter específico do cooperativismo exige uma organização que permita evitar desperdícios de recursos humanos, econômicos e financeiros, todos sempre escassos.

* * *

O Governo está certo de que poderosas forças ainda permanecem latentes no cooperativismo nacional, e que essas forças precisam ser canalizadas e melhor orientadas para que se chegue a uma sistematização racional e a uma ação coordenada e eficiente do setor.

Muitos e maiores resultados positivos serão, sem dúvida, proporcionados pelas cooperativas, mas, para que elas se situem realmente no plano de suas verdadeiras responsabilidades, é necessário, é até imperioso e urgente que cada cooperado assuma conscientemente o papel que lhe compete desempenhar no esforço comum de todos nós, para grandeza maior de nossa terra e prosperidade crescente de nosso povo.

GENERAL CARMO: TODO APOIO DO IAA À CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE

Pronunciamento do Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, General Alvaro Tavares Carmo, no lançamento da **Campanha da Produtividade**, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

Da maior significação, sem dúvida, este momento em que me é dada a honra de falar aos produtores de Pernambuco, ao ensejo do lançamento desta patriótica e oportuna **Campanha da Produtividade**.

Fruto do dinamismo de José Mario de Andrade à frente da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana, esta iniciativa obteve desde logo, e sem dificuldades, o apoio e a colaboração das demais entidades de classe, do governo e de todos que, de uma forma ou de outra, se sentem vinculados ao complexo agroindustrial canavieiro, não só em Pernambuco como em todo o País.

E a que se propõe esse movimento?

Produzir matéria-prima com maior índice de rendimento, não só agrícola como industrial. Em outras palavras, diminuir os custos da produção.

A luta incessante, e que parece não encontrar jamais a solução satisfatória, por preços mais remuneradores é uma constante na árdua existência do produtor de cana. Longe de lhe querermos negar esse direito, mister se faz que lhe lembremos também um dever: o de produzir com menores custos.

Temos de admitir que, o poder de criar utilidades de toda a ordem, e sobretudo toda a sorte de alimentos, com a máxima rentabilidade para que possam ser vendidos aos menores preços possíveis para o consumidor é, sem dúvida, aqui como em qualquer parte do mundo, a única maneira de se chegar à prosperidade e ao bem-estar social, o que significa romper as barreiras do subdesenvolvimento.

Eis por que essa campanha interessa não só ao produtor como ainda ao governo e ao consumidor.

EMPREGO DA TECNOLOGIA

Acreditamos que a fase da conscientização do problema está ultrapassada: estamos todos convencidos, e isso é repetido a cada dia, que nenhum progresso poderá ter bases sólidas e estáveis, sem que a produção seja obtida com razoável e

lucrativa produtividade, seja no campo seja na indústria.

Isto implica necessariamente, e antes de tudo, no emprego de uma tecnologia cada vez mais apurada para o melhor aproveitamento dos fatores da produção, aí incluídos a terra, o homem, os implementos agrícolas e os meios de transporte, e também — por que não dizer — na adoção de técnicas mais evoluídas de administração empresarial.

Permitam-me repetir: nenhum país conseguiu jamais romper as barreiras do subdesenvolvimento sem sobrepujar o problema básico da produtividade, e o Brasil, já em marcha batida para a industrialização total, terá de resolvê-lo também, e a curto prazo, não só para vencer o descompasso já existente entre as duas áreas de sua atividade econômica, como ainda para acelerar o seu acesso ao clube das nações plenamente industrializadas e desenvolvidas.

A extensão territorial do nosso país, de dimensões continentais, e as suas condições ecológicas favoráveis para as mais diversas culturas são, talvez, os principais responsáveis pela tendência tradicional para a lavoura extensiva e de baixo rendimento, em vez da lavoura concentrada e de alto rendimento, como sucede compulsoriamente em outros países de menor território.

BASE PARA O DESENVOLVIMENTO

No entanto, um país que acusa um crescimento demográfico de 2 a 2,5% anualmente, o que se traduz em mais 2 a 2,5 milhões de consumidores a cada ano, produzir com elevado índice de produtividade, sobretudo quando se trata de alimentos, é condição fundamental para a sua sobrevivência, para o seu progresso e para a sua segurança.

No dia em que a agricultura brasileira alcançar os padrões de eficiência já atingidos em outros países, e até mesmo em certas áreas da indústria nacional, então o País terá adquirido uma base sólida para o seu desenvolvimento e para o bem-estar social, como ocorre hoje nos Estados Unidos, a maior potência indústrial do mundo, e que repousa a sua pujança dos altos padrões de sua agricultura e de sua pecuária.

Mas, tentemos chegar ao fundo do problema da produtividade, para melhor compreendê-lo.

Imaginemos um indivíduo que se dispuzesse a realizar determinada tarefa apenas com o auxílio de suas mãos. É evidente que ele teria uma capacidade de realização muito limitada, embora pudesse aumentá-la graças à habilidade adquirida, eis que a memória faria então incorporar à sua atividade o fruto de suas experiências passadas e lhe indicaria maneiras de melhor aproveitar a sua energia, tornando mais fecundo o seu esforço.

Ajudado, porém, ainda que um pouco pelo que chamamos **capital**, poderá esse mesmo indivíduo dispor de uma máquina que se desloque, corte, carregue, um implemento enfim que realize, com um mínimo de esforço humano, algumas operações que virão multiplicar as suas aptidões naturais, aumentando-lhe a capacidade de produzir, a sua produtividade.

CONCLUSÕES FUNDAMENTAIS

Este quadro que apresentamos intencionalmente de modo assaz simplificado, permite-nos, no entanto, que cheguemos a duas conclusões fundamentais:

— a primeira é que sucessivas experiências podem ensinar aos indivíduos métodos cada vez mais eficientes para a economia de suas energias, acelerando a sua aplicação;

— a segunda é que o emprego ótimo da energia humana exige o conhecimento de técnicas cada vez mais apuradas.

Nessa altura, vem a propósito o exemplo clássico daquele náufrago perdido numa ilha deserta do Oceano Pacífico e que, com habilidade e tenacidade, consegue criar um ambiente quase civilizado, e que só pôde fazê-lo porque tinha com ele um **capital**, que conseguira salvar do naufrágio, representado não só por armas e ferramentas, mas ainda pelo conhecimento que tinha de técnicas apuradas, próprias da cultura dos habitantes de seu país de origem.

E assim chegamos a uma terceira conclusão, talvez de todas a mais importante: o capital básico e fundamental é o grau de educação de que é dotado o in-

divíduo e, por extensão, o país em que vive, tanto mais que o valioso instrumental moderno posto à disposição da produção exige da mão-de-obra que lhe há de imprimir direção e movimento, uma aplicação cada vez maior de inteligência e de conhecimentos especializados.

Senhores Produtores:

Voltando a considerar o problema da produtividade do ponto de vista específico da agroindústria canavieira, temos de reconhecer que ele se nos apresenta com a maior gravidade e não teremos dúvida em classificá-lo como o ponto crucial de todas as dificuldades com que se defrontam os nossos produtores.

UM LONGO PERCURSO

Há, no setor agrícola, um rol infindável de degraus a vencer, desde a busca de melhor rendimento do nosso cortador braçal, preso ainda a processos rotineiros, até a adoção racional da mecanização, num programa que não acarrete problemas sociais e desemprego, abrangendo todas as operações de corte, carregamento e transporte de cana até a esteira da usina. Ao lado disso, a substituição paulatina das variedades cansadas por outras de alto rendimento e menos sensíveis às pragas, melhoria das técnicas adotadas no preparo do solo, a irrigação onde esse processo for aconselhável, enfim todos os recursos que a tecnologia moderna põe ao alcance do homem para valorizar o seu trabalho.

É quando comparamos os índices de rendimento de nossa lavoura canavieira com os de outros países produtores, inclusive latino-americanos, que somos levados a reconhecer que estamos inteiramente inferiorizados no tocante à produtividade e que, apesar de ser o Brasil o maior produtor de açúcar de cana, em termos mundiais, temos ainda um longo caminho a percorrer, antes que os nossos plantadores de cana consigam alcançar os índices de lucratividade já obtidos naqueles países.

E não devemos esquecer que lucros mais elevados significam não só prosperidade da classe empresarial mas ainda, e sobretudo, melhores salários, no campo e nas usinas, significa bem estar social, com a proscrição da pobreza, dos antagonismos sociais, significa enfim mais um passo dado na direção apontada pelo nosso Presidente ao reafirmar que "o homem é a meta de todo planejamento econômico."

Senhores Produtores:

O Instituto do Açúcar e do Álcool não poderia ficar insensível e omisso ante uma iniciativa de tão alta importância para a agroindústria canavieira nordestina e, por isso mesmo, aqui estamos para trazer o nosso apoio à **Campanha da Produtividade**, em boa hora lançada em Pernambuco, pelo BANCOPLAN.

Se o Governo, como é do conhecimento público, já vem procurando fazer a sua parte, investindo vultosos recursos no PLANALSUCAR, cuja organização, metodologia e eficiência já são internacionalmente reconhecidas, forçoso é admitir que a tarefa é gigantesca e não pode dispensar a colaboração da empresa privada.

RESULTADOS POSITIVOS

Estamos certos de que resultados positivos serão colhidos em curto prazo, graças à objetividade com que foram estabelecidas as bases do movimento que hoje se inicia, e cujo completo êxito dependerá certamente da sua continuidade, no futuro.

Hoje, estamos dando apenas o primeiro passo do que há de ser uma longa caminhada, mas devemos ter em mente que uma longa marcha, por maior que seja, há de começar sempre, por um primeiro passo...

Antevejo, desde já, os Canavieiros do Ano ostentando com orgulho os seus títulos de vencedores e sendo apontados como padrão de eficiência a todos os produtores que, aqui no Nordeste como no Centro-Sul, mourejam na cotidiana e árdua labuta dos canaviais, desses verdes canaviais que assim já foram cantados por José Oiticica:

E ao clarão tropical das manhãs purpurinas, / Rociadas, abrem no ar as folhas verde-gaio... / Canas que vão dar vida aos bangüês e às usinas/

Muito obrigado.

FREYRE: AÇÚCAR FOI MÃE DE QUATRO OU CINCO CIVILIZAÇÕES CRIADAS NO BRASIL

Palavras do escritor Gilberto Freyre, no lançamento dos concursos da Produtividade — **Prêmio General Alvaro Tavares Carmo** — e sobre o Nordeste Canavieiro, **Prêmio Gilberto Freyre** — instituídos pelo BANCOPLAN, em cerimônia pública na sede do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

Muito me honra José Mário de Andrade, líder tão atuante no Brasil de hoje, inteligência tão lúcida de homem de ação, figura tão brasileiramente simpática dentre aqueles bons plantadores de cana de Pernambuco que constituem a Cooperativa de Crédito — grêmio de homens solidariamente ligados à mais tradicional e mais nobre das atividades da sua gente — instituindo um Prêmio com o meu nome. Um Prêmio que visa "estimular os estudos sócio-econômicos sobre a zona canavieira". Ao mesmo tempo, outro Prêmio é instituído, este com o nome ilustre de Alvaro Tavares Carmo, Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, destinado a estimular, entre aqueles plantadores, práticas racionais no plantio da cana.

Se existe sociologicamente o que Sylvio Romero, mestre admirável, chamou, certa vez, de açucarocracia, à base dessa operosa elite têm estado, desde os remotos dias em que Pernambuco começou a produzir açúcar, os plantadores de cana. Pois é evidente que sem cana plantada em massapê, Pernambuco não teria se tornado, como se tornou na própria madrugada do século XVI, o produtor do melhor açúcar brasileiro. O de mais fama na Europa pelo seu sabor. O que mais concorreu para dar ao Brasil um primado, que duraria longo tempo, entre os tropicais fornecedores a europeus de um açúcar já mais alimento essencial que simples remédio vendido em botica. Produto que, firmando-se como artigo de primeira qualidade, nos melhores mercados europeus daquele velho século, tornou possível a emergência, nestas terras tropicais, de uma civilização que se antecipou em primores de vida nobre a quantas se desenvolveriam no Brasil colonizado por gentes portuguesas.

QUATRO SÉCULOS DE CANA

Não há nessa afirmativa nem retórica das vãs nem exagero bairrista, ou

mesmo barrista, se se considerasse o que há de barro nos massapês avermelhados merecedores da melhor gratidão pernambucana. Pois é desse massapê de onde há quatro séculos brotam canas de um verde inconfundível: o chamado verde cana. O verde dos canaviais. O verde das bandeiras como são conhecidas aquelas inflorescências da cana que vêm sendo, em Pernambuco, uns como estandartes que anunciassem, brotando da terra, o próprio ânimo pernambucano de lutar, de resistir, de persistir contra todos os obstáculos. Pois outra não tem sido a história de Pernambuco: da sua economia, da sua gente, da sua cultura, senão uma história de persistência, dado o fato de que, para os pernambucanos, nunca têm sido fáceis os triunfos nem doces as vitórias nem sem esforço as conquistas em qualquer setor de atividade humana.

Se aqui madrugou uma, para os trópicos, tão precoce civilização abrilhantada de valores europeus, não surgiu ela como por mágica de terras e de rios selvagens que precisaram, eles próprios, de ser domados por portugueses e por africanos com o auxílio valioso do indígena aculturado do homem e, sobretudo, da mulher, da cunhã, desde cedo colaboradora dos civilizadores. Amantes e até esposas de vários deles, mães de muitos, avós de muitíssimos, e já com seus sangues misturados aos de europeus, senhoras de engenho, sinhás de pés alancariamente pequenos, iaiás fazedoras de tapiocas e de beijus, de vinhos de caju, de licores de maracujá. Ancestrais de militares ilustres, de estadistas famosos, de sacerdotes insignes, de eruditos sabedores de latim e escritores de português do melhor. Uma delas, tetravó do próprio primeiro Cardeal da América Latina, o pernambucaníssimo Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, descendente de Maria do Espírito Santo Arcoverde.

FORÇA DE UMA CIVILIZAÇÃO

Esta a força da civilização eurotropical que se desenvolveu em Pernambuco à sombra de casas-grandes junto a canaviais imensos e a rios pequenos. Pequenos, porém aliados valorosos dos civilizadores. Foi uma civilização de início, ao mesmo tempo que importadora dos mais finos valores europeus, domadora mas não destruidora de valores selvagens. De gentes, de terras, de águas agrestemente fecundas e como que à espera de quem as fecundasse, domando-as mas também amando-as: amando mulheres, amando terras, amando águas. Não fosse esse amor e o domar de energias tão agrestes teria sido brutal, com os europeus dominando sozinhos do alto de casas-grandes gentes a que, entretanto, souberam se unir, tornando-as também participantes da civilização que a cana de açúcar tornou possível.

Da civilização do açúcar, que teve sua base principal na capitania por excelência açucareira de Duarte Coelho e de Dona Brites — a primeira mulher governadora na América depois de descoberta por europeus — não há inexatidão em dizer-se que foi a mãe de quatro ou cinco outras civilizações que se desenvolveriam no Brasil tendo seus redutos em casas-grandes patriarcais com capelas, em sobrados também patriarcais, em conventos franciscanos, em colégios de jesuítas: a civilização do couro ao tornar-se estável; a civilização do cacau; a civilização do algodão; a civilização do ouro; a civilização do café a civilização da borracha. A civilização do café tornou-se rival da do açúcar, assimilando da do açúcar valores já desenvolvidos por uma açucarocracia, que ao novo império forneceria escravos já brasileiros para trabalharem nos cafezais e bacharéis em Direito e doutores em Medicina para se tornarem genros das grandes famílias patriarcais senhoras desses cafezais. A civilização do açúcar foi, em muita coisa, mestra da civilização do café. Mestra. Educadora. Modelo para essa outra grande e imperial civilização brasileira, com a qual se firmaria o prestígio do Brasil nos mercados mundiais.

NOVOS SURTOS DE PRESTÍGIO

A mãe, a mestra, a pioneira não pode senão orgulhar-se de vir tendo continuadoras tão valorosas. Não deixou de ser ativa. Não vive hoje só de um passado ilustre. Resiste. Persiste. Acompanha, agora mesmo, novos surtos de prestígio dos produtos de cana nos mercados mundiais: renovado o prestígio do álcool, entre outros. O prestígio do bagaço de cana como matéria-prima para o fabrico de

tanto artigo civilizado, a começar pelo papel. O ampliado prestígio do próspero açúcar, inclusive em conexão com as indústrias de frutas tropicais em sucos ou em conservas.

Agradeço à Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, particularmente ao seu líder, Dr. José Mário de Andrade, a honra que hoje me concedem dando o meu nome de simples escritor a Prêmio tão significativo. Que esse Prêmio cumpra do melhor modo a sua missão. Que desperte ânimos criativos entre jovens estudiosos de assuntos brasileiros fazendo-os pesquisar e interpretar aspectos ainda virgens da presença do açúcar na formação do nosso País. É preciso que não se abandone o estudo de matérias brasileiras à exclusiva curiosidade ou simpatia de inteligências estrangeiras por esses assuntos. Bom que essas jovens inteligências de além-mar colaborem com as nacionais nesse estudo, nessas pesquisas, nessas interpretações. Mas sem nos esquecermos de que há, nos assuntos mais brasileiros, particularíssimas particularidades que só os nascidos ou crescidos no Brasil conseguem — raras as exceções — captar ou aprender, além de interpretá-las brasilcentricamente. E não eurocentricamente. Ou ianquecentricamente. Ou nipocentricamente.

UM ASSUNTO FASCINANTE

O Prêmio agora instituído pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco é iniciativa que vem concorrer para prestigiar estudos brasileiros de assuntos brasileiros. No caso: a presença do açúcar na formação e na atualidade do Brasil. Suas perspectivas. Suas implicações. Seus possíveis futuros.

Que assunto mais fascinantemente brasileiro? Ou mais germinalmente pernambucano? Ou mais ligado ao Nordeste em fase de reabilitação?

A iniciativa da Cooperativa junta, assim, ao que nela é sentido especificamente intelectual, outro sentido: o construtivamente brasileiro. O estímulo a estudos brasileiros por jovens — ou provetas — inteligências brasileiras.

Agora, uma pergunta: por que o nome de um estranho ou inclassificável escritor dado a Prêmio tão expressivo? O que sugere associação específica desse inclassificável escritor aos propósitos que animaram a criação do Prêmio e o motivaram?

Decerto, por haver nele um já antigo estudioso de temas ligados à civilização brasileira do açúcar de base principalmente pernambucana. Mais: por vir procurando dar a esses estudos a configuração de uma Sociologia do Açúcar.

É ele um sociólogo um tanto diferente dos convencionais. Que admite, ele próprio, ser ântes um saciólogo que um sociólogo no sentido de seguir, no versar de temas sociológicos e antropológicos, intuições pessoais e observações diretas; e de combinar métodos nunca dantes combinados de preferência a seguir teorias já estabelecidas, métodos inteiramente puros, técnicas de todo ortodoxas. Um escritor que vem quase criando uma sociologia adaptada à sua condição de escritor. Poderia até repetir Unamuno: "No quiero engañar a nadie en dar por filosofia lo que acaso no sea sino poesia e fantasmagoria, mitologia en todo caso". Mais poderia repetir também do inclassificável espanhol de Salamanca: "Nunca pasaré de un pobre escritor mirado en la republica delas letras como intruso y de fuera por ciertas pretenciones de cientifico y tenido en el imperio de las ciencias por un intruso también a causa de mes pretenciones de literato".

O que espero é, uma vez desaparecido, encontrar um Julian Marias que surpreenda nos meus pobres escritos um pouco do que Marias vem surpreendendo nos de Unamuno: a presença de alguém que através de um método talvez mais essencialmente poético que convencionalmente científico de interpretação da realidade humana, viu, sentiu e pensou coisas novas, ou insuspeitadas, sobre a mesma realidade. tendo sido, portanto, a seu modo e dentro dos seus limites, um criador; e viu, sentiu e pensou, além disso, de nova forma, coisas antigas; e não somente viu, sentiu e pensou tais coisas, umas novas, outras de modo novo, como fez que outras as vissem, as sentissem e as pensassem.

Sou dos que pensam que é possível desenvolver-se uma história sociológica — existencialmente sociológica — através de métodos empáticos com que o autor

participe, ou tente participar, de vidas, porventura simbólicas, de umas tantas figuras já desaparecidas nas quais se teriam encarnado de modo mais típico tendências ou situações ou idealizações — mitos, até — características de uma época ou de uma cultura. Sob esse critério, creio ter sido o primeiro a destacar, — no remoto ano de 1925 — como figuras simbólicas de longos e significativos períodos de existência brasileira, o menino de engenho; a sinhá de casa-grande; o bacharel mestiço ou pobre, em ascensão social; o "amarelinho" — este um mito feito carne. Isto para citar três ou quatro exemplos e para sugerir as possibilidades do método empático quando utilizado em obras de história existencialmente sociológica.

Se acabei resvalando, neste desajeitado discurso de quem procura agradecer uma tão inesperada honraria, em plena e talvez inoportuna autobiografia, falando deselegantemente do meu próprio modo de vir observando, pesquisando, procurando aprender, captar — inclusive pelo desenho auxiliar da escrita — realidades tanto obscuras e até secretas como ostensivas, é que a tanto fui provocado pela própria honraria que desde hoje me enobrece: iniciativa dos plantadores de cana de Pernambuco. Gente que sinto ser profundamente minha. Dos antigos da minha família, quer dos maternos, quer dos paternos, vários é o que foram: plantadores de cana. Lembro-me de, menino, ter brincado mais de uma vez de plantar cana. O verde dos canaviais é o mais querido dos meus verdes. O mais lírico. O mais telúrico. Mais de uma vez tenho procurado, sem o conseguir, reproduzi-lo em pobres aquarelas e em deficientes óleos. Longe do Brasil, quando saudoso, é o que vejo ao fechar os olhos de quem, ao muito ver, ao muito observar, ao muito procurar compreender, vendo com os próprios olhos, tem juntado um muito sonhar acordado.

Inclusive sonhar acordado com um Brasil cada vez maior é melhor, sem deixar de ser, no essencial, Brasil. Sem repudiar suas tradições. Sem rejeitar o que há de bom e de belo nos seus passados. Sem desviar-se dos seus rumos. Sem deixar de plantar; de lavrar, de colher para apenas levantar grandes e, decerto, necessárias fábricas ou indústrias.

O Prêmio agora instituído pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, com o nome do fundador do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, deve ser considerado homenagem muito menos a esse indivíduo, em particular, que a essa instituição como um todo. Instituição já conhecida e, em alguns meios já consagrada, dentro e fora do País, como pioneira, no Brasil dos nossos dias, da valorização do trabalhador das áreas agrárias, principalmente as canavieiras, do Norte e do Nordeste brasileiros. Como valorizador do homem que continua a tornar economicamente válida a produção do açúcar nessas regiões.

PESQUISAS DO INSTITUTO NABUCO

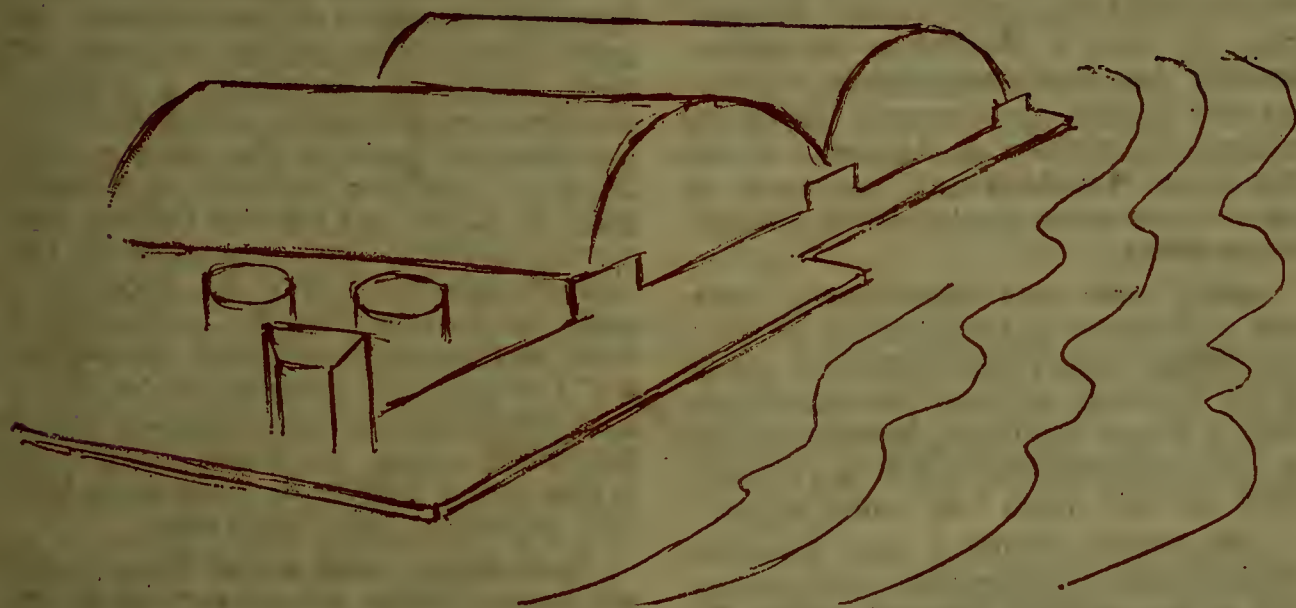
É matéria sobre a qual o Instituto Nabuco já promoveu pesquisas que se tornaram notáveis e até clássicas. Entre elas, a relativa às migrações, no Nordeste, para o Recife, cidade por isto mesmo, como já foi classificada, antes inchada morbidamente que desenvolvida saudavelmente. Várias outras pesquisas, de igual importância, poderiam ser recordadas pelo que nelas tem sido lúcida antecipação, cabendo ao Instituto Nabuco a não sei se diga glória intelectual de ter dado o primeiro clamor contra a poluição de rios brasileiros. À glória de ter pioneiramente salientado a importância, para o Nordeste e para outras regiões do Brasil, dos desequilíbrios ecológicos. Foi no Instituto Nabuco que começou-se a falar no Brasil em ecologia como tema científico-social. E ainda este ano foi do Instituto Nabuco que partiu a articulação do primeiro esforço da comunidade pernambucana para analisar-se, recuperar-se, preparar-se contra possíveis futuras desgraças, em face da terrível experiência da supercheia de julho.

Antecipou-se o Instituto Nabuco em procurar atrair atenções oficais e de particulares e das Igrejas, para as precárias condições de vida e de trabalho das populações nordestinas engajadas em atividades agrárias. Foi por vezes mal compreendido nessa sua atitude. Promoveu a já famosa Semana durante a qual reuniram-se personalidades e de grupos tão diversos ligados à lavoura da cana e à indústria do açúcar. Não tem cessado em clamar contra abusos de particulares e

omissões de governos com relação ao Homem da zona canavieira do Nordeste: a assistência a que esse Homem tem direito. Que lhe é devida. Que não lhe deve ser dada como caridade ou graça ou favor.

NOVO VIGOR

O Prêmio agora tão oportunamente instituído pode dar novo vigor a causas que o Instituto Nabuco vem defendendo com o seu melhor afã. São causas que o Instituto Nabuco vem defendendo à base de estudos esclarecedores. De pesquisas cientificamente válidas. De interpretações em que à ciência se vem juntando o humanismo. Compreende-se assim que, ao desentranhar-se o Museu do Açúcar do Instituto do Açúcar e do Álcool, o Presidente Tavares Carmo, sempre tão esclarecido, tenha sido dos que pensaram, no que seria apoiado pelo eminente Ministro Severo Gomes, que deveria ser integrado ao Instituto Nabuco. Integração que só depende agora do Congresso Nacional, o complexo canavieiro, tão ligado ao futuro quanto ao presente e ao futuro do nosso País, continua a precisar de esclarecimentos, de pesquisas, de interpretações. Tornou-se evidente que o Instituto Nabuco não surgiu nem vem sobrevivendo como um luxo intelectual. Ou como um organismo apenas burocrático.

É um centro de onde vem irradiando vida: ciência ligada à vida. Ciência a serviço da região e do País. Ciência reclamada pelo desenvolvimento brasileiro. O qual não deve ser apenas mecanicamente econômico ou tecnológico. Precisa de ser principalmente humano. Com o homem valorizado acima das coisas. Ponto tão importante no programa de governo do Presidente Ernesto Geisel. E com razão. Sem a valorização, a defesa, a promoção do Homem brasileiro, de que vale o desenvolvimento só das coisas? Ele é a alma do desenvolvimento brasileiro. E como dizem, com sua sabedoria, as Escrituras: de que vale conquistar-se o mundo, perdendo-se a alma?

PRODUTIVIDADE, INSTRUMENTO PODEROSO DE CONQUISTA E PERMANÊNCIA DO BRASIL NOS MERCADOS MUNDIAIS

Pronunciamento do Presidente do BANCOPLAN, José Mário de Andrade, no lançamento da **Campanha da Produtividade**, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

Pernambuco canavieiro e Pernambuco açucareiro aceitaram o desafio lançado pelo Governo do eminente estadista Presidente Ernesto Geisel e, neste instante, oportunamente entre os Estados canavieiros do Brasil inaugura a CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE para, unindo fornecedores de cana e produtores de açúcar, técnicos das empresas privadas e técnicos dos órgãos do Governo, apoiar os esforços do Instituto do Açúcar e do Álcool e do PLANALSUCAR na busca de maiores índices de produtividade nas próximas safras.

Nossa meta está bem definida, com uma consciência pragmática, de realismo pragmático: atingir um rendimento médio de 85 toneladas de cana por hectare até 1980. E é uma meta bastante conservadora, pois pretendemos chegar a 110 toneladas em um futuro não muito longe.

Não haveria melhor e mais adequada moldura para o lançamento desta campanha e dos prêmios **General Alvaro Tavares Carmo**, junto aos produtores de cana, e **Gilberto Freyre**, entre os ensaístas brasileiros, do que esta casa, centro de cultura e de saber e centro de experiências e experimentos no campo das ciências do homem, internacionalmente respeitada e admirada.

PIONEIRISMO

Pois, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e do seu fundador, Gilberto Freyre, têm partido algumas das mais inovadoras, corajosas e pioneiras iniciativas brasileiras no campo das Ciências Sociais, desde os dias em que o ainda jovem brasileiro, voltando da Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, inaugurava no Recife, com o apoio de um pernambucaníssimo Senhor de Engenho, o então Governador Estácio Coimbra, a cátedra de Sociologia na antiga Escola Normal e, mais tarde, prolongando-se no estudo sistemático das condições de vida do trabalhador rural, no Norte Agrário do Brasil, com o projeto de criação do Instituto, aprovado pelo Congresso.

Esse arrojo, esse pioneirismo — que são características entranháveis deste Instituto — mostram, sobejamente, que a nossa Civilização, a brasileira, saída dos grandes impulsos criadores dos bandeirantes, tem como marca especial o espírito, o elã, o ânimo dos primeiros desbravadores.

Na reforma Carneiro Leão do ensino em Pernambuco, da qual Gilberto Freyre foi arrojadamente responsável, cabia não apenas o estudo do meio, mas também das condições que hoje chamaríamos de ecológicas e dos recursos ou possibilidades locais, inclusive as da zona da mata. A introdução do ensino da Sociologia em Pernambuco, pioneiramente em todo Brasil, inaugurava um modernismo da década dos 20, que merece o destaque mais relevante. Um ponto de partida para estudos que, mais tarde, se estenderia a outros centros brasileiros: a São Paulo com Donald Pierson; ao Rio com Georges Balandier e Gurvich. E voltariam ao próprio Recife, dentro do projeto do Instituto Joaquim Nabuco e no projeto de criação da sua Universidade Federal.

Aqui, hoje, Presidente Alvaro Tavares Carmo, escritor Gilberto Freyre, Pernambuco inicia uma outra reforma, de repercussões igualmente profundas e destinada a criar um marco histórico na economia e na agricultura da Cana-de-Açúcar e na própria Indústria Açucareira da Região: a reforma do campo pela produtividade.

REFORMA

Pela primeira vez, plantadores de cana, unidos a empresários do açúcar, conscientizam-se no Nordeste da necessidade de empreender, com apoio do I.A.A. e PLANALSUCAR, ampla, radical e conseqüente reforma nos métodos de cultivo da cana, pela busca de maiores índices de produtividade, o que equivale a dizer, pela substituição de processos de amanho da terra, de variedades improdutivas por outras mais produtivas e mais ricas em sacarose. Uma reforma que deveria ter começado ontem; e que se começa hoje, prosseguirá no amanhã das safras e das gerações de plantadores arraigadas ao solo de Pernambuco como a própria cana e mantenedoras da economia e da cultura deste pedaço do Brasil.

O BANCOPLAN, quando decidiu optar por engajar-se nesta campanha, no trabalho didático junto aos fornecedores, conscientemente extrapolou de suas funções estritamente bancárias para adaptar-se a uma exigência do mercado, em função da sua estrutura cooperativista. É esse o ideal cooperativista que nos anima, pois estamos conscientes de que, através do seu fortalecimento, poderemos conseguir, a curto prazo, transformações na base da agricultura e tornar a nossa atividade mais competitiva, quer no plano interno, quer no plano externo.

Desde os tecelões de Rochdale, o ideal cooperativista frutificou e no Brasil há exemplos admiráveis, ao lado de fracassos igualmente notáveis, mas continuaram a vigorar as normas básicas e de proporcionalidade nas relações dos cooperados entre si e com a entidade que constituem. Esta a política do BANCOPLAN: um tratamento igualitário, sem discriminações e privilégios, a todos os seus associados.

Nossa meta mais ambiciosa é cooperar todos os fornecedores de cana do Estado de Pernambuco, das suas variadas sub-regiões, que totalizam quase seis mil. Não nos move nenhuma ambição de ordem político-partidária, nenhum objetivo de cunho personalista, nenhum apetite de poder. Fomos convocados pela classe para dar conta de uma tarefa, executar uma missão, e o estamos fazendo com um ânimo e um zelo de clérigo — de clérigo, como diria Juliem Benda, que não quer nem deseja trair a sua vocação. Até diria, com zelo quase apostólico, compensado e realizado nos frutos de sua missão.

BATALHA

A batalha da produtividade interessa-nos tanto quanto a política de preços, na sua revisão periódica imprescindível diante do fenômeno inflacionário. Se esta nos absorve do dia a dia das contas irrecorríveis e dos números alarmantemente altistas dos insumos que interferem no processo produtivo da cana, a outra — a batalha da produtividade — nos empolga, porque tem no seu bojo um conteúdo de permanência, de durabilidade, aquilo que Bergson chamava a **durée** das coisas e que, na física, nos é dado observar pela decantação.

É o que fica de permanente, de estável, acima das flutuações dos preços e que respalda, economicamente, a cultura da cana-de-açúcar, além da contingência financeira dos preços, no mercado. É o que sustenta a atividade produtiva do plantador a largo prazo.

Disso estamos conscientes. Como também sabemos que a situação atual da produção brasileira de cana registra um rendimento em torno de 50 toneladas por hectare, índice medíocre, se comparado com o rendimento da cana na Austrália — que começou muito depois de nós, atingindo 85 toneladas por hectare. Pois, em 1980, é que pretendemos chegar a esse nível, liberando terras para a produção alternativa de outras culturas ou para a criação confinada, com uma redução provável da área plantada, mesmo considerando as perspectivas do Plano Nacional do Álcool.

A criação do PLANALSUCAR veio responder, ao lado do Governo, a uma preocupação com a oferta de novas variedades de cana, mais resistentes às doenças e mais ricas em sacarose; e alguns resultados já se podem constatar nos experimentos das estações setoriais que servirão para toda a área canavieira do Nordeste e de outras do País.

Faltava a reação dos fornecedores, principalmente agora que as fábricas de açúcar do Nordeste e do País estão reequipadas e modernizadas, com o apoio que o Instituto do Açúcar e do Álcool e o Banco do Brasil vêm oferecendo. É a hora de cuidar-se, mais intensamente, do setor agrícola, promovendo, com base nos estímulos financeiros do Governo, a reforma tecnológica no campo.

Pois o açúcar — repita-se o **slogan** — antes de ser produzido nas fábricas tem de ser produzido no campo, pela oferta de variedades ricas em sacarose cuja seiva possa influir no rendimento industrial das usinas.

RENDIMENTO

Um rendimento industrial de 92 kg por tonelada de cana esmagada é ainda insuficiente, embora satisfatório, se no campo uma produtividade mais alta nos garantisse uma matéria-prima adequada e de alto teor de sacarose. Com esse mesmo rendimento industrial, na mesma área plantada, poderíamos talvez, atingir mais de doze milhões de toneladas de açúcar, quase o dobro da nossa produção atual.

E não se pense que estaremos produzindo um produto de futuro gravoso, pois, além das perspectivas de aumento do consumo interno per capita de açúcar, há uma demanda progressivamente crescente nos mercados mundiais, e, agora, toda uma gama de utilização do açúcar e de outros derivados da cana na indústria química e também do álcool na mistura carburante, projeto — este último — já oficializado pelo Governo. Repetimos, aqui, uma conotação do General Alvaro Tavares Carmo, feita sobre declarações do Prof. Melvin Kavin, Prêmio Nobel de Química, em 1961, em Brasília: "O Brasil é o único país do mundo com capacidade para a realização de um plano energético da cana-de-açúcar, não como um substituto do petróleo, mas como um adicional, embora possa tomar o seu lugar em cem anos".

O **Prêmio General Alvaro Tavares Carmo** traduz o interesse dos órgãos dos fornecedores de cana — o BANCOPLAN, a Associação dos Fornecedores e o Sindicato dos Cultivadores — e dos industriais do açúcar, em conjugar a ação da iniciativa privada ao interesse do Governo, que comercializa a produção, no sentido de conseguir, nas próximas safras, aumentar substancialmente os índices de produtividade nas zonas produtoras de cana do Estado, através de sistemas de aferição e avaliação desenvolvidos por técnicos das entidades de classe e de órgãos oficiais, no próprio campo. Estamos certos de que responderemos ao desafio do Governo e de que contaremos nas duas frentes — os reajustes de preços em função de custos e os aumentos da produtividade — com instrumentos poderosos de conquista e permanência do Brasil nos mercados mundiais.

Nenhuma homenagem mais justa do que ter como patrono desse prêmio o General Alvaro Tavares Carmo, a quem, para usar de uma expressão Gilbertiana, consagrada pelo uso e do melhor sabor antitético à la Luís Vives, é um, "homem de Estado e homem de estudo". Modesto, mas honesto e a quem o Brasil canavieiro e açucareiro deve, nos últimos anos, o estímulo de uma personalidade vigorosa, de um administrador capaz e de um empreendedor lúcido, cujas conquistas para a comercialização dos açúcares produzidos pelo nosso país, ainda não foram suficientemente proclamadas.

Gilberto Freyre — orientador de gerações, formador de consciências a serviço

da Nacionalidade — é o patrono do prêmio que consagrará os melhores ensaios sobre os quatro séculos e meio da cultura da cana no Brasil, na divulgação das análises e dos estudos críticos sobre a contribuição da civilização do açúcar à formação cívica e de família do brasileiro.

Repetindo Anísio Teixeira, "tenhamos a agradável coragem de reconhecer em Gilberto Freyre a grandeza que o futuro lhe irá reconhecer, em seu retardado processo de canonização. E o ajudemos a ser ainda maior, aqui, mesmo, entre nós e no nosso tempo, com a nossa quente e vibrante admiração".

FESTA DO ESPÍRITO

Mas esta não é uma festa apenas do espírito, mas um acontecimento de Empresa. Nos próximos dias, as equipes técnicas do BANCOPLAN, constituídas em novos quadros, com o apoio financeiro e respaldo técnico do Instituto do Açúcar e do Álcool, estarão promovendo os encontros canavieiros da zona da mata para difusão através de modernos métodos de comunicação, das mais adequadas práticas agrícolas na cultura da cana, junto aos fornecedores. Mais tarde esse trabalho de extensão mostrará os resultados da introdução de novas variedades — nas próximas safras — nos engenhos escolhidos para instalação de campos de demonstração e experimentação. Através do **Método Dias de Campo**, levaremos aos plantadores os resultados, de visu, obtidos com o emprego de técnicas de adubação, calagem, tratos culturais, defesa do solo e uso racional de água, bem como indicaremos os rendimentos a serem obtidos com a introdução de novas variedades mais resistentes às pragas, mais adaptadas às condições da zona canavieira e mais ricas em sacarose, à medida que o PLANALSUCAR for liberando para cultivo intensivo e extensivo.

O nível dos homenageados demonstra nossa preocupação com o êxito dessa campanha. Campanha que não pertence a pessoas físicas: pertence a todos os nordestinos e a consciência deste novo tipo de homem desta Região que vive o dia a dia voltado para o futuro. Esta campanha foi a melhor resposta a este novo tipo de mentalidade.

Entrego neste momento o êxito desta iniciativa às autoridades constituídas, que serão os alicerces para que cheguemos à finalidade primordial de todo o trabalho do BANCOPLAN: demonstrar que Pernambuco vai responder à altura ao esforço nacional do Presidente Ernesto Geisel em busca de um Brasil moderno, dinâmico e voltado para o bem estar social de todos os brasileiros.

Todo nosso trabalho, toda nossa ação, toda nossa crença representa uma posição firme quanto ao destino da pátria onde vislumbramos horizontes econômicos e sociais que se ampliam e servem de indicadores seguros do desenvolvimento nacional.

EMPREGO DE MELHOR E MAIS ADEQUADA TECNOLOGIA NO ESTÍMULO AO AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

Paulo Tavares, Presidente do Conselho Administrativo e Deliberativo do PLANALSUCAR — Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar, e Diretor da Divisão de Assistência à Produção — DAP — do IAA, em pronunciamento durante o **Encontro da Produtividade,** Museu do Açúcar, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

Na qualidade de diretor do DAP e presidente do Conselho Administrativo do PLANALSUCAR, recebi, prazerosamente, a honrosa incumbência de coordenar a série de palestras e debates que constituem o lançamento desta campanha da produtividade. De parabéns está o BANCOPLAN, consciente de que, ultrapassando suas funções de assistência ao plantador no setor creditício, procura, num momento propício, conscientizá-lo da imperiosa necessidade de estimular o aumento da produtividade através do empego de uma melhor e mais adequada tecnologia.

A situação econômica internacional impõe às nossas exportações básicas, uma rápida expansão a curto prazo, e esta Campanha vem ao encontro das medidas especiais do Governo Federal através do MIC/IAA, visando acelerar o desempenho do nosso setor agroindustrial açucareiro.

Partindo esta iniciativa de uma classe que representa mais de 65% da economia produtiva deste Estado, cabe-nos na condição de técnico do IAA, registrar a nossa confiança no êxito de tão meritória Campanha, que, estamos convictos, irá repercutir intensamente em outras regiões canavieiras do País. De parabéns estão as demais entidades públicas e privadas que participam e prestigiam este Encontro. O resultado deste intercâmbio de idéias e proveitosa troca de pontos de vista, que coincide com as diretrizes da ação governamental no setor, nos leva a confiar no êxito desta nobre Campanha.

Há poucos dias, tivemos a grata oportunidade de lançar, em Belo Horizonte, as bases do Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar no Estado de Minas Gerais.

Aqui em Pernambuco, sua Exa. Gen. Alvaro Tavares Carmo, há pouco mais de

dois anos, implantava a Coordenadoria Regional Norte do PLANALSUCAR, que agora, lado a lado às classes produtoras, participará ativamente desta iniciativa, em boa hora encetada pelo BANCOPLAN.

Isto, Dr. José Mário de Andrade, representa para nós prova inconteste do ideal comum que no momento nos orienta e nos anima: o de fazer com que Pernambuco continui ocupando sempre posição de destaque no cenário açucareiro do País. Somos conhecedores das dificuldades naturais enfrentadas pelos produtores de cana desta região. Possuindo caracteristicas peculiares do ponto de vista agronômico, no que diz respeito ao cultivo da cana-de-açúcar, nem por isso o espírito combativo desta classe se arrefece. Ao contrário, lança-se à luta com esta nova e poderosa arma: a campanha da produtividade. Fatos como este é que nos levam a continuar confiando nos altos destinos deste querido Estado e na sua crescente e valiosa contribuição em favor da economia nacional.

Finalizando, na condição de Coordenador deste Encontro, resta-nos — além de felicitar os seus dignos promotores — expressar a nossa plena confiança no inteiro êxito de seu desiderato, em benefício da agroindústria canavieira pernambucana e com diretos e benéficos reflexos no parque açucareiro do país.

A todos, o nosso "Muito Obrigado" pelo honroso prestígio de suas presenças e valiosa participação nos trabalhos que ora se iniciam.

PRODUTIVIDADE, UMA CONSTANTE DO MUNDO ATUAL

Palestra do empresário açucareiro Gustavo Colaço Dias, na abertura da **Campanha da Produtividade**, no Museu do Açúcar, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

1 — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desenvolvimento econômico moderno apresenta uma diferenciação marcante das fases anteriores do progresso do mundo.

Enquanto nessas fases, o crescimento econômico teve lugar pela incorporação crescente dos fatores produtivos até então abundantes — terra e trabalho — com pouca utilização de capital, no momento atual, verifica-se uma extraordinária predominância do fator capital sobre os demais fatores.

Mais do que essa alteração nos coeficientes de combinação dos fatores produtivos, o desenvolvimento econômico moderno modificou o próprio conceito de capital. De um significado estático, no passado, representando instrumental capaz de ser acionado para levar fatores naturais ociosos para a tarefa da produção, o capital passou a representar, no presente, um colossal acervo de conhecimento acumulado — tecnologia — continuamente renovado, sempre voltado para induzir esses mesmos fatores a produzirem com maior eficiência.

Dois fatos provocaram essa importante modificação de conceito. De um lado, na medida em que o desenvolvimento econômico tinha lugar pela melhoria das condições de vida diminuíam as taxas de mortalidade e, pela formação de grandes aglomerados populacionais, cresciam as taxas de natalidade. De outro lado, em contrapartida, já escasseavam os recursos naturais disponíveis para serem incorporados à grande missão de alimentar fábricas e homens cada vez em maior número.

Diante de um crescimento demográfico vertiginoso e da substancial redução das disponibilidades dos fatores naturais, o homem teve, na sistemática busca da produtividade, a sua única saída. Era necessário produzir cada vez mais por unidade de fator utilizado. E não só isso, impunha-se a formação de estoques de tecnologia, seguidamente renovados, de forma a que não fosse surpreendido pela dinâmica das situações.

Essa notável transformação do quadro tecnológico do mundo ou dos meios de que o homem passou a dispor na sua luta pela produtividade não teve, porém, se analisado do ponto de vista setorial e geográfico, distribuição uniforme. Em termos setoriais essa transformação beneficiou, apenas, durante largo período histórico, a industrialização em processo. E só bem mais tarde, exatamente em função do crescimento populacional das cidades onde a industrialização tinha lugar, com a

conseqüente diminuição da mão-de-obra no campo, é que as primeiras modificações nas práticas agrícolas começaram a ocorrer. Do ponto de vista geográfico ela situou-se inicialmente naquelas áreas onde a nova grande revolução industrial tinha curso. E da mesma forma, depois de longo espaço de tempo, é que transbordou para as áreas com processo de desenvolvimento apenas iniciado e cujás disponibilidades econômicas básicas eram terra e trabalho.

A compreensão desses aspectos é fundamental para o entendimento do problema da produtividade nordestina e, em particular, açucareira.

2 — QUADRO DA PRODUTIVIDADE DO NORDESTE

Com o seu processo de desenvolvimento econômico iniciado muito mais tarde do que em outras áreas do País, apresentou a economia regional índices de produtividade bem inferiores do que aqueles alcançados pelas áreas onde o crescimento econômico teve início mais cedo. Esse quadro de produtividade envolvia todos os setores e, nesses setores, as diversas atividades econômicas.

Portanto, a baixa produtividade ou utilização em larga escala dos fatores econômicos naturais, terra e trabalho, não era uma particularidade de nenhum setor específico ou atividade econômica considerada isoladamente, mas uma constante de toda economia nordestina e resultava da inexistência de poupança suficiente para importar tecnologia ou formar uma tecnologia local.

Dessa forma a economia nordestina, no seu conjunto, apresentava relativa abundância de fatores naturais, relativa escassez de capital e, conseqüentemente, baixa produtividade por unidade de fator empregado.

Contudo, a evolução histórica da técnica e sua ação sobre o processo de desenvolvimento econômico, que havia operado seus efeitos, gradativamente, nos países desenvolvidos até atingir as surpreendentes taxas de produtividade atuais, estabelecia uma nova perspectiva para as áreas com processo de desenvolvimento apenas iniciado, como era o caso do Nordeste.

Assim sendo, as áreas menos desenvolvidas, em função do estoque já disponível de tecnologia no mundo, não precisavam, necessariamente, seguir o mesmo caminho de evolução tecnológica gradual que caracterizou o processo econômico nos países hoje desenvolvidos. Desde que houvesse, de um lado, capital disponível, de outro, possibilidades concretas de transposição de tecnologia existente, essa tecnologia podia ser obtida facilmente nas áreas já desenvolvidas.

O sistema de incentivos fiscais conhecido como 34/18, que correspondia a um processo de transferência de renda das áreas mais ricas para o Nordeste, permitiu a formação de poupanças e, dessa forma, passou a dispor o setor privado dos meios necessários a importação da moderna tecnologia. Restava apenas o problema da aplicação dessa tecnologia às condições locais.

Do ponto de vista do setor industrial o problema restringia-se, exclusivamente, à produtividade da força de trabalho, o que simplificava e reduzia a questão. Em termos sumários, correspondia à simples substituição de homens por máquinas bem mais produtivas. E essa substituição começou a ocorrer aceleradamente.

Num período de 5 anos, aproximadamente, verificou-se, por exemplo, uma extraordinária modificação no quadro de produtividade da indústria têxtil regional. Os modernos teares incorporaram-se às fábricas locais, que passaram a ganhar poder de competição com as demais áreas produtoras do País e do Mundo.

Da mesma maneira, a variável substituição de importação que vem impulsionando o processo de industrialização regional, por sua natureza estimuladora da formação de sistemas econômicos competitivos, permitiu a formação de um novo parque industrial igualmente apto à concorrência. Assim, toda indústria de bens de consumo duráveis que aqui está se implantando é tão ou mais produtiva do que a existente em outras áreas.

Do ponto de vista do setor agrícola, porém, a simples transferência de tecnologia, mostrou-se ineficaz. Aí estavam envolvidos aspectos ecológicos e peculiaridades locais que complicavam bastante o problema. Toda tecnologia agrícola moderna foi criada em função das condições

ecológicas dos países de origem e de suas necessidades. Assim, por exemplo, a mecanização agrícola foi imaginada para trabalhar em solos planos e só quando as pressões mundiais por alimentos e matéria-prima, reclamaram a incorporação ao processo produtivo, das áreas acidentadas, inclusive dos países desenvolvidos, começaram a surgir as alternativas de aplicação da mecanização agrícola também para essas áreas.

Dessa forma, enquanto o aumento da produção industrial verificou-se pela melhoria efetiva da produtividade, apresentando no período de 1964 a 1972 uma elevação em torno de 95% (SUDENE — D.I.), o crescimento da produção de mais terra e mais mão-de-obra, conseqüentemente, com redução dos índices de produtividade.

Em termos práticos a produção agrícola do Nordeste tem crescido cada vez com menor rentabilidade e é quase certo, desde que não ocorra modificação profunda nas relações de combinação dos fatores produtivos, com grande afluxo de capital, que a produção agrícola regional entre em declínio, mesmo em termos absolutos. A modificação geográfica da estrutura da população regional, com o fenômeno de urbanização que tem acompanhado o crescimento industrial, impossibilita a continuação, por mais tempo, do processo de incorporação de novos contingentes de mão-de-obra à produção agrícola.

Neste contexto geral da produtividade da economia regional, situação singular ocupa a economia do açúcar.

3 — QUADRO DA PRODUTIVIDADE NO SETOR AÇUCAREIRO

Durante certo período, os comparativamente inferiores índices de produtividade da economia açucareira nordestina, eram apresentados por alguns "analistas", intencionalmente desavisados, como sinal marcante da incapacidade daqueles que tinham a responsabilidade de conduzir a tarefa da produção na região — industriais de açúcar e fornecedores de cana.

Esqueciam deliberadamente esses "analistas" de que a economia açucareira era um simples seguimento da economia regional e que a baixa produtividade dos fatores eram uma constante dessa economia.

Assim, enquanto uma economia globalmente forte não admitiria a existência de atividade econômica de baixa produtividade, pois faltaria a essa atividade poder de concorrência no mercado de fatores, uma economia, no seu todo, debilitada, não aceitaria a existência de uma atividade isoladamente eficiente, pela pressão que a abundância dos fatores naturais exerceria sobre essa atividade.

Casos típicos das economias açucareiras da região Centro-Sul e Nordeste. Enquanto a primeira nasceu já disputando terra e trabalho, com atividades agrícolas fortes e com um setor industrial altamente produtivo, a segunda expandiu-se pressionada pela abundância de fatores naturais.

Esqueciam também os mesmos "analistas", de considerar as precárias condições financeiras em que o sistema açucareiro regional se expandiu e pôde continuar a desempenhar o importante papel que a história econômica do Nordeste lhe reservou.

Submetida a um regime longo e continuado de compressão de preços e sem contar com aqueles incentivos fiscais já referidos e que provocaram o satisfatório processo de crescimento industrial já alcançado pela região, mesmo assim, a economia açucareira cresceu.

E nesse esforço gigantesco de crescimento, inclusive em regime deficitário de trabalho, incorporou mais fatores naturais, procurou introduzir a tecnologia agrícola ao seu alcance, submeteu seus equipamentos industriais, para atender aos aumentos da produção agrícola, a regime de trabalho de super-utilização, prolongou as safras, perdeu rendimento.

O consórcio desses dois elementos antagônicos entre si — crescimento e prejuízo — mascarou durante certo período o regime de autofagia a que foi submetido o sistema açucareiro do Nordeste, pelo aumento progressivo do endividamento do conjunto agroindustrial e diminuição do grau de eficiência.

O quadro abaixo referente a Pernambuco, permite a visualização desse processo crescente de deterioração do sistema:

QUADRO I

ANO/SAFRA	CANA ESMAGADA TONELADA	PRODUÇÃO PREVISTA REND. 90 KG	RENDIMENTO OBTIDO	PRODUÇÃO OBTIDA	PRODUÇÃO A MENOR	PREJUÍZOS EM CRUZEIROS
1971/1972	11.857.994	17.786.912	83,5	16.502.375	1.284.653	74.104.940,00
1972/1973	13.036.075	19.554.038	79,6	17.295.162	2.558.414	130.314.556,00
1973/1974	13.244.324	19.327.990	78,5	17.327.990	2.538.414	146.441.104,00

OBSERVAÇÃO: Considerou-se o preço vigente na safra 1974/1975 de Cr$ 57,69.

Diante desse quadro, passou a viver a economia açucareira do Nordeste num círculo vicioso — "precisava aumentar a produtividade para ter lucro e não aumentava a produtividade porque não tinha lucro".

Impunha-se, pois, o surgimento de um fato que viesse quebrar esse círculo sob pena do processo de deterioração do sistema se tornar irreversível. E a esperada quebra desse círculo ocorreu através de dois acontecimentos igualmente importantes e que, sem qualquer dúvida, marcaram uma nova etapa na história da economia açucareira do Nordeste — a criação de fundos especiais para modernização do sistema (FURAINOR e FUNPROÇUCAR) e a criação do PLANALSUCAR.

Pela primeira vez o empresariado açucareiro tinha à sua disposição os meios financeiros necessários para promover a modernização tecnológica de suas empresas.

Igualmente, também, pela primeira vez, começava a se implantar na região uma estrutura de pesquisa com condições humanas e materiais suficientes à grande tarefa de formar uma tecnologia canavieira voltada para as nossas condições climáticas e topográficas.

Em termos concretos, a criação desses meios de obtenção de moderna tecnologia, possibilitou em apenas três anos, a modernização de cerca de 85% do parque açucareiro local. Isto significa que, além da melhoria da eficiência provocada pela introdução de equipamentos bem mais modernos, pela primeira vez na história recente do açúcar regional, haverá uma adequação entre capacidade de moagem e oferta de matéria-prima, com utilização normal dos equipamentos industriais e redução do período de safra, o que contribuirá para a melhoria das safras agrícolas.

Equacionado o problema da modernização do setor industrial, com a transferência para o Nordeste de moderna tecnologia, o problema da produtividade do sistema passou a depender do sucesso dos programas de pesquisas voltadas para a formação de uma tecnologia agrícola local.

Isto porque, deixando de lado os aspectos puramente agrícolas do problema, o sucesso do próprio programa de modernização industrial dependerá das modificações que venham a ocorrer nas condições da matéria-prima. Pelo seu caráter extrativo, é claro que, por mais eficientes que sejam os seus equipamentos industriais, o sistema só poderá produzir o açúcar que as safras agrícolas formarem no seu curso. Na prática, o açúcar se forma no campo e é extraído na fábrica, com maior ou menor eficiência, dependendo de alguns fatores, entre os quais a qualidade e regime de trabalho dos equipamentos.

É, portanto, no PLANALSUCAR que se depositam as grandes esperanças de toda a economia açucareira regional, nessa luta pela produtividade, que começa a ser ganha.

Sabemos da perfeita orientação que os senhores técnicos estão dando à problemática da produtividade do setor açucareiro. Sabemos que os caminhos traçados são os corretos. Sabemos, também, dos primeiros resultados obtidos. Gostaríamos, porém, de salientar no elenco global das diretrizes do PLANALSUCAR, dois aspectos, que entendemos merecedores de tratamento altamente prioritário, pela possibilidade que têm de gerar, a curto prazo, resultados para o conjunto do sistema.

Assim, sem prejuízo da continuidade e aceleração dos programas de maturação mais demorada, principalmente aqueles que objetivam a formação de variedades de canas próprias às nossas condições climáticas e com alto teor de sacarose, sugerimos ênfase especial para:

a) Desenvolvimento de trabalhos para a implantação de uma tecnologia que permita a mecanização dos solos acidentados.

Consideramos a falta dessa tecnologia o grande problema a ser enfrentado pela economia canavieira da região e, em particular, de Pernambuco, nos próximos anos.

Para que se possa ter uma idéia da magnitude do problema, basta indicar que, no período entre 1960 e 1970, houve uma redução da população rural do Estado de

70% para 30% (Governo de Pernambuco — Plano Estadual de Desenvolvimento Econômico).

Vale ressaltar, além dessa redução numérica, ocorreu, paralelamente, redução qualitativa, pois, a mão-de-obra que saiu estava compreendida na faixa etária mais produtiva.

b) Aumento da produção de cana por hectare.

Para visualização da grande repercussão que teria para o conjunto do sistema açucareiro regional uma melhoria na produção de cana por hectare, apresentamos os quadros abaixo:

QUADRO II

Tonelada/açúcar/hectare, considerando-se as produtividades agrícola e industrial das regiões ou países

PAÍS	TON. DE CANA POR HECTARE	KG. DE AÇÚCAR POR TON. DE CANA	TON. DE AÇÚCAR POR HECTARE DE CANA
Brasil — NE	45,0	90,0	4,1
Venezuela	80,0	84,0	6,7
Austrália	85,0	132,0	11,0
EE.UU. — Flórida	69,0	101,0	7,0
Mauricio	66,0	118,0	7,0
África do Sul	93,0	113,0	10,5

Tomou-se o rendimento teórico de 90 kg/t, apesar de a média do triênio 71/72 a 73/74 ter sido de 80,5 kg/t. Acontece que nesse período o parque industrial açucareiro ainda não se beneficiava dos resultados do esforço de modernização iniciado a partir de 1972, o que deverá ocorrer, em termos globais, a partir da safra 76/77. Trabalhavam, até então, as usinas com equipamentos de baixa eficiência, regime de super-utilização desses equipamentos e safras prolongadas.

Admitindo-se, para efeito de raciocínio, que nas diversas regiões produtoras constantes do QUADRO II, ocorresse a mesma produtividade industrial do Nordeste (90 kg/t), variando apenas a produtividade agrícola, a relação tonelada/açúcar/hectare de cana seria a seguinte:

QUADRO III

PAÍS	TON/CANA/ HECTARE	REND. IND.; KG DE AÇÚCAR/TON DE CANA	TON DE AÇÚCAR/ HECTARE
Brasil — NE	45,0	90,0	4,1
Venezuela	80,0	90,0	7,2
Austrália	85,0	90,0	7,7
EE.UU. — Flórida	69,0	90,0	6,2
Mauricio	66,0	90,0	5,9
África do Sul	93,0	90,0	8,4

Verifica-se pela análise do QUADRO III que, muito embora a resultante tonelada de açúcar/hectare de cana seja função de duas variáveis — produtividade agrícola e produtividade industrial —, o que representa para o conjunto do sistema as variações para mais no rendimento agrícola.

Para o caso do Nordeste, partindo-se da posição da produtividade agrícola atual e elevando-se essa produtividade até um rendimento tecnicamente possível de ser obtido, a curto prazo, as relações tonelada de açúcar/hectare de cana, seriam as seguintes:

QUADRO IV

VARIAÇÕES DO RENDIMENTO AGRÍCOLA	KG. AÇÚCAR/ TON. DE CANA	TON. AÇÚCAR/ HECTARE	VARIAÇÕES PARA MAIS EM TON. DE AÇÚCAR/HECTARE
45,0	90,0	4,1	—
50,0	90,0	4,5	0,4
60,0	90,0	5,4	1,3
70,0	90,0	6,3	2,2

Muito mais poderia ser dito sobre esse tão importante tema, mas prefiro que essas considerações sejam entendidas como um começo de diálogo. Para tanto fico à disposição dos senhores.

Nova sede do BANCOPLAN — Avenida Rio Branco, 104, Recife — inaugurada durante o lançamento da **Campanha da Produtividade da Cana-de-Açúcar** pelo Presidente do IAA, General Alvaro Tavares Carmo, e pelo Vice-Governador de Pernambuco, Paulo Gustavo de Araújo Cunha, representando o Governador Moura Cavalcanti, e com a presença de autoridades civis e militares e representantes de todos os setores da agroindústria açucareira.

O prédio onde se encontra agora instalado o BANCOPLAN é um sobrado do bairro do Recife, inteiramente recuperado e modernizado por uma equipe de arquitetos à frente Luiz Coimbra, conservando as suas linhas arquitetônicas externas. Seu desenho é no estilo "art nouveau" e foi adaptado para comportar as instalações de todos os Departamentos técnicos e administrativos da Cooperativa de Crédito, além de um auditório com capacidade para 300 lugares, Restaurante "Banguê" e serviço de som e ar condicionado central.

É a seguinte a atual Diretoria do BANCOPLAN: Presidente: José Mário de Andrade — Tesoureiro: Luiz de França Lins de Mendonça; Secretário: José Henrique César de Albuquerque. Membros do Conselho de Administração: Itamir César de Moura, Lauro Neves Calábria, Luiz Queiroga Cavalcanti, Mauro José de Oliveira, Manuel Marinho Calado, Fernando Lacerda. Representante do Banco do Brasil: José Carneiro da Cunha Macurunga. Representante da Associação dos Fornecedores de Cana: Fernando Antônio de Albuquerque Rabello. Representante do Sindicato dos Plantadores: José Miguel Neto.

Num edifício que o historiador Pedro Calmon considera um dos mais belos exemplos de arquitetura neoclássica em todo o Brasil — edifício que se prolonga em três anexos e ao qual já se acrescentou novo prédio, este de arquitetura moderna — está a sede, no Recife, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Este o bloco situado à Avenida Dezessete de Agosto, ao qual acaba de juntar-se outro bloco, do extinto Centro Regional de Pesquisas Educacionais que o Ministro Ney Braga decidiu incorporar ao Instituto Nabuco, entre outros edifícios, estando em construção moderníssima instalação para Documentação e Dados. Do edifício neoclássico, construído há um século, para residência de nobre comissário de açúcar, destaque-se que, além de notável pelas formas de sua arquitetura, distingue-se pela excelência do seu material em mármores italianos, azulejos franceses, madeiras do Pará, dobradiças de prata, adornados por operários artistas, e do seu mobiliário em jacarandá, espelho outrora dos Viscondes do Livramento, cristais raros.

Foi nesse cenário que o BANCOPLAN lançou oficialmente os concursos da Produtividade — **Prêmio General Alvaro Tavares Carmo** — e sobre o Nordeste Canavieiro, **Prêmio Gilberto Freyre.**

PRODUTIVIDADE E SEGURANÇA

Eudes de Souza Leão Pinto, empresário e professor universitário, Diretor da COSINOR — Companhia Siderúrgica do Nordeste — Recife, PE.

Festejamos neste dia a magnífica iniciativa da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. —, fazendo coincidir a inauguração das novas instalações do BANCOPLAN com o lançamento da Campanha da Produtividade.

A Produtividade, no sentido etimológico da palavra é "a faculdade de produzir; estado daquilo que é". No conceito agronômico a Produtividade deve exprimir uma escala de valores em que a faculdade de produzir é exercida com vistas voltadas para o objetivo maior a alcançar de máxima carga de peso vivo por unidade de superfície. Assim, a Produtividade é o resultado da interação dos seguintes fatores essenciais à produção:

a) vontade do homem de produzir;

b) fertilidade do solo;

c) condições edáficas-climatológicas;

d) vocação humana para a produção desejada;

e) equilíbrio biológico favorável à produção;

f) custo da produção obtida;

g) receita da produção obtida;

h) investimentos realizados para manter os atrativos da produção econômica;

i) grau de tecnologia aplicada em favor da produção;

j) garantia de eficiente suporte científico.

Quando a interação dos fatores acima enumerados é total e perfeita, caracterizando as melhores condições de trabalho, para obtenção das mais elevadas taxas de produção, da melhor qualidade e aos menores custos, tem-se a evidência dos mais altos índices de produtividade.

À medida que a interação vai perdendo a sua força total e, portanto, a sua perfeição, em conseqüência da redução no número de fatores que favorecem a produção, reduzindo, pois, as combinações otimizadas, vão também baixando os índices de produtividade, até o limite de sua anulação significativa, para efeito de interpretação econômica. Vale destacar que o fator de maior importância para o êxito de qualquer campanha de produti-

vidade é o próprio homem, uma vez que a natureza por mais hostil e adversa que se mostre em seus diferentes aspectos geológicos, agrológicos, botânicos, zoológicos e climativos, termina sempre sujeita à vontade do homem, quando este é indômito na luta pela conquista de seus ideais, usa a inteligência que Deus lhe deu para prover-se dos recursos científicos e tecnológicos mais adequados e eficientes, valendo-se do espírito associativo para agigantar-se na realização dos seus empreendimentos, materializando o que nos ensina o princípio filosófico de que "a união faz a força".

Desde os primórdios da humanidade houve sempre tempos bons e tempos maus, homens bons e homens maus. O dilúvio devastador e a vinda de Cristo à terra como Filho de Deus Pai e Criador de todas as coisas, deram ao mundo uma dimensão maior, em virtude da configuração de providências superiores e divinas que marcaram os erros dos homens com a destruição implacável do dilúvio, concedendo, porém, a redenção à humanidade pelo sacrifício do filho de Deus feito homem.

A partir da era Depois de Cristo coube ao homem uma maior responsabilidade na condução de seus trabalhos, quer em favor de suas necessidades e interesses individuais, quer em prol da satisfação dos interesses coletivos. A Graça de Deus baixou sobre nós e os progressos sucederam-se tão vertiginosamente que muitas vezes chegamos a cismar, indagando sobre a capacidade do homem de fazer milagres. É de ontem a lembrança da conquista do espaço na forma mais espetacular que se poderia conceber: as viagens pelo espaço interplanetário, a descida na Lua, a coleta de material de seus solos, os controles remotos levando o engenho e a arte do homem no campo da eletrônica ao planeta Vênus e a todos os locais da Terra, para a identificação dos seus aspectos mais íntimos e diferenciados e a descoberta dos segredos de ligação e dissociação dos átomos. Tudo isso e mais a série infindável de novos eventos científicos e tecnológicos verificados nos campos da agricultura, da medicina e da indústria em geral, falam tão alto da capacidade extraordinária do homem em produzir maravilhas para o mundo que não se pode duvidar de seu crescente poder na conquista dos mais elevados índices de produtividade.

As limitações constatadas no curso dos séculos na capacidade produtiva do homem decorreram sempre da ignorância com que ele se comportou diante do meio ambiente em que viveu, desconhecendo as potencialidades da terra e as suas próprias, criando uma imagem negativista acerca da fertilidade dos solos, de sua conservação, de suas respostas às diferentes atividades agrícolas e pastoris, como se ele homem fosse um escravo da própria natureza, sempre sujeito ao seu sadismo e à sua avareza.

Quando Malthus difundiu a sua teoria, explicando que não haveria suprimento alimentar para uma população que crescia geometricamente contra o crescimento aritmético da produção agrícola, houve um alvoroço na intelectualidade universal, que por pouco não atingiu as massas populares, para infundir-lhes a descrença no futuro bem-estar da humanidade.

À especulação científica dos maltusianistas juntava-se a exploração política ingrata e mesquinha dos que procuravam assegurar as suas posições eleitorais pela submissão das massas rurais aos caprichos de um poder econômico de sentido político, emanado do favoritismo concedido pelos Governos em arrimo aos partidos, nas pessoas de seus chefes e prepostos.

A agricultura, sendo atividade bucólica dos mansos e pacíficos, prestou-se tristemente aos conluios dos bons com os maus, cedendo sempre às pressões de forças ocultas ou ostensivas, interessadas em manter os lavradores da terra na dependência de seus interesses, sempre sacrificados na comercialização de seus produtos pelo jogo escuso dos intermediários gananciosos e pela indiferença dos industriais e exportadores responsáveis pelo consumo de suas mercadorias, como produtos beneficiados, para emprego direto ou como matérias-primas.

A injustiça acumulada praticada contra os agricultores tem deformado a face bela dessa indispensável e relevantíssima atividade humana, a ponto de se haver formado um conceito inverídico de ser "a agricultura a arte de empobrecer alegremente".

É preciso não esquecer que toda a riqueza vem da terra, seja da profundeza de suas entranhas, sob a forma de petróleo, de carvão, de fertilizantes e de minerais das mais diferentes qualidades, seja da sua superfície arável, de onde se tiram os mais ricos alimentos, as mais lucrativas matérias-primas para os parques fabris e as mais encantadoras paisagens para o desenvolvimento da indústria turística. Mesmo os produtos sintéticos de origem mineral e até aqueles que têm em suas composições elementos gasosos provenientes do ar, estão subordinados intrinsecamente à dadivosidade da terra e à sua disposição de oferta ao homem, segundo as leis naturais dos sucessos e dos riscos.

Daí porque a produtividade assume um aspecto altamente valioso na formulação dos planos de ação que devem orientar e condicionar o trabalho do homem, tornando-o proveitoso e reprodutivo para cada indivíduo nele integrado e para as comunidades a que servem, direta ou indiretamente, na concessão de oportunidades de emprego, na transformação do potencial de riqueza em poder de compra e de expansão dos limites do progresso social e, finalmente, na reprodutividade dos créditos utilizados, com incremento acentuado do crescimento de iniciativas que conjuguem a aplicação dos mais modernos métodos científicos e tecnológicos na consecução dos melhores resultados produtivos.

Desde que a terra é o elemento passivo sobre a qual o homem pode desenvolver as mais hábeis, eficazes e sofisticadas maneiras de trabalhar, fertilizando corretamente os seus solos, prevenindo os malefícios das condições edáficas-climatológicas adversas, promovendo o equilíbrio biológico favorável à produção e investindo para manter os atrativos da produção econômica, com elevado grau de tecnologia e garantia de eficiente suporte científico, deduz-se claramente que é ao homem atribuída toda a responsabilidade fundamental, na garantia da produtividade como fator de segurança para o desenvolvimento de qualquer atividade agro-industrial.

Por essa razão deve-se partir do princípio de que a produtividade é função da capacidade de liderança e descortínio dos homens. Quanto mais influente for o homem sobre os seus semelhantes, na comunidade de trabalho, tanto mais poderá imprimir rápida e convenientemente novos métodos racionais de produção, normalizando e incentivando a ação cooperativa, no desempenho dos mistéres ocupacionais. Quanto mais descortínio houver da parte do homem tanto mais segurança de êxito será estabelecida na execução de seus projetos, programas e planos de ação, propiciando aos que participam dos mesmos os estímulos indispensáveis para uma maior dedicação ao trabalho e um permanente interesse no aprimoramento de suas tarefas, como forma de participação efetiva nas realizações públicas e privadas que sensibilizem as suas comunidades.

É evidente a tendência humana de buscar a recompensa do emprego de sua inteligência e, ou de seu esforço físico, sob a forma do reconhecimento público, nos empreendimentos de caráter meramente sociais e políticos e, de lucro financeiro ou patrimonial, nos empreendimentos de caráter econômico. Daí a natural e consistente aceitação das lideranças autênticas, cujo prestígio e projeção são medidos pelos índices de produtividade convincentes estabelecidos nos 4 campos do poder: o político, o psico-social, o econômico e o militar.

Sobre Liderança e Produtividade o ilustre professor Robert Dubin, pesquisador em sociologia da Universidade do Oregon, referindo-se ao trabalho que realizou conjuntamente com os eminentes professores George C. Homans, especialista em assuntos sociais da Universidade de Harvard, Floyd C. Mann, diretor do "Survey Research Center" e professor de psicologia na Universidade de Michigan e Delbert C. Miller, professor de sociologia e administração de empresas na Universidade de Indiana, disse textualmente: "Todos nós enfatizamos a tecnologia como um importante fator influenciador nas práticas da produtividade e supervisão. Cada um, em seu capítulo, procura acelerar o conhecimento sobre a dimensão das relações humanas de supervisão, mostrando algumas das ligações sutis e sofisticadas entre líderes e seguidores. Variáveis de organização, finalmente, desempenham um proeminente papel em cada uma de nossas análises.

Empregamos uma diversidade de estratégias. Dubin e Mann dão ênfase a conclusões indutivas a partir de dados empíricos; ambos também reconstroem a teoria, a fim de abranger fatos fora do alcance da antiga. A estratégia analítica de Homans é empregar modelos de comportamento humano considerados viáveis em outros ambientes, para fazer sentido fora do comportamento industrial. Esse tratamento limita a atenção apenas a certas espécies de dados empíricos adequados, para testar os prognósticos específicos de seus modelos teóricos. Miller adota uma abordagem histórica, em que o equilíbrio móvel das organizações industriais, respondendo às inovações técnicas e outras, é revelado para criar exigências conflitantes ao contramestre.

Apesar das diversas abordagens analíticas, chegou-se a conclusões amplamente compatíveis entre si."

A administração científica tem demonstrado que a simplificação e racionalização do trabalho melhoram a produtividade.

Os defensores do Capitalismo do Bem-Estar asseveram que o bom tratamento humano dado aos subordinados intensifica o seu zelo pela organização que os emprega, do que resulta sempre uma produção mais elevada. Quando aplicada à prática da Dinâmica de Grupo nas decisões sobre o bem-estar e as condições de trabalho que devem prevalecer nas empresas, acentua-se a confiança dos subordinados em relação aos seus líderes, com uma conseqüente elevação da produtividade.

Tanto nos sistemas capitalistas, como no socialista, o modelo do homem econômico está sempre refletindo a soma das recompensas que os trabalhadores usufruem de sua produção, como o maior estímulo para que busquem atingir os mais altos níveis de produtividade.

Para que tal objetivo possa ser alcançado com reais vantagens para as empresas, é indispensável a presença do líder encarnado no supervisor que mantém contato diário com os subordinados, constituindo-se em figura-chave na equação da produtividade.

A importância do supervisor, que deve reunir conhecimentos tecnológicos, se possível científicos, sociológicos, psicológicos e de administração empresarial, é tanto maior quanto mais aperfeiçoado o sistema operativo da organização a que serve, implicando em necessidades de atendimento de padrões de qualidade exigidos pelos compradores dos produtos elaborados. Como a tecnologia vem substituindo gradativa e rapidamente o homem pela máquina nos parques fabris de processo contínuo, há de se pensar na substituição progressiva dos trabalhadores por pessoal especializado de supervisão e administração, em escala muito mais alta do que a constatada no presente. Por essa razão as empresas agro-industriais devem preocupar-se seriamente com a formação de suas equipes de pessoal especializado para cada setor de atividade, capaz de supervisionar trabalhos braçais ou manuais no estágio atual e, sem dificuldades operar ou comandar a operação de máquinas agrícolas ou industriais que assegurem a crescente elevação dos níveis de produtividade. Ao mesmo tempo devem preocupar-se com a qualificação dos trabalhadores e operários, submetendo-os a treinamentos orientados segundo a melhor didática e com respectivas motivações para o melhor desempenho das tarefas atribuídas aos treinandos.

George C. Homans esclarece em seu magnífico estudo sobre Produtividade que a introdução de nova maquinaria e mais poder é, em si, o resultado da atividade humana, que mais valoriza o homem do que a máquina, pois esta não é capaz de aumentar a produção, a não ser que alguém esteja apto para fazê-la funcionar. "Este truísmo é integralmente tão verdadeiro quanto à automação, como sempre o foi, isto é: os aumentos na produção, causados por novos investimentos de capital, dependem da condição de que se apresente um mínimo grau de esforço humano.

Pelas considerações expendidas há de se convir que a produtividade como fator de segurança para o desenvolvimento econômico da agro-indústria do açúcar deve ser alcançada inicialmente e primordialmente pelos homens que fazem a riqueza de Pernambuco, com a produção de cana e seus derivados industriais, desde os usineiros e plantadores da preciosa gramínea sacarina até os operários e trabalhadores de campo.

Ninguém tem dúvida sobre o mérito dos empresários do açúcar, que desde a época do Brasil Colonial vêm mantendo Pernambuco às expensas das receitas geradas em tão importante campo de atividade humana, dos engenhos às usinas. Foi no setor açucareiro que Pernambuco se afirmou como líder do Nordeste, projetando-se nacional e internacionalmente como berço das culturas agronômica e jurídica de nossa Pátria, alçando-se às cumiadas da glória pelas demonstrações de bravura e de clarividência na defesa dos sagrados princípios da justiça, da liberdade e da fraternidade.

O magnífico conteúdo da literatura, da poesia e das artes nacionais pertinente aos homens e fatos pernambucanos destaca sempre o papel relevante e os vínculos exaltantes da agro-indústria do açúcar.

Se o pensamento pernambucano ganhou altura e consistência para influir nos destinos da Pátria, desde a formação da nacionalidade, nos Guararapes, a constituição de sua primeira organização militar para expulsão dos invasores holandeses, o trabalho precursor em favor da Independência, os reclamos em prol da libertação dos escravos e a condução de tantos outros movimentos do mais puro civismo, acumulou-se sobre a geração hodierna a tremenda responsabilidade de honrar os compromissos assumidos no passado, para sermos creditados no presente, com a confiança no futuro.

Fala-se muito na necessidade de aumentar a produtividade dos canaviais pernambucanos em termos de açúcar por hectare. Especula-se literária ou diletantemente sobre as condições adversas de nossa zona da mata, em virtude de uma topografia desfavorável ao cultivo da cana e da pobreza de seus solos. Procura-se justificar os insucessos empresariais com as mais variadas razões de ordem governamental e climáticas. Confundem-se, enfim, os espíritos no jogo das transferências de responsabilidades pela improdutividade, dos homens para a natureza e as instituições públicas e de classes, como se a todos não coubesse uma participação efetiva e constante no aperfeiçoamento de seus métodos de trabalho e na conjugação de esforços e recursos para adoção de uma sistemática de ação conjunta dos empresários com o Governo, visando superar as dificuldades impostas pelo meio ambiente em que desenvolvem as suas atividades produtivas.

Vale recordar as sábias palavras de Dostoievski: "Parece que toda preocupação do homem é provar a si mesmo que é um homem e não só um detalhe de uma máquina. Ele já sofreu muito, mas sempre conseguiu prová-lo."

Na verdade só é possível cumprir as missões de comando, dirigindo nossos semelhantes e acionando máquinas para alcançar as mêtas da produção com a mais elevada produtividade, se nos dermos conta de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, de quem recebemos a suprema felicidade de comprovar o secular provérbio: "querer é poder".

A Campanha da Produtividade que se inicia na área do açúcar em Pernambuco, sob os melhores auspícios, contando com a lúcida e oportuna iniciativa da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda., no mais salutar festejo do BANCOPLAN, com o apoio de todos os órgãos governamentais do Estado e da Nação que lidam com cana-de-açúcar e seus derivados, é a afirmação mais altissonante da consciência responsável dos Fornecedores de Cana, sob a liderança da figura de escol que é o Dr. José Mário de Andrade, orientada no sentido da renovação dos métodos de trabalho e de relacionamento humano institucional, para o revigoramento da economia canavieira pernambucana.

A vida, desde que ela existe sobre a terra, sempre foi fruto de uma resposta criativa ao fracasso ou às más condições internas e externas. É preciso que a partir de hoje todos os fornecedores de cana-de-açúcar dêem uma resposta criativa à improdutividade, que representa o maior fracasso, porque generalizado, de nossas atividades canavieiras.

Para isso é imprescindível que se articulem permanentemente com o PLANALSUCAR, cujo dinâmico e competente Coordenador Regional Norte, Engenheiro Agrônomo Francisco de Melo Albuquerque, reúne as raras credenciais de Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Técnico do Instituto do Açúcar e do Álcool, pessoa integrada na vida das agro-indústrias do açúcar e também Conselheiro da Sociedade dos Técnicos

Açucareiros Brasileiros — STAB. É indispensável que acompanhem as pesquisas e as investigações científicas, bem como os resultados dos estudos técnicos e econômicos procedidos pelas diversas entidades públicas vinculadas ao setor canavieiro-açucareiro, sem perder de vista toda a gama de assuntos da política social do Governo e das pesquisas sócio-psicológicas pertinentes ao aludido setor e em consonância com as ocorrências e os interesses pernambucanos.

No desevolvimento da Campanha da Produtividade faz-se mister que o elenco das providências a serem tomadas para o desejado êxito seja considerado sob dois aspectos fundamentais: as que constituem encargos do Governo e as que estão ao alcance imediato dos Empresários, devendo, portanto, serem postas em prática tão logo haja o equacionamento correto dos problemas específicos de cada área de atividade, com as respectivas soluções adequadas.

Como providências de Governo pode-se enumerar:

1º) A formulação da política canavieira-açucareira-alcooleira, objetivando a concessão de estímulos e prêmios aos empresários que registrarem os mais elevados níveis de produtividade.

2º) A realização dos trabalhos de melhoramento genético da cana-de-açúcar, com a criação de novas variedades propiciadoras dos mais altos índices de produtividade.

3º) A preparação da infraestrutura das áreas mais recomendáveis para a produção canavieira, com elevado rendimento de sacarose na cana-de-açúcar e superior tonelagem por hectare da referida gramínea sacarina, com ênfase para as facilidades de comunicação e transporte.

4º) A construção das bases operativas de um sistema de irrigação e drenagem nas áreas de mais alto índice de fertilidade, que apresentem maior combinação de fatores responsáveis pela produtividade, verdadeiramente otimizados em suas interações.

5º) A execução de um rigoroso serviço de fiscalização da qualidade dos fertilizantes e defensivos, de modo a defender os agricultores canavieiros dos riscos de aplicações inócuas e anti-econômicas, coibindo os abusos das comercializações fraudulentas.

6º) A concessão de oportunidades para o treinamento de pessoal da agro-indústria do açúcar em todas as fases de trabalho, visando assegurar a máxima produtividade humana e o melhor aproveitamento possível dos meios mecânicos colocados a serviço das empresas.

7º) A alfabetização e escolarização dos jovens residentes na zona da mata, que se constituem na força de trabalho em potencial para a agro-indústria do açúcar, tendo em vista desde já o estabelecimento de programas profissionalizantes que proporcionem a conquista dos mais altos níveis de produtividade no curso dos próximos anos.

8º) A organização e o desenvolvimento das comunidades agro-industriais do açúcar, orientadas segundo os melhores métodos de motivação para o trabalho associativo, com prevalência da justiça social, da fraternidade e da dignificação do ser humano, dando-se especial atenção ao amparo dos menores abandonados.

9º) A avaliação dos custos de produção canavieira-açucareira-alcooleira, de acordo com os parâmetros médios das diferentes áreas do Estado, de modo a serem corrigidas as eventuais distorções de preços oficiais fixados pelo IAA, assegurando-se os reais incentivos à elevação crescente dos níveis de produtividade.

10º) A elaboração anual de quadros comparativos da produtividade registrada nos países produtores de cana-de-açúcar e seus derivados, com a indicação dos métodos de trabalho empregados nos países líderes da produtividade, a serem distribuídos com os empresários.

Como providências de Empresários figuram:

1º) A capacitação profissional para o desempenho das funções de direção que lhes são próprias, ou atribuídas pelos Estatutos Sociais da Empresa, de modo a poder exercer com autoridade inconteste o comando de seus subordinados a níveis de elevada produtividade.

2º) A habilitação para o trabalho de seus subordinados em todas as categorias sociais e profissionais, mediante treinamento adequado e testes vocacionais, de modo a contar com uma mão-de-obra bem qualificada, capaz de oferecer os melho-

res rendimentos em termos de alta produtividade.

3º) A adequação de seus projetos, programas e planos de trabalho à política canavieira-açucareira-alcooleira formulada pelo Governo e às linhas de ação fixadas pelos seus competentes Órgãos de Classe.

4º) A separação de áreas próprias para a multiplicação das variedades fornecedoras de sementes selecionadas, sob forma de rebolo, com implantação do sistema de jardim canavieiro, submetido aos mais rigorosos controles de corte das canas-sementes com ferramentas esterilizadas, adubação equilibrada, irrigação controlada, defesa fitossanitária sem tardança e coleta dos rebolos para plantio em larga escala no prazo máximo de 10 meses após o plantio da cana-semente, sob a mais rigorosa observação a respeito da integridade das gemas.

5º) A cooperação com as Autoridades Federais, Estaduais e Municipais na escolha das áreas mais recomendáveis para a produção canavieira, de modo a tornar mais proveitosos os meios e facilidades de comunicação e de transporte concedidos pelo Governo.

6º) A elevação d'água para pontos ou locais de maior altitude que permitam a irrigação por gravidade, com indicação aos Órgãos competentes do Governo das condições requeridas para o melhor e mais amplo aproveitamento das águas dos rios, riachos, açudes e poços existentes nas propriedades, com vistas à obtenção dos mais altos níveis de produtividade canavieira.

7º) A fiscalização rigorosa no recebimento de fertilizantes e defensivos, com tomada de amostras segundo as normas oficiais, para remessa aos Órgãos competentes do Governo responsáveis pela manutenção da qualidade de tais produtos.

8º) A obrigação de todos os empregados colocarem os seus filhos nas escolas mais próximas, como garantia de um futuro melhor para a empresa e a sua comunidade, acompanhando cuidadosamente todo o processo educativo, zelando pelo caráter profissionalizante que deve ter, para a obtenção dos mais elevados índices de produtividade terra/homem.

9º) A aferição dos valores de despesa e receita de cada operação agro-industrial realizada, com apuração dos níveis de produtividade, de modo a dispor de elementos comparativos incontestáveis sobre as vantagens das diferentes práticas ou métodos tecnológicos adotados, cuidando de obter o máximo rendimento da terra sem, no entanto, exauri-la, de mecanizar as suas lavouras sem aviltar a força de trabalho humana, de defender a cana-de-açúcar contra as pragas e doenças sem afetar a saúde de seus trabalhadores e sem poluir o ambiente rural; de aperfeiçoar, enfim, todo o sistema produtivo, para alcançar os mais elevados índices de produtividade na agro-indústria do açúcar sem incorrer nos deslumbramentos utópicos e nos devaneios líricos.

10º) A efetivação do conjunto de atitudes e procedimentos que valorizem a organização e o desenvolvimento das comunidades agro-industriais do açúcar, dando a sua contribuição franca e construtiva para delimitação das áreas em que se inserem nos municípios, como unidades de organização social da maior importância para a vida da empresa, pois é à base de seu contexto, de sua predisposição para o trabalho, de sua compreensão para o exercício das práticas mais saudáveis à economia da empresa e de sua disciplina na execução das tarefas diárias que se há de contar com o êxito ou o fracasso na Campanha da Produtividade.

PRODUTIVIDADE NA PESQUISA DO PLANALSUCAR

Palestra do Superintendente Geral do PLANALSUCAR — Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar, do IAA, Gilberto M. Azzi, no **Encontro da Produtividade,** no Museu do Açúcar, Recife — PE, em 14 de novembro de 1975.

As palestras proferidas anteriormente neste **Encontro da Produtividade**, enfatizaram as necessidades das pesquisas de novas tecnologias para o bom desempenho de produtividade da agroindústria canavieira. Foram bastante discutidos os fatores que determinam a produtividade na produção da cana e do açúcar. Gostaria, agora, de tecer considerações sobre a produtividade da pesquisa nesse setor e os fatores que a determinam.

Mesmo antes da existência do PLANALSUCAR, o IAA, preocupando-se com a baixa produtividade da agroindústria canavieira, já tinha identificado a necessidade de melhorar a eficiência da pesquisa.

Uma análise do problema, efetuada em 1971, mostrou que a pesquisa agronômica em cana-de-açúcar, até então existente no País, estava negligenciada. Que, dada a posição que o Brasil já ocupava no cenário mundial dos países produtores, não se lhe podia permitir o alheamento na atividade científica. Nem mesmo os demais países concorrentes, com alto nível de desenvolvimento, alto nível de sofisticação na tecnologia açucareira, com altos rendimentos agrícolas e industriais, negligenciavam a pesquisa.

Por outro lado, constatou-se que a pesquisa em cana-de-açúcar no Brasil vinha sendo fruto de um trabalho artesanal e dedicação de uns poucos pesquisadores aficionados, cuja produção científica era aleatória. Os resultados esporádicos eram influenciados pela oportunidade dos recursos disponíveis. Os organismos que trabalhavam na pesquisa de cana-de-açúcar eram de caráter geral. A disponibilidade de verbas para os estudos com a gramínea dependia da conjuntura econômica do açúcar e da idiossincrasia dos dirigentes dos Institutos de pesquisa. Caracterizava-se, portanto, a falta de unidade global administrativa para que o ritmo de obtenção dos novos conhecimentos acompanhasse as necessidades da indústria. Faltava programação a longo prazo, objetividade nos projetos e metodologia uniforme, prejudicando a comparação dos resultados, impossibilitando as generalizações. A pluralidade organizacional era devida à falta de planejamento. Essas organizações tinham sido moldadas muito mais em considerações de prestígio institucional e problemas de personalidade, do que

* Palestra proferida no "Encontro da Produtividade", patrocinado pelo BANCOPLAN. Recife 15/11/75.

no planejamento de acordo com as específicas necessidades do País.

O IAA enfrentou, então, o problema de implantar um programa de pesquisas em cana-de-açúcar, que suplantasse corretamente essas dificuldades.

Reconhecia-se de ante-mão a maior fluência administrativa e a autonomia de decisões inerentes à iniciativa privada, benéficas para esse tipo de atividade. Mas, por outro lado, sabia-se carecer a iniciativa privada de força para a concentração de recursos necessária ao desenvolvimento das pesquisas em larga escala. Além do mais, as aplicações das firmas particulares estariam sempre abaixo do ótimo, porque os custos marginais não seriam equilibrados pelos retornos marginais. A firma particular nunca consegue utilizar todos os resultados do investimento, sendo a maior parte deles difundida amplamente — indo alguns para outras firmas não participantes — e todos os benefícios, em última instância, para os consumidores de açúcar. Mesmo que as firmas particulares pudessem ter acesso a uma forte cobertura de patentes, não poderiam captar todos os retornos que refluem do conhecimento científico para produzir novos fatores de produção agrícola.

Sobretudo, o conhecimento e a ingerência sobre os fatores econômicos e sócio-políticos que envolvem o setor açucareiro como um todo nacional, determinam claramente a participação obrigatória do IAA na atividade de pesquisa açucareira.

A solução mais adequada foi a constituição de um Convênio do IAA — a única Agência do Governo específica para o açúcar e o álcool — com as Classes Produtoras, para diligenciar o Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar. Assim nasceu o PLANALSUCAR.

No afã de dar eficiência e objetividade à pesquisa, o PLANALSUCAR identificou as prioridades para o desenvolvimento de novas tecnologias para o setor. Tratou-se de identificar as **perguntas-chaves** que necessitavam ser respondidas pela ciência, para implementação de uma tecnologia adaptada às necessidades da produção. Essa nova tecnologia, em substituição à tecnologia tradicional, oferece os meios para a maior produtividade do setor.

Duas perguntas-chaves foram identificadas:

1. Como obter maior conversão fotossintética da energia solar em açúcar?
2. Como obter o maior rendimento da conversão da sacarose contida na matéria-prima em açúcar ensacada?

Essas duas "perguntas-chaves" transforma-se, logo, em quatro equações, a saber:

1. Obtenção de novas variedades cuja bagagem genética se caracteriza por uma alta capacidade potencial de produção de sacarose, rusticidade e elevada resistências às doenças.
2. Descoberta de sistemas e técnicas de cultivo que permitam um alto rendimento na conversão da capacidade potencial das variedades, em produção efetiva.
3. Emprego de eficientes processos de condução e preservação do açúcar obtido no campo, para a máxima extração na fábrica.
4. Transmissão da nova tecnologia obtida, para os usuários e adoção pelos mesmos.

Toda a montagem do PLANALSUCAR visa alinhar as soluções da pesquisa em um eixo que produza o desdobramento de seus efeitos, do campo à fábrica. A montagem das pesquisas desenvolve-se de forma cronológica e estrutural. Em função e na medida em que ocorrem os desdobramentos naturais, solidifica-se a retaguarda para um novo avanço em extensão e profundidade.

Foram estabelecidas as prioridades da pesquisa em função das prioridades governamentais e das prioridades dos produtores. A programação foi estabelecida do fim para o começo, das finalidades e objetivos, para a estrutura dos meios.

Essa sistemática obrigou uma ênfase mais acentuada da pesquisa aplicada, de desenvolvimento de tecnologias finais, sem descuido de certos aspectos mais fundamentais do conhecimento científico. Aqui, mais uma vez, a consideração de objetividade fez com que o PLANALSUCAR

estabelecesse convênios com as Universidades, para o desenvolvimento de pesquisas básicas, uma vez que, esses organismos estão melhor aparelhados para essa função indispensável ao perfeito desenvolvimento do fluxo total de novos conhecimentos.

Se o PLANALSUCAR se lancasse ao mesmo tempo, à pesquisa básica que lhe faltava para o desenvolvimento de seus projetos, estaria mal utilizando os seus recursos, pois dependeria de cientistas e aparelhagem de alta especialização, dispensáveis no momento. Por outro lado, a organização universitária, com vocação irrefutável para a pesquisa básica, passou a contar com um novo usuário de suas investigações científicas.

A implantação do Programa foi estabelecida em etapas de acordo com as disponibilidades maiores e condições socioeconômicas das várias subprovíncias produtoras. Primeiro se implantou no Estado de Alagoas e São Paulo, que já dispunham de uma infraestrutura mínima para dar maior objetividade, face a organização já existente nas Estações Experimentais, em Rio Largo, AL e Araras, SP. Depois, o Programa se extendeu a Pernambuco e Campos, no Estado do Rio de Janeiro. Numa terceira etapa, atingiu os Estados de Sergipe, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e, agora, se inicia em Minas Gerais e Santa Catarina. Apoios menos formais foram dados a projetos particulares de abertura de novas áreas canavieiras no Vale do São Francisco (Minas Gerais e Bahia) e no Amapá, preparando uma infraestrutura que no próximo ano deverá ser implementada.

Os trabalhos iniciais das Estações Experimentais, estabelecidas ou ampliadas, resumiam-se na obtenção de novas variedades, com maior potencial de produtividade e maior resistência às doenças, bem como, o estudo de novos métodos de cultivo das variedades existentes e controle às pragas. Foi estabelecida a meta de germinação de 2 milhões de plântulas por ano, quando anteriormente, na obtenção de novas variedades no Brasil, os vários organismos que trabalhavam no assunto, nunca somaram mais de 300 mil plântulas, em toda a sua história. Essa escala elevada de produção é absolutamente necessária para que o Programa seja eficiente. Por exemplo, se tomarmos, ao acaso, 100 indivíduos na população de Recife e examinarmos os seus Q.I., muito provavelmente não encontraremos nenhum com índice acima de 120. Mas, se examinarmos toda a população de Recife, certamente encontraremos várias pessoas que podem ser classificadas como geniais. O mesmo ocorre na obtenção de novas variedades.

Dos trabalhos exploratórios iniciais, a nível de investigações preliminares, nas áreas de entomologia, nutrição, irrigação e práticas agrícolas, o PLANALSUCAR passou ao estabelecimento de planos mestres nacionais para cada área de pesquisas. Foram elaborados os planos mestres de Genética, de Fitopatologia, de Controle Biológico da Broca e de Controle Integrado da Cigarrinha. Ultima-se, agora, a elaboração do Programa Mestre de Agronomia constituído dos sub-programas de cana-planta, cana-soca, colheita da cana e estudos especiais. Dessa forma, se integram em metas comuns, as mais diversas disciplinas da agronomia, tais como: nutrição e fertilidade, irrigação e agroclimatologia, mecanização, etc. O tratamento é matricial, no sentido de dar a maior objetividade na integração tecno-administrativa, melhorando as atividades de planejamento e controle dos projetos, dando maior satisfação e motivação para os pesquisadores e identificando-os com os objetivos gerais da organização, diminuindo a ociosidade da mão-de-obra, evitando a dispensa de pessoal e a duplicidade de equipamento.

Assim, em cada Estação Experimental realizam-se os projetos mais importantes para a região. As diversas seções da organização são responsáveis por diversas etapas de cada projeto, mas tudo se integra nos objetivos gerais da programação nacional.

Hoje, todo o trabalho do PLANALSUCAR está consubstanciado nas seguintes linhas fundamentais:

1. Racionalização da produção da cana-de-açúcar tendo em vista as seguintes metas:
   a) Incremento quantitativo da produção, através das ações programadas abrangendo os seguintes itens:

— obtenção de novas variedades, com alto potencial de produção, rusticidade e resistência às doenças;

— seleção das variedades adequadas às condições ecológicas regionais;

— desenvolvimento de técnicas e sistemas eficazes de cultivo que permitam a efetivação da produção.

b) Incremento qualitativo da produção através de:

— desenvolvimento de sistemas

— eficazes de colheita e transporte;

— usos de hormônios e amadurecedores para melhoria da qualidade da matéria-prima;

— desenvolvimento de sistema viável de pagamento da matéria-prima em função da sua qualidade.

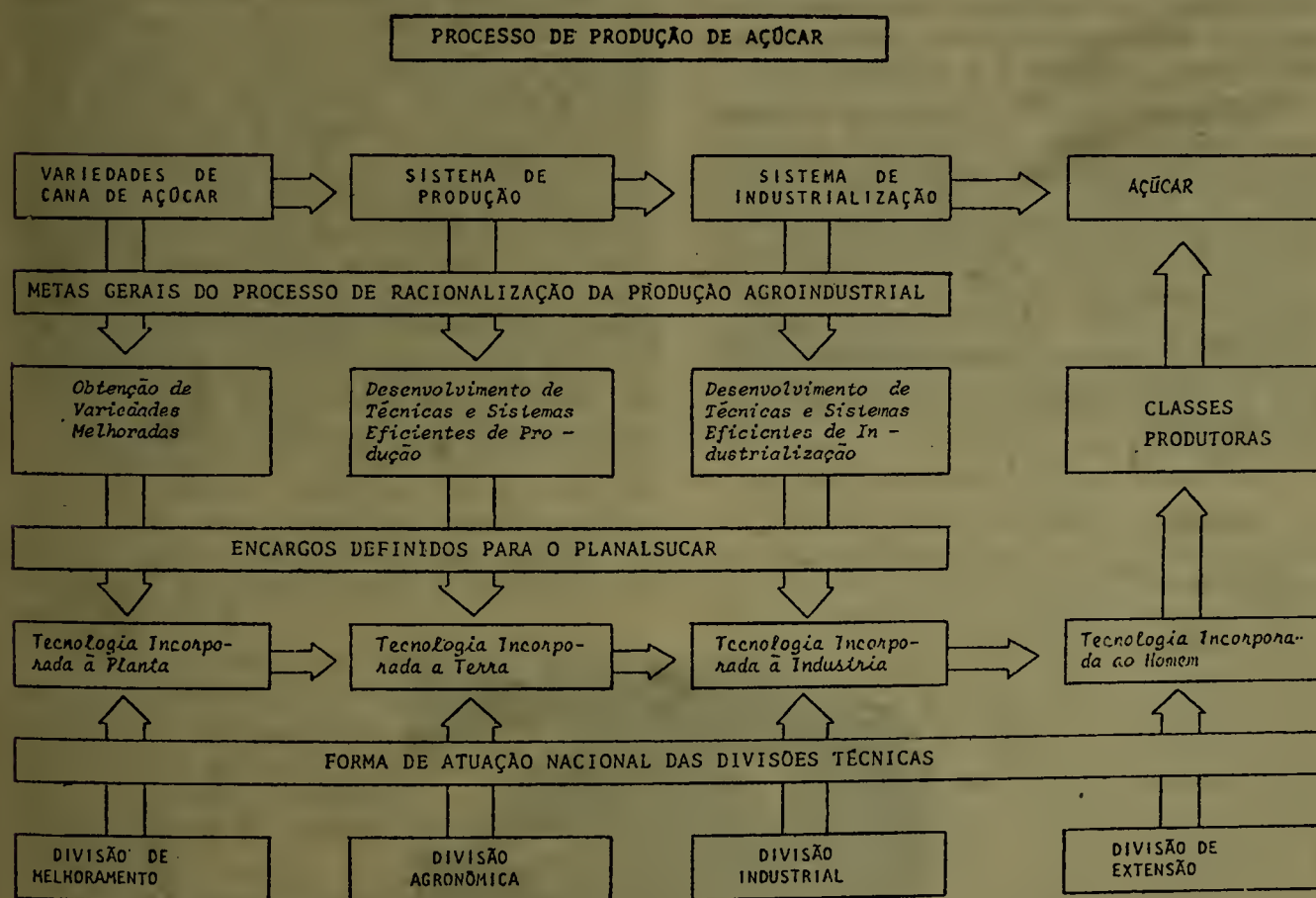
c) Minimização dos dispêndios do processo de produção, abrangendo:

— aumento da eficácia das técnicas de adubação, herbicidas, irrigação, etc.;

— uso racional da maquinaria;

— preparo de mão-de-obra especializada.

2. Racionalização da industrialização da matéria-prima, através de programas específicos visando aumentar quali-quantitativamente o rendimento do processo de transformação da sacarose obtida no campo, em açúcar e/ou álcool.

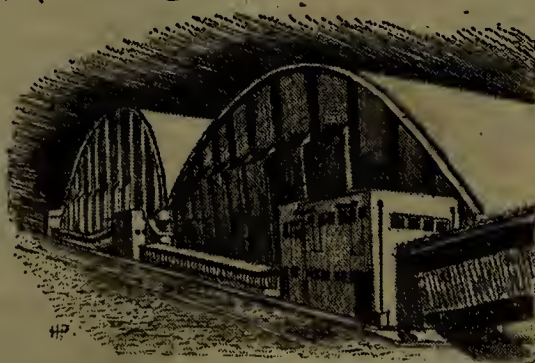
O diagrama, a seguir, ilustra a adequação dos propósitos do PLANALSUCAR com as metas de racionalização da produção açucareira.

Essas considerações pretenderam demonstrar como o PLANALSCAR, criado em função da produtividade do setor açucareiro — ele próprio, se preocupa com a produtividade de sua função. A eficácia administrativa, aliada a objetividade dos programas científicos, dão a necessária produtividade que a pesquisa necessita.

Até o presente, foram produzidas mais de 6 milhões de plântulas pelo PLANALSUCAR. No decorrer desses poucos anos de seleção, já contamos, no Nordeste, com pelo menos 11 clones RB, cuja produção em toneladas de pol por hectare é cerca de 24% superior às variedades CB 45-3 e Co 331. Essas duas variedades representam cerca de 86% da área cultivada nessa Região. Em Alagoas, essa percentagem se eleva a 92. Os levantamentos realizados pelo PLANALSUCAR demonstraram uma perda de 7,19 quilos de pol por hectare, devido à alta suscetibilidade dessas variedades às podridões **vermelha** e de **fusário**. Isto quer dizer que, houve uma perda de mais de 80.000 toneladas de pol, no campo, na última safra. Admitindo-se o rendimento teórico de 90 quilos de açúcar por tonelada de cana e o valor de 300 dólares para a tonelada de açúcar, a região deixou de oferecer ao País quase 22 milhões de dólares. Os clones selecionados pelo PLANALSUCAR são altamente resistentes a essas doenças, ou pelo menos, muito mais resistentes do que a CB 45-3 e a Co 331.

Por outro lado, no combate à **broca-do-colmo,** o principal agente inoculador dessas doenças, foram liberados mais de 800 mil insetos predadores, criados em laboratório, com alta adaptabilidade às condições de campo, capazes de controlar a praga. Em 1976, mais 1.450.000 inimigos naturais da **broca,** de várias espécies, serão soltos em todas as regiões canavieiras do País.

Os estudos de adubação, em Alagoas, conduziram à recomendação de fórmulas mais racionais de fertilizantes, que permitem economizar cerca de Cr$ 1.074,00 por hectare, assegurando a mesma produtividade aos canaviais.

No campo do aperfeiçoamento profissional da mão-de-obra utilizada na agroindústria açucareiro, o PLANALSUCAR vem desempenhando um dos trabalhos da mais alta importância. Foram oferecidos cursos rápidos em todas as principais áreas de qualificação; desde tratoristas, até manutentores de usina. Estudantes de agronomia receberam aulas práticas nas estações do PLANALSUCAR. Só em Alagoas, mais de mil pessoas foram beneficiadas e ainda hoje, há poucas horas, o Presidente do IAA acabou de assinar convênio com a SUDENE, que aportará recursos da ordem de 3 milhões de cruzeiros, permitindo extender esses cursos a toda a área do Nordeste.

Enfim, seria fastidioso enumerar todas as conquistas dos produtores, no campo da nova tecnologia, proporcionada pelo PLANALSUCAR. Quisemos apenas demonstrar que o Programa não é apenas teórico como outras iniciativas anteriores. O sazonamento de seus frutos está por começar. Acreditamos que o esforço do governo, o apoio dos produtores e o idealismo dos técnicos que o compõem, são plenamente justificados, em face dos resultados alcançados e as perspectivas que se descortinam para uma agroindústria açucareira com alta produtividade.

ALGUMAS CONSTANTES DA CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR

Empresário açucareiro CID FEIJÓ SAMPAIO, ex-Governador de Pernambuco

A terra, como as criaturas, têm caracteres dominantes que marcam a sua fisionomia, o seu comportamento, a sua vocação.

E terra e criaturas, na convivência e integração que a vida e o fluir do tempo impõem, adquirem feições comuns, constantes que passam a definir o complexo terra-homem e caracterizam as tribos, as cidades antigas, mais tarde as regiões, os países e as nações de hoje em dia.

O homem é por si mesmo, por imposição do seu próprio ser — corpo e espírito — sujeito ao meio, às leis físicas, sem poder modificá-las, mas sem delas passivamente depender. Sujeito à natureza, transcende-a, é parte criatura e parte criador.

Dentre todos os seres vivos é o único que tem consciência de si, ao lado dos instintos tem uma vontade; ao lado da inteligência, a razão.

É por este motivo que homem nenhum se pode omitir, sujeitando-se ao que lhe é imposto, viver conscientemente dependente, como vivem todos os animais integrados e subordinados à natureza de que são parte.

Como espécie ou como ser, comunidade ou indivíduo, o homem tem que percorrer a sua trajetória. Semelhantemente aos outros animais, viveu inicialmente dos seus instintos, integrado na natureza e dela, como tudo que o cercava, sorvendo a sua vida.

O seu espírito deu-lhe no entanto a possibilidade de transcendê-la, sem que todavia pudesse libertar-se dos seus desígnios, trazendo no seu próprio ser a marca do meio em que se formou. Adquire com o tempo força, discernimento, razão — a consciência do seu próprio eu. Firma a sua personalidade e com ela a responsabilidade irreversível de vencer, realizar, fazer, criar, dar sentido à vida.

Ao ser uno e à comunidade humana que organiza não é possível regredir, voltar à origem; a ele infantilizar-se, a ela animalizar-se, retornando à forma de vida dos seres inferiores.

É imperativo biológico inerente ao homem, impulso de suas próprias células, determinismo de sua origem divina, a sua evolução constante. Se não transcende a natureza de onde se origina, não cria, se não se liberta sofre como sofrem os seres irracionais quando infringem as leis naturais, bioquímicas ou biológicas, quando se submetem à fome e ao frio.

Em contraposição é feliz — conceito especificamente humano — quando atinge condições individuais e em grupo harmônicas com a natureza que o cerca e que atendem ao imperativo de sua evolução e do seu desenvolvimento como ser.

Gilberto Freyre estudou o meio em que se processou a evolução do homem brasileiro branco, índio e negro. A exuberância tropical, o verde, a transparência e a luminosidade o doce das frutas variadas e da cana, a vida com as desigualdades e as afinidades, as distâncias e as contiguidades das casas-grandes e das senzalas, caracterizaram a civilização do açúcar. Forjaram o homem que Gilberto encontrou e retratou, avesso ao racismo, integrado à terra, capaz de lutar para defendê-la e para preservar o seu jeito de viver, a sua feição de ser solidário, de servir e de ser livre.

O açúcar, ao mesmo tempo fruto e causa dessa civilização, trouxe para o

Brasil os primeiros portugueses, fixando aqui comunidades que iniciaram o seu desenvolvimento.

Foi o açúcar, conquistando o mercado da Europa, que deu ao Brasil os recursos indispensáveis à vida de colônia. Ainda foi o açúcar que no século XVIII pagou à esquadra inglesa e financiou a guerra da independência.

Agora, dois séculos depois, ainda se foi, através dos canaviais, das terras úmidas dos trópicos, buscar lá fora as divisas indispensáveis à aceleração do processo de crescimento de um país que luta por um lugar ao sol no mundo hiperdesenvolvido de hoje.

E, quando a civilização do petróleo e do mundo plastificado se desequilibra e ameaça a estabilidade da comunhão internacional, levando ao desespero as nações não desenvolvidas, ainda é a cana tropical que nos vai dar o álcool para completar o combustível escasso.

É mister pois preservar a civilização do açúcar. Preservar o tipo humano que Gilberto Freyre definiu e as suas virtualidades. E mais ainda, é imperioso, partindo do aglomerado que configura a unidade produtora de açúcar, criar o núcleo de uma comunidade próspera que possa crescer harmoniosamente, assegurando a todos bem-estar e paz.

No momento apresentam-se condições excepcionalmente favoráveis para uma solução adequada. Há um mercado enorme para o álcool combustível e possibilidades ainda de expandir-se a produção do açúcar, assegurando a ambas as produções um preço compensador.

Por outro lado é peculiar à agroindústria açucareira a integração vertical. O controle oficial exerce-se no Brasil em todas as fases da produção.

É viável portanto fixarem-se para o açúcar e álcool preços econômicos acrescidos de uma margem que permita transferir aos trabalhadores que produzem a cana, ou aos assalariados do campo e das fábricas, uma remuneração que lhes dê poder de compra além do ganho exclusivo do necessário à subsistência.

A população que vive direta e indiretamente da cana é parcela expressiva da população ativa dedicada à agricultura. A cana representa ainda em alguns Estados mais de 50% do produto agrícola.

Desse modo quebrar-se-ia o círculo vicioso que a miséria engendra. Não se poderia continuar a afirmar que a industrialização é impossível nas áreas pobres pela falta de consumo e que não há consumo porque essas regiões não são industrializadas e a população agrícola não tem poder aquisitivo.

A majoração que a elevação do preço do açúcar causasse para assegurar um razoável poder aquisitivo à massa trabalhadora vinculada à atividade seria inexpressiva como contribuição para elevação do custo de vida. A classe pobre do Brasil não consome mais do que 30 kg de açúcar/ano per capita e o açúcar no Brasil é vendido ao preço mais barato do mundo.

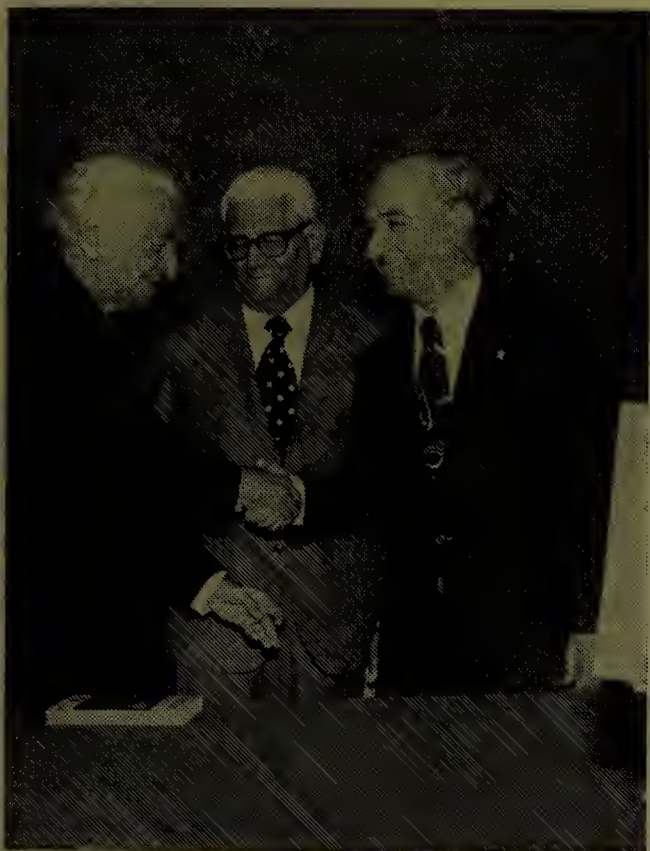
Com relação ao álcool, o preço atual da gasolina daria uma larga margem para remunerá-lo sem onerar em nada o preço da mistura.

Assim a comunidade canavieira com uma justa remuneração dos fatores, elevando o poder de compra de uma grande massa, hoje com poder aquisitivo mínimo, serviria de catalizador para estimular os outros setores de economia. O aumento do consumo de bens, do vestuário, de acessórios domésticos, teria reflexos grandemente favoráveis na indústria de transformação hoje carente de mercado interno.

As margens de preço ainda hoje existentes na exportação do açúcar, desde que eliminado o absurdo econômico do subsídio ao consumo, e o preço do álcool fixado em paridade com a gasolina, possibilitariam preços econômicos para a cana e açúcar. O capital seria remunerado e, através de acordos salariais com os sindicatos dos trabalhadores das fábricas e do campo, seria viável a obtenção de um rendimento familiar que assegurasse um consumo complementar ao de mera subsistência e um nível compatível com as aspirações humanas.

Em uma economia sob controle em todas as suas fases, a experiência, estou certo, seria válida. A civilização do açúcar, na sua continuidade, numa hora decisiva para a história do Brasil, traria uma nova solução social. Em diferentes áreas do País formar-se-iam comunidades prósperas como as dos triticultores do Rio Grande ou cafeicultores do Paraná.

TRIBUTO AO MESTRE DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

CLARIBALTE PASSOS (*)

A mocidade estudantil pernambucana da nossa geração habituou-se muito cedo a ouvi-lo e admirá-lo. A tradicional mansão de Apipucos era para todos nós, acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife, como uma espécie da milenar **Acrópole** de Atenas. Esta sempre foi a nossa respeitosa veneração por **Gilberto Freyre** e sua obra. Tendo vivido durante vários anos nos Estados Unidos da América, ele jamais perdeu a sua condição de nordestino, pernambucano e brasileiro. Viveu constantemente ligado às nossas tradições e à nossa gente. Telúrico de nascimento e por paixão.

Por isto mesmo, deu-nos "Casa-Grande & Senzala", "Sobrados e Mucambos", "Nordeste", "Açúcar", "Região e Tradição", "Sociologia", "Problemas Brasileiros de Antropologia", "Perfil de Euclydes da Cunha", "Ingleses no Brasil", "Ordem e Progresso", "O Luso e o Trópico", "Brasis, Brasil e Brasília", "Contribuição para uma Sociologia da Biografia", "Sociologia da Medicina", numerosos e importantes livros publicados no período compreendido entre 1933 a 1974, afora os opúsculos a partir do ano de 1922 a 1972, sem falarmos em trabalhos excelentes de adaptação teatral, música, festejos populares, calcados na sua magnífica obra cultural.

Mas a inteligência de Gilberto Freyre não estacou no tempo nem escondeu-se no transcorrer dos últimos anos. E para demonstrá-lo ele escreveu, em 1975, "A Presença do Açúcar na Formação Brasileira", editado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool, e, em seguida, "Tempo Morto e Outros Tempos" (Trechos de Um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade) através da Livraria José Olympio Editora.

Homenagem

O privilegiado detentor do "Prêmio Aspen" — considerado o Nobel da América — vem de ser distinguido pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN — dando o seu nome ao importante laurel que é o "Prêmio Gilberto Freyre", destinado a estimular os estudos sócio-econômicos no âmbito da zona canavieira de Pernambuco.

(*) Diretor de "BRASIL AÇUCAREIRO" e Chefe da Divisão de Informações do I.A.A. — Da "Associação Brasileira de Relações Públicas" RJ e Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas (RJ).

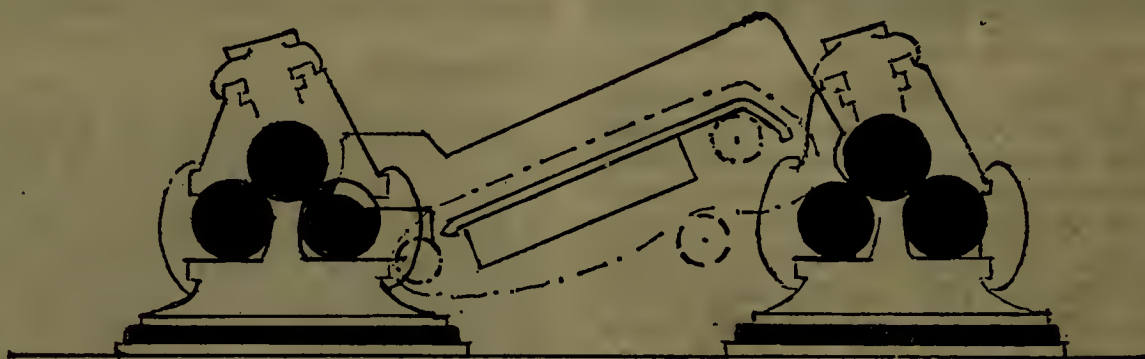
O tributo que ora presta o BANCO-PLAN ao renomado cientista social além de justo é oportuno considerando-se os méritos de um escritor de nomeada internacional cuja obra de gênio impõe-se pela magnitude do seu conteúdo. Abordando os aspectos histórico, sociológico, antropológico e econômico do Nordeste Canavieiro, o "Prêmio Gilberto Freyre" certamente possibilitará o aparecimento de valores autênticos no atual panorama da moderna cultura brasileira.

Apostolado

Reiteramos que a nossa geração — a atual e a futura — continuará em dívida com **Gilberto Freyre** dado o seu significante exemplo de apóstolo da Cultura. "Brazil: An Interpretation", "Order and Progress, Brazil from Monarchy to Republic", "New World in The Tropics", "Masters and Slaves" (A Study in the Development of Brazilian Civilization), obras editadas em inglês, constituem mostras da universalidade do escritor.

A literatura brasileira tem nele um luminar autêntico. Um notável expoente em todas as dimensões da pesquisa social. A **Academia Patriótica** do Nordeste o raro imortal que prescindiu de eleições e disputas e nela têm assento numa Cadeira cujo nobre patrono é o próprio povo brasileiro! E cada salão, nessa **Acrópole**, está decorado com um quadro de Engenho, de antigos escravos ou de canaviais viçosos, porque também o Nordeste ecológico sempre foi uma das paixões de **Gilberto Freyre.**

Pernambuco e o Brasil

Não têm sido poucos aqueles que buscaram e ainda tentam ingenuamente ofuscar o valor intelectual e humano de homens do gabarito de **Gilberto Freyre**. Mas ele continua trabalhando e mantendo um sorriso manso. O modo característico de responder espontâneo e lógico das criaturas de gênio. Conquanto muita gente continui a **sonhar** em diminuir-lhe os méritos, por inveja ou frustração, ele prossegue cultivando com sinceridade o seu amor por Pernambuco e pelo Brasil. Vinculou-se a este **binômio** desde a juventude, mesmo no período quando esteve ausente do País, estudando no outro lado da América. Por isto suas palavras sábias e os seus conceitos têm a força e o fascínio musical das grandes e imortais Sinfonias.

AGRICULTURA CANAVIEIRA E CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE

EMBAIXADOR E. P. BARBOSA
DA SILVA *

As comemorações do BANCOPLAN, em 15 de novembro último, promovidas pelo seu dinâmico Presidente, Dr. José Mário de Andrade, levaram a Recife o Presidente do IAA, Gal. Tavares Carmo, e grande número de ex-Presidentes. Na oportunidade, além da palavra autorizada do Gal. Tavares Carmo, os ex-Presidentes, pelos quais falou o Magnífico Reitor da Universidade de Recife, Dr. Paulo Maciel, ouviram significativas evocações, feitas com admirável brilho, sobre a atuação do IAA. Nesta magistral síntese histórica, se evidenciou o trabalho perseverante da Autarquia, através de sucessivas administrações, na orientação e defesa do setor agro-industrial canavieiro. Além desta expressiva cerimônia, foi oficializada pela entidade de lavradores pernambucanos, a Campanha da Produtividade, com ênfase que me foi muito cara sentir, em solenidade realizada no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na presença inspiradora de Gilberto Freyre.

De fato, se os industriais do açúcar, afeitos às novas dimensões da produção nacional, vêm trazendo às suas plantações tecnologia e métodos avançados para melhor produção de sua matéria-prima, já era tempo que o empresário agrícola, aliado inseparável da indústria, também tivesse reavivada sua consciência da responsabilidade que lhe incumbe no grande esforço necessário para ampliação da produção de cana no país.

É truísmo, por todos entendido, de que o açúcar se faz no campo. Se atentarmos na meta do Governo para uma produção de 10 milhões de ton. de açúcar, entre 80/82, e para o novo desafio da produção de álcool no mesmo prazo, somos levados a concluir que, àquela época, o Brasil deverá estar dobrando a atual produção canavieira. Em cerca de uma década, dever-se-á fazer algo que o setor canavieiro realizou em 400 anos! Se o esforço industrial, tanto com relação ao açúcar quanto ao álcool, já será formidável, imaginemos o que se deverá exigir do lavrador de cana para a indispensável produção da matéria-prima e para que o alcance social dessa produção, se faça sentir. É verdade que o programa do PLANALSUCAR oferece apoio valioso à tarefa dos produtores, mas, como disse, a responsabilidade destes é imensa!

Mesmo se descontadas as contribuições de áreas novas, será tremenda a demanda de cana nas regiões tradicionais, em muitas das quais a expansão da produção se deverá fazer face a intensa concorrência de outras culturas, com suas próprias perspectivas de mercado e de preço, interna e externamente.

Daí o significado transcendente da "Campanha da Produtividade" lançada pelos produtores de cana de Pernambuco, que deverá motivar seus colegas de outras áreas para uma campanha de âmbito nacional, para lastrear a expansão da produção de açúcar e de álcool.

Urge, pois, que os lavradores produzam mais e melhor. O aumento de produ-

---

* Empresário e Ex-Presidente do I.A.A.

tividade, além de permitir o mais rápido atendimento das metas do Governo, tem impacto marcante na vida do próprio agricultor, seja pela possibilidade de remuneração do fator terra, seja pela de cobertura dos altos custos de equipamentos e insumos. E produtividade não quer dizer somente maior volume por área. É maior volume por homem, melhor relação capital produto, melhor técnica e maior controle, com maior mobilização de talentos e energias.

Já em 1962, durante minha breve passagem pelo IAA, preocupava-me a consolidação e modernização do Parque Açucareiro nordestino. Ao considerar um programa para o Nordeste, em que previa a necessidade de fusão e ampliação de usinas, dera destaque especial à possibilidade de elevação de produtividade agrícola, em documento que deixei como registro de minha gestão, "A Economia da Cana-de-Açúcar no Brasil. Consolidação e Perspectivas de Expansão. 1962". Ali esboçara uma série de providências tendentes a racionalizar o esforço de expansão e, quiçá, de diversificação da produção nas áreas canavieiras do Nordeste (págs. 143 a 180).

No meu discurso de posse em 10 de outubro de 1961, já havia dito:

> "Pelo aumento da produtividade será gerada a renda indispensável à tarefa ingente de humanização do homem do campo. A boa repartição da renda entre os agentes da produção pressupõe a criação da mesma renda, pois só se pode repartir riqueza e não miséria".

Aquelas idéias, pelo arrojo das cifras e pela forma global de sua apresentação, se impunham por força da previsão que fizera, apoiado em observações colhidas nos eficientes serviços técnicos do Instituto, de que o Brasil, em 71/72, deveria estar produzindo cerca de 100 milhões de sacos de açúcar, cifras que os fatos vieram a confirmar. Minha preocupação intensa era de que, numa expansão de tal envergadura, devia-se modernizar também, com a maior prioridade, o setor agroindustrial canavieiro do Nordeste, para evitar que a expansão esperada se fizesse sem que o Nordeste dela participasse com todo o peso do seu potencial agrícola e empresarial.

Muitas águas correram desde então. Muitos aspectos, tidos como novos ou ambiciosos àquela altura, talvez já tenham sido superados. Entretanto, uma revisão tranqüila e objetiva dos planteamentos então feitos, atualizando-os, poderão servir ainda hoje para a patriótica Campanha de Produtividade, em boa hora lançada pelo BANCOPLAN, dando-lhes o respaldo dos estudos e reflexões então feitos.

Finalmente, desejamos exprimir a esperança de que o entusiasmo e objetividade da Campanha de Produtividade contagie as entidades de classe de outras regiões. Os resultados da Campanha em Pernambuco, debatidos em Seminários naquelas outras regiões, hão de dar real cunho nacional a iniciativa de tão significado interesse.

Nº 2 PÁG. 144)

General Alvaro Tavares Carmo lê seu pronunciamento sobre a **Campanha da Produtividade**, no jardim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ouvido atentamente pelo Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-Presidente do IAA, Professor Paulo Maciel, Fernando de Mello Freyre, Diretor-Executivo do IJNPS, escritor Gilberto Freyre e pelo Presidente do BANCOPLAN, José Mário de Andrade, na solenidade de lançamento dos Prêmios da Produtividade e sobre o Nordeste Canavieiro.

Um trator **Valmet**, um dos prêmios oferecidos aos **Canavieiros do Ano** pelo BANCOPLAN, dentro das bases do Concurso da Produtividade — **Prêmio Alvaro Tavares Carmo** — e automóvel doado **à Campanha da Produtividade**, para o transporte de técnicos, pela **Mecol Carrocerias Metálicas**, do Recife, cujas chaves foram simbolicamente entregues ao Presidente do IAA.

O assunto é produtividade, numa conversa de que participaram, no Recife, o Coronel Aécio Rodrigues de Novaes, Coordenador-Geral de Relações Públicas do Ministério da Indústria e do Comércio, o General Alvaro Tavares Carmo, Presidente do IAA, Francisco Ribeiro da Silva, ex-Presidente do IAA, Antônio Evaldo Inojosa de Andrade, Presidente da COPERFLU, Antônio Farias, Prefeito do Recife, e o industrial açucareiro Fernando Rodrigues.

O Diretor do Departamento de Assistência à Produção/DAP, do IAA, e Presidente do Conselho Deliberativo do PLANALSUCAR, Paulo Tavares, fala durante o **Encontro da Produtividade**, tendo à mesa, a partir da esquerda, os senhores Gilberto Miller Azzi, Superintendente-Geral do PLANALSUCAR, Nilo Arêa Leão, Superintendente do IAA em São Paulo, Antônio Evaldo Inojosa de Andrade, Presidente da COPERFLU e General Sylvio Cahu, Presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar em Pernambuco.

Luís Queiroga, membro do Conselho de Administração do BANCOPLAN, entrega a Medalha do Mérito Canavieiro ao Presidente da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco, Rui Carneiro da Cunha.

Engenheiro-agrônomo Luís Gonzaga Xavier, ex-Presidente do BANCOPLAN, recebe a distinção das mãos do atual Presidente.

O Diretor-Presidente da empresa **Diário de Pernambuco** S/A, advogado e jornalista Antiógenes Chaves, recebe do Presidente do BANCOPLAN a Medalha e o Diploma do Mérito Canavieiro, Classe Ouro, concedida ao **Diário**, no ano do seu sesquicentenário.

Ernesto Pereira Lima, ex-Presidente do BANCOPLAN, recebe a Medalha e o Diploma do Mérito Canavieiro.

Luís de França Lins de Mendonça, Diretor-Tesoureiro do BANCOPLAN, entrega a medalha e o diploma ao ex-Presidente da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, Fausto Pontual.

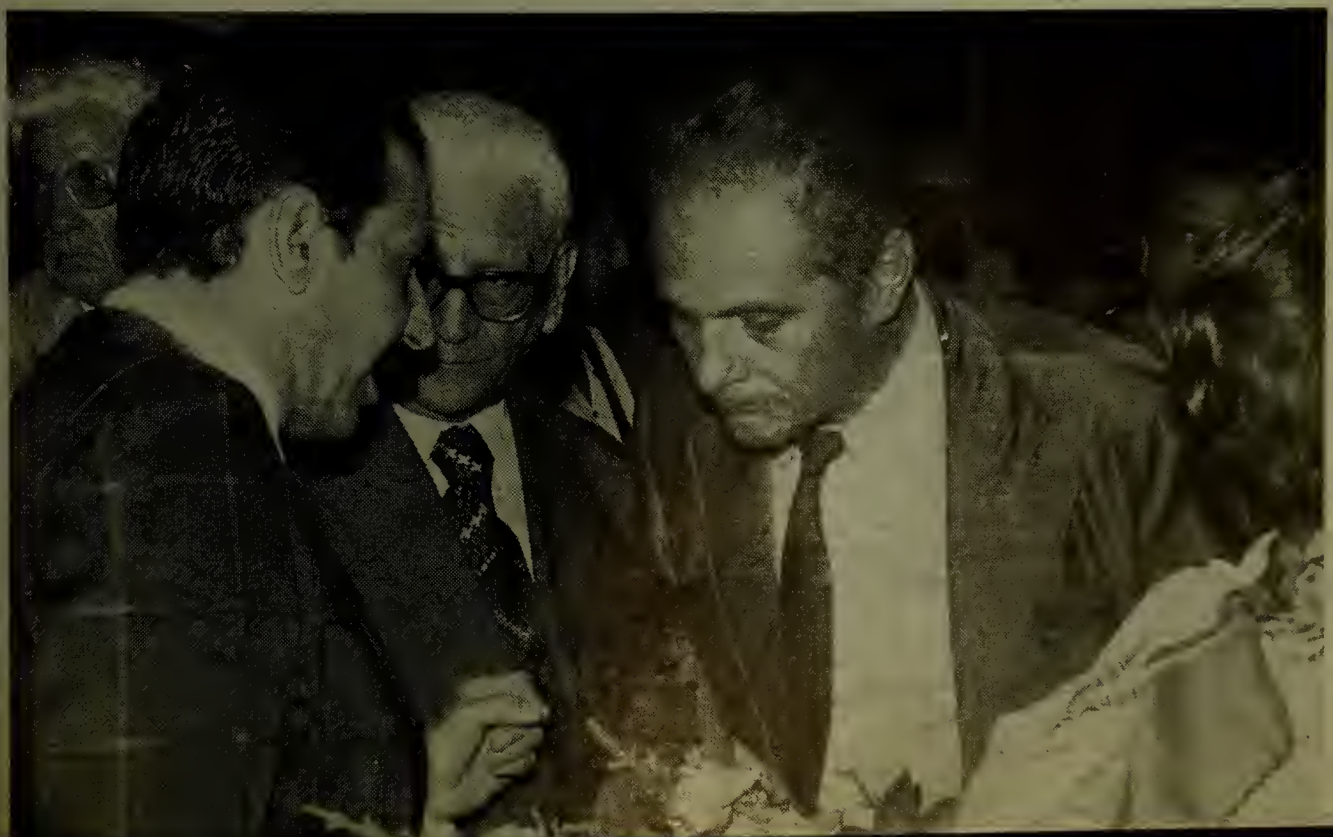
Embaixador Edmundo Penna Barbosa, ex-Presidente do IAA, recebe do também ex-Presidente, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Paulo Maciel, a distinção outorgada pelo BANCOPLAN.

Senhoras General Alvaro Tavares Carmo (de óculos) e José Mário de Andrade, ladeadas pelo Presidente do IAA, General Carmo, Vice-Governador de Pernambuco, Paulo Gustavo de Araújo Cunha e Prefeito do Recife, Antônio Farias. Na foto abaixo, aspecto do auditório do BANCOPLAN, na cerimônia de entrega das medalhas e diplomas do Mérito Canavieiro, instituído pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, para agraciar às personalidades que mais se distinguem, nacionalmente, por seu trabalho em prol do desenvolvimento da agroindústria açucareira.

Pronunciamento do General Alvaro Tavares Carmo, no auditório do BANCOPLAN. A partir da esquerda, Antônio Evaldo Inojosa de Andrade, Presidente da COPERFLU, Professor Paulo Maciel, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, José Mário de Andrade, Presidente do BANCOPLAN, Paulo Gustavo de Araújo Cunha, Vice-Governador de Pernambuco, Coronel João Meira de Mello Távora, representante do Comando do IV Exército, Antiógenes Chaves, Diretor do **Diário de Pernambuco** e escritor Gilberto Freyre.

Encontro no Salão Nobre do Instituto Nabuco: o Coronel Ivo Barbosa, representando o Comando da Sétima Região Militar, em companhia do General Sylvio Cahu, Presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar do Estado de Pernambuco, e do Major Oswaldo Almeida, Presidente da Cooperativa de Crédito e da Associação dos Fornecedores de Cana do Estado do Rio de Janeiro.

José Francisco de Moura Cavalcanti, Governador de Pernambuco, foi muito cumprimentado, por ter nascido em seu Estado a **Campanha da Produtividade**, uma vez que a repercussão nacional desse movimento se traduz em maior prestígio para sua Administração. Ao General Alvaro Tavares Carmo, Presidente do IAA, disse o Governador que sua satisfação, com a iniciativa do BANCOPLAN, é ainda maior, por ser ele também um homem dos canaviais.

Antônio Augusto de Souza Leão, Superintendente Regional do IAA em Pernambuco, sentiu de imediato que a Campanha da Produtividade, nascida em Pernambuco, teria irradiação em todo o País, e foi o primeiro a sensibilizar-se com o movimento lançado pelo BANCOPLAN com o apoio do Instituto do Açúcar e do Álcool.

Medalha do Mérito Canavieiro

A Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. (Bancoplan)
concede a Leonardo Truda
a Medalha do Mérito Canavieiro, classe ouro,
pelos relevantes serviços prestados
à Lavoura de Cana-de-Açúcar e à Agroindústria Açucareira
do Estado de Pernambuco.

Cidade do Recife, aos 15 dias do mês de Novembro do ano de 1975

JOSÉ MÁRIO DE ANDRADE
Presidente

FAC-SÍMILE do Diploma do Mérito Canavieiro, outorgado pelo BANCOPLAN, no lançamento da Campanha da Produtividade. Foram distinguidos Leonardo Truda (idealizador do IAA — Homenagem Póstuma), José Francisco de Moura Cavalcanti, governador do Estado; General Alvaro Tavares Carmo, Presidente do IAA; escritor Gilberto Freyre; José Alexandre Barbosa Lima Sobrinho; Manoel Gomes Maranhão; Edmundo Penna Barbosa da Silva; Leandro Maynard Maciel; Antônio Evaldo Inojosa de Andrade; José Maria Nogueira; Francisco Elias da Rosa Oiticica; Esperidião Lopes de Farias Jr.; Paulo Frederico do Rego Maciel; Hildeberto Nunes Sanglard; Francisco Ribeiro da Silva; José Accioly de Sá; **Diário de Pernambuco**, na pessoa do advogado Antiógenes Chaves, Presidente da empresa; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; General Sylvio de Melo Cahu; Zoé Borba de Araújo Pereira; Fausto da Silva Pontual Jr.; Luiz Gonzaga Xavier de Andrade; Francisco Alberto Moreira Falcão; Alfredo Eugênio Martins de Almeida; Ernesto Gonçalves Pereira Lima; Gustavo Colaço Dias; Fernando Rabelo; José Miguel Neto; Gileno de Carli; Ronaldo de Souza Vale (homenagem póstuma); Eduardo Rios; Rui Carneiro da Cunha e João Soares Palmeira.

O AÇÚCAR E SUA GENTE

Jornalista e empresário **Gomes Maranhão**, ex-presidente do IAA e Diretor dos Diários Associados.

A briga começou em 1500. Briga no bom sentido. O escrivão da armada de Cabral não brincava em serviço e não participou da primeira viagem ao Brasil apenas como turista. Na sua fala ao rei D. Manuel, o Venturoso, foi logo dizendo o que era a terra descoberta. Viu pelo jeito da flora, da fauna, tudo com cara de virgem ao contato com a civilização, que isso aqui poderia ser um bom "pé de meia" para o Reino. E afirmou, categórico: Majestade, a terra é boa, plantando, dá.

E foi assim o começo. Entre as lavouras da primeira hora, após 1500, lá figura a cana-de-açúcar, que até hoje, de modo geral, não tem feito figura feia. Aos trancos e barrancos, com muito choro, muita vela, muito esforço, muita injustiça, a agroindústria açucareira no decorrer desses quatro séculos e pedaços, botou banca na economia nacional. E tanto em idos tempos como atualmente, pois está puxando o cordão da nossa riqueza na balança comercial, carreando, só na exportação, quase um bilhão e meio de dólares para os cofres da Nação. Isto é bom e não tem segredo. Surge como fruto de uma política bem entrosada, quer no setor público, quer na iniciativa privada. De 1930 para cá, quando Getúlio Vargas entregou o estudo e equacionamento do problema a Leonardo Truda, um seu conterrâneo de boa têmpera, o trem açucareiro começou a entrar nos trilhos. Os descarrilamentos de então até hoje têm sido mínimos, vamos dizer exceções. De modo geral a política do governo no setor açúcar é boa. O Brasil, de ontem e de hoje, como país subdesenvolvido ou em fase de desenvolvimento, tem dado os seus escorregos. Mas também não somos dos piores no mapa do terceiro mundo. Até que, às vezes, principalmente a partir de 1940, vimos assinalando etapas de progresso e acerto, em ritmo crescente. E o açúcar figura sempre em sinal verde.

Não foi, porém, para fazer história que me senti motivado para escrever umas coisas sobre a campanha que a Cooperativa dos Plantadores de Cana de Pernambuco está lançando aos quatro ventos com muito apetite para incentivar sua gente. Trata-se de uma comunidade valente, cheia de muitos pecados e virtudes, e não podia ser de outra forma. Haja vista a herança quadrisecular das senzalas e casas-grandes a plantar mais e melhor. Para começo de conversa quero fazer uma ressalva. Ao lado da campanha em si, existe um fator positivo, com sentido cooperativista. Ninguém sai para uma luta dessa vendo no irmão de sofrimento um opositor de suas idéias. Se a campanha é de plantar mais e em melhores condições, vamos, então, sair todos juntos. Sem vencidos nem vencedores. Parece que foi isto que entendi do bate-papo que tive com o presidente do Bancoplan, quando ele se referiu de maneira simpática e respeitosa a figuras tradicionais, lutadores autênticos do **front** canavieiro do Estado que, na recente peleja eleitoral pela escolha dos novos dirigentes do órgão da classe, estiveram em campos opostos.

Tudo passou e chegou a hora de botar na peneira do bom senso as idéias boas saídas da cachola de uns e de outros para se misturarem no cadinho do bem comum nascido do desejo de toda a comunidade açucareira de Pernambuco de levantar seus índices de produção. Sobretudo quando Alagoas, ali pertinho, está querendo atingir os calcanhares do seu vizinho maior. Esse incentivo tem sabor construtivo. Tudo na vida, para se galgar melhores degraus, requer esforço, espírito de luta, competição, com os soldados do mesmo exército unidos em pontos de vista comuns.

Quero, a esta altura, pedir consentimento aos plantadores de cana, para uma palavrinha sobre outros ângulos do problema açucareiro e, um pouco mais adiante, do Nordeste, enfim. Li, outro dia, que um dos nossos centros açucareiros do sul andava meio de cara fechada com o Instituto do Açúcar e do Álcool por causa de certas medidas tomadas pelo órgão oficial. De modo especial no tocante ao subsídio dado ao consumo interno na linha do refinado. À primeira vista, realmente tudo o que cheira a favor não merece simpatia. Daí porque o caso requer uma análise mais apurada. Ora, o dinheiro de onde provém esse subsídio não é de **a** ou de **b**. É do interesse de todos quantos produzem ou consomem açúcar no País, pois resulta de um Fundo — o Fundo de Exportação, cuja finalidade é enfrentar os problemas criados com os altos e baixos dos preços e melhorar as condições dessa economia em todas as suas fases — bem amealhado e bem administrado — até prova em contrário — pelo I.A.A. Esse Fundo cresceu graças aos preços fora de série conseguidos até pouco pelo açúcar exportado. Preço que, agora, está a um quinto daquilo que foi há dois anos passados ou algum tempo menos. O Fundo está murcho, bem mais magro. Mas tudo é assim na vida. Há o tempo das vacas magras e das vacas gordas, ensinavam os José e seus descendentes, do Egito ou seus adjacentes.

Quando o Instituto pode, ajuda em larga escala, sem titubeio, o setor de produção, sobretudo na parte industrial. E como ajudou e como muita gente — louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo — viu duplicar o seu patrimônio como mandioca de várzea. Agora fica feio essa mesma operosa gente estar estalando a língua porque o I.A.A. demora um pouco, anda meio capenga em conceder financiamentos, de certo justos e começa a falar mal do subsídio. Vamos dar tempo ao tempo e tudo se resolverá bem. Da comunidade consumidora de açúcar, um produto tradicionalmente barato não pela generosidade de quem produz, mas pela compreensão de quem administra e conhece as razões desse povo, cujo índice de pobreza é dos mais altos pois atinge a escala nacional e só lhe resta a esperança de adoçar a boca com alguns centavos a menos que não farão tanta falta na conta bancária dos usineiros. Mesmo porque o I.A.A., na sua longa existência, beirando quase meio século, tem se mostrado solícito e compreensivo quando através de um pleito bem apresentado, bem estudado, confere deferimento para ampliação, melhoria, fusão de usinas, etc., e, anos depois, na hora do ressarcimento, tem sido tolerante, paciente com seus devedores, cujos melhores aliados no rosário de justificativas são o sol e a chuva de mais ou de menos...

Conversa sobre açúcar e sua gente é um nunca mais acabar. Por isso, vamos hoje ficar aqui, certos de uma coisa porém, usineiro com pinta e tradição de bom administrador, pobre, nasceu morto e, trabalhador de eito (chama-se hoje, operário rural e a tarefa "quadra") que enriqueceu nesse batente está para nascer. Plantador de cana, fornecedor, como queiram batizá-lo, vai safando a onça. Dá para criar decentemente a família. O resto é por conta do choro, que é livre.

PLANTADORES DE CANA NO CAMINHO CERTO

O industrial paraibano Odilon Ribeiro Coutinho diz a **Brasil Açucareiro** que a instituição dos prêmios **Gilberto Freyre** e **Alvaro Tavares Carmo**, pelo BANCOPLAN, do Recife, é uma iniciativa da maior oportunidade, e entende que a Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco está no caminho certo, contribuindo de maneira muito significativa para elevar os índices de produtividade da cana-de-açúcar no Nordeste.

"Quem sabe se o BANCOPLAN, na sua atual imagem, não é o embrião dessa tão desejada instituição, o **Banco do Açúcar**? Pois a comunidade canavieira não se pode dividir em muitas facções e a casa do açúcar não pode ter muitas moradas."

"É merecedor do nosso aplauso o esforço que o General Alvaro Tavares Carmo, à frente do IAA, vem realizando no sentido de dotar o setor sob a sua direção de estrutura indispensável à obtenção de índices de produtividade compatíveis com o grau de adiantamento atingido pela tecnologia do açúcar." A partir dessa observação, o empresário e jornalista Odilon Ribeiro Coutinho, industrial do açúcar na Paraíba, analisou a instituição, pelo BANCOPLAN, do Recife, do **Prêmio Alvaro Tavares Carmo**, para distinguir os **Canavieiros do Ano** no Estado de Pernambuco.

"É um prêmio", acentuou, "que tem um patrono à altura. Do Presidente do IAA se pode dizer, sem dúvida, que é um homem de boa vontade. Com evidente modéstia, ele gosta de dizer que não se considera um **expert** em assuntos canavieiros. Mas tem revelado um tão seguro bom senso, que à sua Administração muito se deve creditar, pois está se desenvolvendo dentro de uma linha de eficiência e sentido de adequação, que ele vem pro-

curando comunicar aos planos de expansão e dinamização da agroindústria açucareira."

Quanto ao Prêmio que homenageia o escritor Gilberto Freyre, seu amigo desde a juventude e companheiro de campanhas políticas e cívicas, no Recife (onde se formou em Direito), Odilon Ribeiro Coutinho tem muito a dizer:

"O Prêmio Gilberto Freyre constitui, graças ao espírito largo e à visão inteligente do Presidente do BANCOPLAN, José Mário de Andrade, uma iniciativa da maior oportunidade, por parte de uma entidade de classe ligada à atividade canavieira, no sentido de exaltar a significação de uma obra que se desenvolveu, não apenas na direção da análise do processo de formação nacional em torno da cana-de-açúcar, mas enriqueceu de modo notável a compreensão de empresários, agricultores, políticos, autoridades, técnicos, líderes operários, economistas, chefes religiosos, estudiosos de várias especialidades, interessados na solução dos problemas de natureza social e econômica, e até de natureza técnica, relacionados com a cultura da cana e seus desdobramentos humanos, dentro do quadro da Economia do Nordeste."

ESTÍMULO, DESAFIO, RESPONSABILIDADE SOCIAL

"Gilberto Freyre", disse Odilon Ribeiro Coutinho, "estimulou a nossa sensibilidade; lançou desafios à nossa imaginação; ativou o nosso senso de responsabilidade social; conscientizou o homem da região dos valores ecológicos, até então ineptamente desdenhados; integrou a sociedade canavieira na realidade lírica de nosso passado, valorizando as nossas tradições, a nossa paisagem, as nossas artes populares, a nossa cozinha, a nossa arquitetura, a democracia social que criamos, as formas de relacionamento social que desenvolvemos, os elementos criativos que floresceram ao lado da cana-de-açúcar."

Acrescentou Ribeiro Coutinho que Gilberto Freyre, nesse esforço de valorização, não hesitou em denunciar a degradação das águas; das terras; das árvores; dos valores ecológicos; das conquistas que serviram de testemunhos do afã com que os homens que, no passado, se ligaram à cana-de-açúcar, se entregaram ao labor de "domesticação" da mata tropical. "Não hesitou, sobretudo, em denunciar, ao pé da opulência das usinas, à sombra das chaminés arrogantes, a existência do tipo mais grave de degradação: a degradação do homem, transformado em pária pela nova e mais sofisticada forma de industrialização da cana.

"Por tudo isso, por ter advertido de modo candidamente evangélico, a existência dessas iniqüidades; por ter dado contribuição de importância decisiva para a restauração do equilíbrio social e do equilíbrio ecológico, é que já vinha tardando, por parte das entidades interessadas, o gesto de reconhecimento.

"O ato de reparação veio, agora, por iniciativa do Presidente do BANCOPLAN, José Mário de Andrade, que, numa atitude de lúcida liderança, promove a primeira manifestação pública de reconhecimento, de responsabilidade de uma entidade canavieira, a um escritor que realizou obra genial de valorização dos elementos criativos da civilização do açúcar."

PRODUTIVIDADE COM NOVA IMAGEM

Sobre em que medida o BANCOPLAN pode contribuir para a elevação dos índices de produtividade e para a adoção de uma tecnologia mais avançada, disse Odilon Ribeiro Coutinho:

"O BANCOPLAN está no caminho certo. A nova imagem da instituição, projetada pela administração de José Mário de Andrade, impôs-se à admiração da comunidade que se organizou em torno da cana-de-açúcar: fornecedores de cana, produtores de açúcar, técnicos e economistas rurais, agrônomos, autoridades creditícias e canavieiras.

"Os fornecedores devem orgulhar-se de sua entidade.

"Lamento apenas que não exista para os produtores de açúcar uma organização semelhante: uma espécie de Banco do Açúcar.

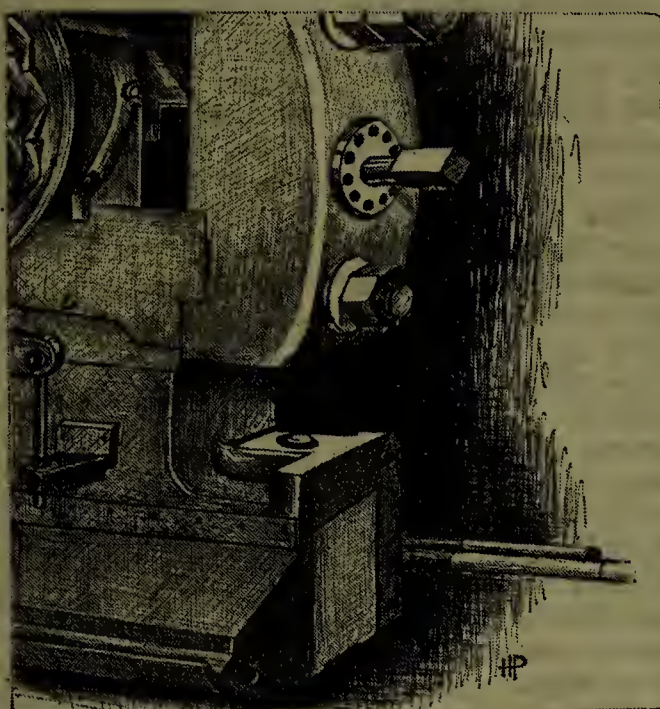
"Quem sabe se o BANCOPLAN, na sua atual imagem, não é o embrião dessa tão desejada instituição? Não me parece uma coisa fortuita, o fato de o atual BANCOPLAN contar, entre os seus associados,

Nº 2 PÁG. 148)

com alguns usineiros. O espírito ecumênico de José Mário de Andrade já está antecipando soluções.

"Partiu o presidente do BANCOPLAN da verdade simples de que a comunidade canavieira não se pode dividir em facções, que a casa do açúcar não pode ter muitas moradas: a divisão estéril entre fornecedores de cana e produtores de açúcar deve ser substituída pela união de esforços, para que se possa aproveitar ao máximo o resultado das pesquisas e as vantagens da tecnologia."

CRIATIVIDADE DO EMPRESARIADO

O presidente do BANCOPLAN, segundo acentuou o industrial Odilon Ribeiro Coutinho, está "mais interessado em dotar a cultura da cana de métodos mais eficientes de produção, do que em fomentar rivalidades desgastantes. "Por isso, eu acredito que seu plano de assistência e o elenco de estímulos que está criando produzirão o efeito desejado de rápida elevação dos índices de produtividade da lavoura canavieira."

IMPERATIVO DA GRANDEZA

Professor Syleno Ribeiro de Paiva

"Nenhum curso de água é por si próprio, grande e rico; torna-se tal pelo fato de receber e arrastar consigo tantos afluentes secundários. O mesmo sucede com todas as grandezas do espírito."

Nietzsche

Ainda hoje não se pode pensar em Pernambuco, sem que se associe ao seu futuro, o futuro da agroindústria canavieira. No passado, a marcante influência desempenhada pelo açúcar no processo civilizatório estadual e regional exercitou-se por múltiplas formas: havia uma grandeza nas coisas e havia uma visão lúcida a dirigir aquela mesma grandeza. Assim Tenente de Catende, para citar apenas um exemplo modelar.

Atualmente, a extrema complexidade das relações econômicas, políticas e sociais subjacentes à civilização brasileira do açúcar, torna inadiável uma profunda mudança de mentalidade que seja capaz de se constituir em fonte geradora de uma unidade tornada imperiosa, no interesse comum. Sem esta unidade, serão levadas ao paroxismo — no meu sentir — todas as tensões que se acumularam no setor, ao longo de um passado tão fortemente marcado por contribuições generosas e igualmente por preocupantes descompassos. Descompassos entre a gestão da atividade em questão — considerada ao nível das unidades econômicas de produção — e algumas aspirações, tanto da força de trabalho nelas empregada, como da comunidade em geral.

Sendo como sou um partidário da livre iniciativa, por compreendê-la como parte inseparável das liberdades cívicas, desejaria que — mesmo em setor onde tão intensamente se faz sentir o dirigismo econômico por parte do Estado — fosse da empresa privada e dos homens que a dirigem, que surgissem algumas orientações e alguns procedimentos inovadores. Precisamente os capazes de restituir a Pernambuco aquela grandeza e aquele percentual de participação no poder decisório imprescindíveis à realização com honra do seu destino específico. Até porque é lição bem sabida que ao grito de guerra "tanto Estado quanto possível", geralmente se sucede, quase como corolário necessário, o grito oposto "tão pouco Estado quanto possível". Assim ensinava marcante filósofo alemão e desse modo acredito que vá acontecer nos países hoje dominados pela idéia comunista e nos quais a mocidade e o mundo da inteligência já se revelam nostálgicos da liberdade perdida e dispostos a reconstruí-la por sobre os despojos de frustradas e sangrentas ilusões. Tudo sem retornos possíveis a passados igualmente lamentáveis.

Não acredito que essa unidade por mim concebida como imperiosa e inadiável, possa ser obtida sem que se atente para o fato de que a ordem econômica nacional está disciplinada conforme os princípios de justiça social, conciliando a liberdade de iniciativa com a valorização do trabalho humano, visando realizar o desenvolvimento nacional. Porquê? — Porque não se trata da unidade apenas dos produtores pernambucanos de cana e de açúcar. Trata-se, sobretudo, a partir desta unidade básica, da unidade dos pernambucanos, em torno do reconhecimento de que os problemas do açúcar são problemas que interessam a todos eles, na medida em que as soluções adotadas para os referidos problemas deverão a todos eles beneficiar, direta ou indiretamente. Não será apenas pela adoção de processos técnicos modernos e modernizadores no plano da produção agrícola e industrial e da respectiva comercializaço, que se alcançará o fim em questão.

Aos mencionados esforços há que se acrescentar a preocupação de novamente colocar a agroindústria canavieira no centro da vida de Pernambuco e do Homem Pernambucano. Na preocupação maior dos seus governantes. Na determinação comunitária de evitar a recidiva de atitudes primárias perigosamente capazes de comprometer todo um trabalho de reconstrução que seja além de comum, executado em benefício de todos.

Vozes expressivas já se têm feito ouvir nos rumos dessas justificadas preocupações.

Ainda recentemente o ex-Governador Cid Sampaio, em artigo publicado no **Diário de Pernambuco**, edição do dia 11 p. passado, afirmou:

> "A riqueza produzida pela região mais pobre do Brasil é confiscada em montante maior que duas vezes o valor que recebe.
>
> Parte do confisco é usado para reequipar o parque açucareiro de todo o Brasil. A outra parte, em ordem de grandeza aproximada ao valor líquido que é pago ao produtor, é utilizada para subsidiar o consumo, inclusive o das regiões mais ricas do País. E, o que é mais grave sob o aspecto político-social, é que as populações pobres e subempregadas da Zona da Mata nordestina já tomaram consciência dessa transferência dos recursos que geram. Assim, as regiões superpopuladas do Nordeste continuam em regime de subemprego. A atividade econômica a que, sem alternativa, se vinculam permanece com baixo padrão de rendimento e conseqüentemente baixos continuam os salários. Se me refiro a este assunto é para que os primeiros escalões da administração brasileira e o próprio Presidente da República a quem os brasileiros hoje admiram, respeitam e nele depositam a esperança, tomem conhecimento e possam pôr termo a essas medidas injustas e iníquas."

Por sua vez o Sociólogo-Antropólogo Gilberto Freyre, também recentemente, em artigo intitulado "Qual o provável futuro da civilização do Açúcar?", declarou:

> "Podem-se, entretanto, prever modificações nas técnicas e nas formas sociais de produção de açúcar no Brasil como noutros países. O latifúndio de propriedade individual, como plantação de cana, é já um arcaísmo. Como arcaísmo, não é de esperar que subsista. O futuro sócio-econômico do açúcar brasileiro está ligado a outros, e mais abrangentes futuros sócio-econômicos, dentro e fora do Brasil. Tenderá, nesses futuros, a acentuar-se a intervenção do Estado em atividades econômicas? Ou estaremos nas vésperas de cooperativas açucareiras? Ou de socializações outras? Ou de novas formas capitalistas?"

Outrossim, reencontrando-se com a pureza das suas origens, Pernambuco Açucareiro, através da atuante Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. (BANCOPLAN), tem lutado no sentido de evitar que injustiças reconhecidas, através do endividamento inevitável, comprometam todo um patrimônio material e cívico. Patrimônio esse que, na sua maioria, é resultante do trabalho e do sacrifício de gerações consecutivas de homens da classe média rural de Pernambuco.

Várias são as iniciativas através das quais os empresários que fazem o Universo Açucareiro de Pernambuco, objetivamente tomam consciência da realidade global na qual estão inseridos e atentamente prescrutam os aspectos sócio-econômicos da zona canavieira de Pernambuco em especial e do Nordeste, em geral. Outro não é o sentido da Campanha da Produtividade em tão boa hora inaugurada em Pernambuco. Sobre ela disse o ainda jovem e já tão promissoramente amadurecido Presidente José Mário de Andrade, na solenidade do lançamento respectivo, significativamente realizada no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no dia 14/11/1975:

> "Pela primeira vez, plantadores de cana, unidos a empresários do açúcar, conscientizam-se no Nordeste da necessidade de empreender, com apoio do I.A.A. e Planalsucar, ampla, radical e conseqüente reforma nos métodos de cultivo da Cana, pela busca de maiores índices de produtividade, o que equivale a dizer, pela substituição de processos de amanho da terra, de variedades improdutivas por outras mais produtivas e mais ricas em sacarose. Uma reforma que deveria ter começado ontem; e que se começa

hoje, prosseguirá no amanhã das safras e das gerações de plantadores arraigados ao solo de Pernambuco como a própria cana e mantenedoras da economia e da cultura deste pedaço do Brasil."

Objetivos tão ambiciosos e que se projetam em ânimo mantenedor "da economia e da cultura deste pedaço do Brasil", receberão, por certo, a solidariedade da gente pernambucana, sem a qual, vão será o trabalho que se pretende desenvolver. Desde que se queira servir ao homem, eu acredito que o Homem não deixará de prestar colaboração, uma vez que, inclusive, estará se ajudando a si próprio. Desde que não se queira sinceramente servir ao Homem, não há porque se esperar a colaboração do Homem, para além daquela que dele se recebe como contraprestação, nos limites por demais rígidos do mero contrato de trabalho.

Vem sendo modernizado o parque industrial açucareiro. Muito começou a ser feito para se obter uma ampliação da lavoura canavieira e o aumento da sua produtividade. Foi fixado o Programa Nacional do Álcool, em decorrência do qual novas áreas de plantio serão incorporadas de modo a não se permitir seja prejudicada a indústria tradicional de açúcar já instalada. Destilarias autônomas serão autorizadas e implantadas levando em conta as fontes de consumo.

Dentro desse quadro, cumpre à empresa privada nordestina, vinculada à atividade açucareira, realizar toda a sua potencialidade em tanto que instrumento constitucionalmente reconhecido como apto para prestar contribuição decisiva ao desenvolvimento econômico-social, desde que seja capaz de conciliar nesse afã, os interesses de ordem privada e o interesse coletivo.

No meu entender, também nesse campo, é chegada a hora do exercício da imaginação criadora. No Brasil contemporâneo não há mais lugar para a busca de soluções fáceis ou para a cópia servil de modelos alienígenas. Em todos os setores da vida nacional, há um Brasil renovado e renovador que já não se concilia com certas formas sobreviventes de um Brasil anacrônico e perecido.

O projeto de desenvolvimento político, econômico e social da Nação Brasileira, por determinação revolucionária inamovível, impõe a criação de uma sociedade solidária, alicerçado no princípio da liberdade, com toda a carga de responsabilidade pessoal e cívica que ela implica. Não se pode, portanto, esperar que tudo venha do Governo, pois este já está assegurando o clima de paz necessário para que nasçam, de baixo para cima, os frutos do trabalho patriótico e as inspirações de uma comunhão toda feita de respeito mútuo e de fraternal convivência entre os brasileiros. Não se trata apenas de corrigir os desníveis econômicos regionais e individuais de renda. Esses, são efeitos materiais de um mal maior que todos: a ausência de um sentimento de união, sem o qual nada de duradouro poderá ser plantado, pois que tudo nascerá do egoísmo, somente ao egoísmo pretenderá servir e por causa dele se haverá de perder.

Nesse sentido, seja reconhecido que poucos os setores da atividade econômica nos quais o Nordeste Brasileiro e o Estado de São Paulo dispõem de tantas posbilidades de contribuições recíprocas, mediante permanente troca de experiências e ajustamentos de pontos de vista e de interesses. Somente assim será afirmada, em concreto, a inadmissibilidade de antagonismo e implantada a indispensável colaboração imposta pelas exigências da crescente integração nacional. Há antigas bandeiras de São Paulo que bem podem servir de inspiração, tais como: — o pioneiro ânimo modernizador; o trabalho sem limites; a justa remuneração desse trabalho tornada possível por especiais e mais favoráveis condições; o enriquecimento material como fruto da ação racional e persistente, e, finalmente, a tendência de tornar participantes dos frutos da produção, camadas da população bandeirante cada vez mais numerosas. Há antigas verdades Nordestinas que bem podem servir para fecundante meditação, como, por exemplo: a tenacidade na luta contra condições adversas e contra injustiças decorrentes do processo histórico; o saber que todo o sacrifício tem seu preço e que sua origem nem sempre se radica na fraqueza ou no erro de quem o suporta; o fato de que a unidade nacional encontrou e continua encontrando nestes rincões brasileiros servidores incondicionais; a certeza de que o sofrimento é mestre inigualável, desde que não

ultrapasse os limites do inevitável e do humanamente suportável.

Não há mais tempo a perder. Contra as vozes que procuram suscitar os ódios e contra os fatos econômicos que legitimamente os podem motivar, deve se levantar — lúcida e lucidamente desperta — a força do espírito renovador de métodos de trabalho e relações sociais, de forma a tornar uno o que hoje se encontra perigosamente separado. A partir das inovadoras realidades da empresa açucareira isoladamente considerada, e também para além das fronteiras desta, tem de se ganhar aqui, a guerra maior que por toda a parte do Mundo está sendo travada entre a liberdade e a opressão. Que não se perca de vista o essencial: na modernização do parque industrial açucareiro, na ampliação e na obtenção de maiores índices de produtividade nas próximas safras, em tantos outros aspectos do universo açucareiro, é a nova face de Pernambuco e do Nordeste Brasileiro que será ou não criada. Não adianta tomar em tanto que cidadão, atitudes cívicas de combate ao comunismo, e, em tanto que empresário continuar a permitir que sobrevivam — ainda que pela omissão — realidades de injustiça social. Realidades essas que constituem, exatamente, a semente daquele ódio que os comunistas buscam disseminar como instrumento de luta contra os princípios democráticos e cristãos que inspiram a organização social brasileira, sempre em busca de aperfeiçoamento. E se por acaso a solução não pode ser resultado de atuações isoladas, que seja obtida através daquela unidade por mim considerada como imposição da própria grandeza da atividade açucareira. A referida unidade certamente haverá de ser matriz da conjugação de esforços que a superação de toda e qualquer grande dificuldade necessariamente exige. Não foi outra a razão pela qual citei o pensamento de Niatzsche que encima a presente e modesta meditação.

O Homem Contemporâneo já se apercebeu que para além das dificuldades materiais que angustiam as sociedades atuais, nelas renascem carências espirituais crescentemente dramáticas. É sobre esta terra propícia que se vem procurando semear o ódio e a discórdia. Confio que no Nordeste Brasileiro — nascidas das fontes da sua principal categoria econômica — novas formas hão de refletir a existência de mentalidade forjadora de uma identidade de propósitos que mais do que o ponto de apoio de uma atividade econômica determinada, seja símbolo das aspirações coletivas, unificadas em torno de uma vontade comum.

Sei que alguns me acharão utópico e me acusarão, no mínimo, de lirismo incurável. Terão o meu respeito, mas não me demoverão. Sinto que estou solidário com o Futuro. E eles — consciente ou inconscientemente — estão cativos de pedaços de um passado que por toda a parte padeceu e fez padecer. Além disso cumpre lembrar que não foi para servir ao passado, que a 31 de março de 1964, o Povo Brasileiro se fez Revolução.

O futuro brasileiro nesse setor, imporá luta tenaz em várias frentes: economia de divisas; redução das disparidades regionais de renda; redução das disparidades individuais de renda; crescimento da renda interna; expansão da produção de bens de capital, entre outras. A construção desse futuro, exigirá atuação coordenada de todos os organismos direta e indiretamente envolvidos com a produção e comercialização do açúcar e do álcool. Exigirá mais: na fidelidade ao binômio Desenvolvimento e Segurança, requererá a solidariedade comunitária, como expressão do significado profundo da nova e predominante mentalidade. Resumindo: naquele dia em que a fixação de preços justos nesse campo, constituir uma sua reivindicação coletiva, Pernambuco estará dando prova de maturidade e de promissora evolução nas relações entre capital e trabalho e entre empresa privada e comunidade na qual ela se encontra situada. No momento em que a força de trabalho de todos os setores, principalmente o da agroindústria açucareira, tiver motivos para lutar por preços justos para o açúcar, e não para reivindicar meros aumentos salariais isolados, tal evento será sinal de que se estará caminhando efetivamente para aquela sociedade aberta e democrática que constitui objetivo irrenunciável do espírito que anima a Revolução de 31 de Março de 1964. Deus permita que assim aconteça. Possivelmente assim acontecerá. Eu acredito nisso, pois fora daí não vejo futuro para uma empresa privada que se tenha omitido no desempenho da função social que lhe foi constitucionalmente atribuída.

PREOCUPAÇÕES COM O PRODUZIR MAIS E MELHOR

O industrial Rui Carneiro da Cunha, presidente da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco, vê na criação do **Prêmio de Produtividade General Alvaro Tavares Carmo** um indício excepcional das preocupações pernambucanas de produzir mais e melhor.

"Pernambuco recebeu regozijado a visita do Presidente do IAA, General Alvaro Tavares Carmo, para o lançamento da **Campanha da Produtividade**, pelo BANCOPLAN. Sua presença teve especial significação, no momento em que o Governo decidiu adotar a sábia decisão de fazer justiça aos produtores na política de comercialização do álcool, prestigiando a iniciativa privada. E isto dentro da tese que sabemos a do eminente homem público — que em hora tão oportuna dirige a autarquia açucareira — e que vem orientando as suas diretrizes à frente do IAA.

Foram palavras do industrial Rui Carneiro da Cunha, presidente da Cooperativa dos Produtores de Álcool e Açúcar de Pernambuco. Disse a seguir que o General Alvaro Tavares Carmo, "a quem se pode considerar um pernambucano de eleição, acrescentou ainda maior significação à Campanha lançada pelo BANCOPLAN, do Recife, à qual se associaram com prazer, os produtores de açúcar, inspirados no bom exemplo que o IAA oferece, propiciando suporte técnico, através do PLANALSUCAR, e deferindo estímulos para que se produzam canas e seus derivados com os melhores padrões tecnológicos."

Para Rui Carneiro da Cunha, "**o Prêmio da Produtividade Alvaro Tavares Carmo** é um indício excepcional das preocupações pernambucanas com o produzir mais e melhor, com o que mais uma vez nosso Estado se coloca em posição de vanguarda."

"Assim" — prosseguiu o industrial pernambucano — "o foi quando a Cooperativa dos Produtores de Açúcar criou, em 1958, e manteve às suas expensas, a Estação Experimental do Cabo; ou quando instituiu o Grupo de Estudos do Açúcar e a Fundação Açucareira; ou ainda quando contratou, em convênio com a USAID e a SUDENE, a equipe técnica da **Hawaian Agronomic Co.**, para diagnosticar os problemas da zona canavieira e indicar-lhe as soluções mais adequadas. Isto para citar apenas algumas das iniciativas do pioneirismo pernambucano, no que concerne à agroindústria canavieira."

COESÃO E ENTENDIMENTO

O presidente da Cooperativa dos Produtores de Álcool e Açúcar de Pernam-

buco entende que, "não menos feliz foi a criação do **Prêmio Gilberto Freyre** que, homenageando a figura singular do expoente maior do pensamento brasileiro contemporâneo, incentiva em todo o País que escritores, jornalistas e ensaístas se sintam motivados à pesquisa, ao estudo e à elaboração de trabalhos sobre os diferentes aspectos da economia açucareira do Brasil nos seus quatro séculos de vida."

De outro lado, destaca que o General Tavares Carmo encontra, em Pernambuco, "a coesão e o amplo entendimento entre todos os fatores da produção, empenhados industriais e agricultores canavieiros em queimar etapas para vencer problemas e revitalizar o nosso mais importante setor econômico e também o mais expressivo instrumento de equilíbrio social entre as classes produtoras do Estado de Pernambuco."

Rui Carneiro da Cunha considera "boas as perspectivas de Pernambuco, no que tange à produção do álcool." Informa que, dono de uma posição de vanguarda no setor, pois, já na década de 30, aqui se produzia, partindo da cana, combustível para veículos automotores, sem mistura à gasolina, o parque açucareiro pernambucano dispõe de um número razoável de destilarias, anexas às usinas, enquanto outras se estão implantando, com vistas a atender às necessidades regionais e nacionais."

Afirmou ainda: "Sabe-se existir no Governo o propósito de, com a sua política alcooleira, estimular a produção nordestina, estabelecêndo incentivos e nos permitindo responder, o mais rapidamente possível, aos reclamos do País para aumentar o percentual do álcool adicionado à gasolina. Pelo amplo conhecimento que têm do assunto, os órgãos governamentais, especialmente o Instituto do Açúcar e do Álcool, e pela seriedade que preside as decisões do Governo, estamos certos de que tais estímulos virão na mais adequada forma para que reativemos o parque alcooleiro e incorporemos novas destilarias ao processo de produção."

CAMPANHA DA PRODUTIVIDADE: SEU EFEITO MULTIPLICADOR E REPERCUSSÃO NA ECONOMIA

Jornalista Edmundo Moraes, Assessor Econômico da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco.

Desde que ascendeu à presidência da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, o Sr. José Mário de Andrade adotou uma série de medidas, muitas delas já frutificando, para revitalização do BANCOPLAN e fortalecimento da própria classe canavieira.

Nenhuma, porém, ao que entendo, se pode comparar à campanha da produtividade diante do seu efeito multiplicador e sua ampla repercussão na economia nordestina.

O que é, enfim, essa campanha — mais que campanha, porque um programa com todas as características de um serviço público — lançada pelo homem de idéias que dirige o BANCOPLAN?

Trata-se de uma premiação — a que pôs o nome de Prêmio de Produtividade General Alvaro Tavares Carmo — para estimular o agricultor canavieiro a produzir mais e com maior rentabilidade, utilizando todos os instrumentos que o Governo propicia — alguns dos quais através da Cooperativa de Crédito — buscando produção econômica com remuneração compatível àqueles que produzem.

Oportuníssima, sem dúvida, a iniciativa. O Nordeste canavieiro registra — e o problema também afeta as demais regiões produtoras — um considerável prejuízo, nas duas últimas décadas, com uma queda acentuada nos índices de produtividade, seja na redução de mais de 100 para em torno de oitenta quilos de açúcar por tonelada de cana esmagada, seja na estagnação das quarenta ou quarenta e poucas toneladas de cana cultivada por hectar plantado.

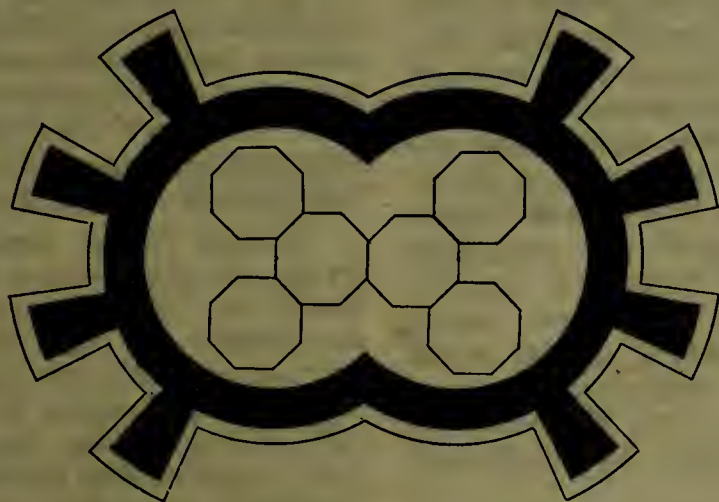
É fácil estimar o pesado ônus pago pela produção canavieira e açucareira nordestina em face dessa involução nos rendimentos industrial e agrícola. São os custos maiores para o industrial, que extrai menos açúcar da cana esmagada; são os ganhos menores para o plantador, que retira menor tonelagem por hectar cultivado; são os Estados que auferem menor receita tributária do que realizariam se se produzisse mais; é o País que deixa de comercializar boa parcela do açúcar que não se produzia em face da quebra de rendimento; é o consumidor que talvez pudesse adquirir a preço menor o produto final se se atingissem os índices desejáveis.

Vê-se, pois, que a melhoria da produtividade interessa diretamente a todos — Governo, usineiro, fornecedor, consumidor. Isto valoriza o prêmio que o Bancoplan instituiu.

Outro aspecto positivo que a campanha encerra é a integração de esforços com o IAA que tanto se tem empenhado, em empreendimentos como o PLANALSUCAR, para que se produzam vantajosamente a cana e os seus derivados. Com efeito, o Prêmio General Alvaro Tavares

Carmo resultaria estéril se não encontrasse, com o respaldo do Governo, programas que possibilitem ao agricultor o acesso ao crédito, à orientação técnica, aos insumos modernos. Este elenco de providências de apoio põe o IAA à disposição do produtor, mobilizando inclusive esquemas financeiros gerados pela produção, de modo que se casam perfeitamente o esforço governamental e a resposta do setor privado em busca de um objetivo comum de tão extraordinário alcance.

O parque açucareiro nordestino, do ponto de vista de fábricas e na correção de pontos de estrangulamento industrial, soube aproveitar lucidamente os estímulos que o Governo deferiu para modernizar e ampliar as usinas. Foi um grande passo adiante perseguindo a produtividade. Esse avanço, porém, estará incompleto e poderá resultar inócuo se não se cuidar, com a mesma dosagem de incentivos, da matéria-prima. Açúcar não se faz na usina. Produz-se no campo, na medida em que são ricas em sacarose as variedades, resistentes às pragas e doenças, possibilitando uma extração mais efetiva nas moendas das fábricas. É, portanto, fundamental que se acelerem os estudos e as pesquisas iniciados pelo PLANALSUCAR e que se possa com a maior brevidade possível fazer a coleta dos resultados. O plantador de cana tem a sua responsabilidade na medida em que adotar as práticas agronômicas recomendadas e fizer dos órgãos técnicos oficiais o conselheiro para a boa condução do processo agrícola, do plantio à colheita. Nisso, entra, como fator importante de estímulo, provocando uma salutar emulação, o prêmio do BANCOPLAN, contemplando diferentes categorias de agricultores canavieiros, segundo a dimensão dos seus canaviais, e abrindo a todos a oportunidade de competir e de produzir melhor.

Menos do que ao fornecedor de cana, a campanha do BANCOPLAN premia a coletividade que globalmente se vai beneficiar dessa iniciativa feliz e oportuna sob todos os enfoques.

PRÊMIOS DA PRODUTIVIDADE REVELAM MENTALIDADE NOVA E AÇÃO PLANEJADAMENTE COORDENADA

Empresário e jornalista ANTIÓGENES CHAVES

Constituiu adequada e bem louvada iniciativa a instituição, pelo Bancoplan, dos prêmios de produtividade Gilberto Freyre e Alvaro Tavares Carmo, de nítidas e significativas finalidades, visando a soerguer, urgidamente, a melhores níveis setor da agroindústria canavieira do Estado em estreita interdependência com a economia nordestina. E revelam, esses prêmios, a mentalidade nova, agora em ação planejadamente coordenada, que anima e sacode os canavieiros pernambucanos, sob a liderança dinâmica e intelectualmente qualificada de José Mário de Andrade.

O professor Carlos Langoni em recente livro **A Economia da Transformação** (Rio, 1975) distingue os investimentos tradicionais que implicam no aumento da produção pela incorporação de quantidades adicionais de fatores já existentes e os investimentos modernos que permitem obter acréscimo de produção por mudanças qualificativas desses fatores. E observa que, "além dos investimentos em capital humano. a acumulação de capital tecnológico e de capital intelectual desempenha, cada vez mais, papel extremamente importante no processo de desenvolvimento".

Os prêmios Alvaro Tavares Carmo e Gilberto Freyre vêm ao encontro dessa associação de capitais, dentro de um plano orgânico de desenvolvimento setorial em sua complexidade e em suas interrelações agronômicas, ecológicas, geográficas, sociológicas, culturais.

Câmara Cascudo (**Sociologia do Açúcar**, edição do IAA), ressalta em observação a ser considerada em seu pleno significado que "o açúcar determinou a mais autêntica indústria de participação popular no Brasil. Café, algodão, cacau, borracha, pastoreio, sal, não se aproximam dessa colaboração vocacional e legítima".

Tive a oportunidade de dizer em idos tempos, ainda por volta dos anos 50, e não disse à-toa, que na hora em que se apagassem as chaminés de nossas usinas, em que murchassem ou se dizimassem os canaviais que vivificam e enverdecem, mesmo nas piores épocas de canícula queimosa, a paisagem da zona da mata-sul e da zona da mata-norte, não seria Pernambuco que estaria de fogo morto. Pernambuco estaria pegando fogo.

Gilberto Freyre, meritoriamente patrono de um dos prêmios instituídos, fez ao Brasil, em 1964, candente advertência. A advertência de que "qualquer reorientação em profundidade que venha a verificar-se na sub-região caracterizada como zona canavieira de Pernambuco afetará, pelas repercussões ainda consideráveis do complexo canavieiro sobre outras áreas, não só Pernambuco, como o Nordeste inteiro ou quase inteiro. Mais: afetará o conjunto nacional brasileiro". E chamava atenção para "os aspectos não só agronômicos como econômicos, não só ecológicos como sociológicos, não só históricos como psicológicos, não só educacio-

Nº 2 PÁG. 158)

nais como jurídicos" que recomendam firmeza e tato nas soluções a serem praticadas para que importem em efetiva democratização da sociedade e da cultura regional. (**Transformação Regional e Ciência Ecológica**, ed. IJNPS). Eram tempos fervorosos de reforma agrária.

Vivemos no mundo de hoje, não é demais insistir, a fase transitiva de transformações dinâmicas e agudas, aceleradamente dinâmicas, profundamente agudas, que não comportam atitudes estáticas, nem conformistas. Sentem-se, povos, instituições, pessoas em estado de metamorfose.

Sabem os canavieiros e açucareiros nordestinos, por sofrida vivência, que o drama da terra e do homem da terra está ligado ao subdesenvolvimento, gerando desigualdades, degradações, tensões sob os estigmas da fome, do subemprego, do analfabetismo, da doença, das migrações rurais, da massificação das cidades. Generaliza-se, na classe empresarial, com José Mário de Andrade formando na linha de frente a compreensão de que se impõe um esforço global para que nossas populações rurais não sobrevivam, subvivendo. Há que transformar a existência humana em vida, encarado o homem, mencionadamente o homem do campo, como uma totalidade.

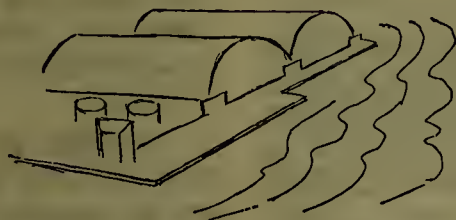
A produtividade, como ciência e como filosofia, deve situar-se no centro das preocupações do administrador, seja no setor público ou no setor privado a se darem as mãos, na realização dessa meta determinada e pertinaz, erigindo-se em tarefa comum.

"A Humanidade no ponto de decisão" é o título, em tom de clamor, de recente trabalho de um grupo dirigido por dois ilustres cientistas e econometristas que o mestre Eugênio Gudin considera de larga amplitude e extensa visão, no estudo dos padrões de desenvolvimento mundial, diante da profusão de crises sem precedentes: crise da população, crise da poluição, crise de alimentos, crise de energia, crise de matérias-primas, tantas outras crises. E que estão a reclamar de nações e pessoas cooperação, em vez de confrontação.

Um dos fossos localizados no centro dessas crises da humanidade é o desequilíbrio em agravação degradante entre o Homem e a Natureza. Impor-se-á, assim, com urgência e em caráter de salvação, parar de depredar a natureza.

É preciso não agredir a natureza para não sermos por ela agredidos e tragados, estabelecendo-se, ao contrário, formas e táticas de convivência, possivelmente viáveis, de qualquer modo e a todo custo, desesperadamente necessárias antes que a catástrofe caia sobre a cabeça de nossos filhos, das gerações emergentes. Ouço ressoar, aflita, a imprecação de Augusto dos Anjos: "Não mate a árvore, pai, para que eu viva".

Devemos ouvir também São Francisco de Assis na versão de Luiz Jardim: "Eu me entendo bem com os bichos, com o mato também me entendo" (**Aventuras do Menino Chico de Assis**, Rio, 1971).

Nem só exijamos da terra, das plantas, das pessoas, dos animais, produtividade, mas sejamos com eles compreensivos. A técnica e a ternura não se devem contrapor, são antes de necessária e viável conciliação.

PRÊMIOS DA PRODUTIVIDADE

Regulamento dos concursos da Produtividade — **Prêmio General Alvaro Tavares Carmo** — e sobre o Nordeste Canavieiro — **Prêmio Gilberto Freyre** — instituídos pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco (BANCOPLAN).

CONCURSO DA PRODUTIVIDADE — PRÊMIO ALVARO TAVARES CARMO

1. Do Concurso e das Categorias de Fornecedores

1.1. — Fica instituído o Concurso da Produtividade, com a finalidade de conferir prêmios aos fornecedores de cana associados à Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN, que forem considerados "Canavieiros do Ano".

1.2. — Para os fins desse concurso, os agricultores serão divididos em três categorias, segundo a tonelagem de cana que houverem produzido nas safras do último triênio:

Categoria A — fornecedores com produção superior a 6.000 toneladas;

Categoria B — fornecedores com produção compreendida entre 2.000 e 6.000 toneladas;

Categoria C — fornecedores com produção inferior a 2.000 tonelaldas.

2. Dos Prêmios

2.1. — Os fornecedores de cana classificados em primeiro e segundo lugares em cada uma das categorias estabelecidas no item 1.2. serão considerados os "Canavieiros do Ano", para efeito de atribuição dos prêmios.

2.2. — Os prêmios seguintes serão conferidos aos "Canavieiros do Ano", à vista de sua classificação:

Categoria A

1º prêmio — Um veículo "Passat", marca Volkswagen.

2º prêmio — Um veículo "Brasília", marca Volkswagen.

Categoria B

1º prêmio — Um trator fabricação Valmet — 62 1D.

2º prêmio — Uma rural 0 K — modelo 1975.

Categoria C

1º prêmio — Um jeep Ford.

2º prêmio — Um jeep Ford.

3. Do Julgamento

3.1. — Os critérios de escolha dos "Canavieiros do Ano" se basearão na análise global e julgamento final da tecnologia canavieira adotada no imóvel sob exploração, determinante do aumento da produtividade nos Fundos Agrícolas concorrentes:

a) grau de tecnologia e adequação das técnicas agrícolas empregadas;

b) assistência social ao trabalhador.

2.2. — O julgamento do concurso será realizado por uma comissão de alto nível, composta de profissionais de reno-

mado saber e idoneidade. Caberá à Comissão disciplinar e sistematizar os critérios a serem adotados para que sejam atingidos, rigorosamente, os resultados mais justos.

Os membros da comissão serão escolhidos entre profissionais pertencentes às seguintes entidades:

I — Instituto do Açúcar e do Álcool;
II — Ministério da Agricultura;
III — Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — SUDENE;
IV — Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPe);
V — Banco do Brasil;
VI — Secretaria da Agricultura;
VII — Associação dos Engenheiros Agrônomos;
VIII — Banco do Nordeste;
IX — Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA);
X — Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN.

4. Das Inscrições

4.1. — As inscrições dos candidatos estarão abertas no período de 1-1-76 a 30-4-76, na sede da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda — BANCOPLAN e serão efetivadas mediante o preenchimento de formulário especial, onde serão registradas informações sobre os concorrentes e suas atividades.

4.2. — No caso de candidato que explore mais de um fundo agrícola, a inscrição deverá compreender apenas um deles.

PRÊMIO GILBERTO FREYRE

1. Da Finalidade e das Inscrições

1.1. — O Concurso destina-se a premiar os melhores ensaios sobre aspectos sócio-econômicos da zona canavieira do Nordeste.

1.2. — Poderão concorrer aos prêmios brasileiros e estrangeiros, naturalizados ou não, desde que os trabalhos apresentados sejam escritos em língua portuguesa.

1.3. — Considerar-se-ão inscritos os trabalhos recebidos pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN, à Avenida Rio Branco, 104, Recife, ou Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, à Avenida 17 de Agosto, 2187, Recife, ou comprovadamente entregues em qualquer agência postal ou companhia de transportes para os destinos acima mencionados, até o dia 22 de abril de 1976.

2. Dos Trabalhos

2.1. — Os trabalhos poderão tratar o tema sob qualquer dos aspectos: histórico, sociológico, antropológico, econômico, do Nordeste Canavieiro.

2.2. — Os trabalhos deverão ser apresentados em 03 (três) vias, sendo a original datilografada em um só lado do papel e as cópias a carbono, xerox ou mimeógrafo.

2.3. — Os trabalhos deverão ter um mínimo de 40 (quarenta) páglnas, devendo cada folha ter 30 (trinta) linhas em duplo alinhamento.

2.4. — Os trabalhos deverão ser inéditos ou publicados em data posterior à do lançamento do presente Concurso.

2.5. — Os trabalhos apresentados deverão ser originais, não sendo aceitas, inclusive, composições resultantes do aproveitamento parcial de trabalhos anteriores, mesmo quando acrescidos de contribuições novas.

3. Dos Prêmios

3.1. — Ao trabalho classificado em 1º (primeiro) lugar será conferido o Prêmio Gilberto Freyre, no valor de Cr$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), enquanto que serão concedidos Cr$ 10.000,00 e Cr$ 5.000,00, respectivamente, aos trabalhos classificados em 2º (segundo) e 3º (terceiro) lugares.

3.2. — Os prêmios serão entregues em sessão pública no auditório do BANCOPLAN.

3.3. — O BANCOPLAN adotará as medidas necessárias à publicação dos trabalhos classificados em 1º, 2º e 3º lugares.

3.4. — Os trabalhos serão julgados por Comissão constituída pela Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda. — BANCOPLAN e constituída de integrantes das seguintes entidades: Academia Pernambucana de Letras, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e Universidade Federal de Pernambuco, sendo irrecorríveis, em quaisquer casos, as suas decisões.

DESPERTAR DA CRIATIVIDADE

O escritor Gilberto Freyre, depois de agradecer ao BANCOPLAN e ao seu Presidente "a honra que me concedeu dando o meu nome de simples escritor a Prêmio tão significativo", ressaltou: "Que esse Prêmio cumpra do melhor modo a sua missão. Que desperte ânimos criativos entre jovens estudiosos de assuntos brasileiros, fazendo-os pesquisar e interpretar aspectos ainda virgens da presença do açúcar na formação do nosso país."

PERNAMBUCO, GILBERTO E AÇÚCAR

Professor BARRETO GUIMARÃES

Leio e releio tantas vezes forem necessárias para o deleite do meu espírito, o discurso proferido por Gilberto Freyre quando do lançamento dos prêmios instituídos pelo BANCOPLAN.

É uma peça inteiriça, completa, sem falhas.

É um documento que se incorpora, a um só tempo, à vida econômica brasileira e às páginas mais belas da sua literatura.

É um estudo sociológico que, apoiado em raízes históricas, ganha força para se projetar no futuro. É belo na forma; é belo nos conceitos; é belo nos objetivos a que visa atingir, enquanto contribuição para o fortalecimento de uma economia multissecular, em Pernambuco, mas ainda ponto de apoio para o nosso desenvolvimento.

É cada vez mais ponto de apoio, quando a tecnologia moderna permite transformar cana-de-açúcar, senão em tudo, mas em quase tudo. Pernambuco viu nascer o primeiro engenho de açúcar em terras de Olinda e até hoje, lá está embora lamentavelmente em ruínas, a capelinha de Nossa Senhora da Ajuda, nas imediações do antigo engenho que fez ranger, pela primeira vez, neste país, a moenda para esmagar a cana e fazer o açúcar.

Assinale-se com isso, mais uma ação pioneira de Olinda, esta no campo econômico. No chão sagrado de Olinda, se estão fincadas as matrizes da nacionalidade brasileira, pelos embates, pelas pelejas cruentas, pelas lutas renhidas contra o estrangeiro invasor e em busca de emancipação política, também no sagrado chão olindense estão plantadas as raízes da formação econômica do nosso Estado, durante algum tempo do nosso país e ainda hoje do Nordeste brasileiro.

O chão de Olinda é, assim, um chão duplamente umedecido: um chão molhado pelo sangue generoso dos heróis do passado que foram ao sacrifício da própria vida em defesa das liberdades humanas; um chão molhado pelo caldo da cana-de-açúcar que serviu de batismo à economia pernambucana, àquela época, recém-nascida e que depois floresceu e consolidou-se, mas sempre sob o signo do açúcar.

Tão ligada ao destino de Pernambuco haveria de ficar a cana-de-açúcar que, ainda hoje, quando se anunciam projetos ousados para o progresso econômico da nossa terra, orientados pelos mais modernos processos tecnológicos e científicos, é na cana-de-açúcar que esses projetos se apóiam.

Ainda hoje, quando os técnicos e os governantes se juntam em busca de fórmulas, que representam uma diversificação industrial para o nosso Estado, é na cana-de-açúcar que eles se arrimam. Portanto, a nem sempre amarga história da civilização brasileira está umbelicalmente, ligada ao nem sempre doce açúcar de Pernambuco.

Em função de todas essas coisas é que insisto em dizer que leio e releio o discurso do sociólogo Gilberto Freyre, tantas vezes o meu espírito esteja a reclamar. Uma obra-prima para o meu deleite. E tantas vezes a minha vocação de homem público esteja a reclamar roteiros seguros para os melhores destinos do meu povo.

Referindo-se ao açúcar, diz Gilberto Freyre, a certa altura do seu estudo, mais

do que simples — por mais valioso que fosse — discurso: "Produto que, firmando-se como artigo de primeira qualidade nos melhores mercados europeus daquele velho século, tornou possível a emergência nestas terras tropicais, de uma civilização que se antecipou em primores de vida nobre a quantas se desenvolveriam no Brasil colonizado por gente portuguesa."

E, mais adiante, depois de dizer que essa afirmativa não é vã retórica, nem exagero bairrista, chega ao ponto civicamente mais forte do seu estudo, quando afirma, de uma forma esteticamente bela: "Pois é desse massapê de onde há quatro séculos brotam canas de um verde inconfundível: o chamado verde cana, o verde dos canaviais. O verde das bandeiras, como são conhecidas aquelas inflorescências da cana que vem sendo, em Pernambuco, uns como estandartes que anunciassem, brotando da terra, o próprio ânimo pernambucano de lutar, de resistir, de persistir contra todos os abstáculos."

Bandeiras de cana que se tornaram desse modo, pela magia da palavra de Gilberto Freyre, estandartes do vigor cívico, da tenacidade, do espírito de luta e da pugnacidade dos pernambucanos.

Bandeiras de cana que se tornaram símbolos da formação telúrica da nossa gente. do seu amor à gleba natal, da sua marcante característica de fixidez, aqui ficando para resistir às adversidades e daqui somente saindo quando não é mais possível sobreviver.

Bandeiras de cana que estão no brazão de Pernambuco como uma advertência aos seus líderes, em qualquer momento de sua História, de que esse ânimo pernambucano, brotando do massapê da cana-de-açúcar, tem força para reagir contra todos os obstáculos que se anteponham às construções dos Pernambucos com que sonham as diversas gerações. Pernambucos vigorosos culturalmente, fortes civicamente e também vigorosos politicamente.

E quando essa altivez e essa bravura pernambucanas parecem adormecidas, logo desponta à minha lembrança a poesia de Castro Alves:

Descansa, pois como o condor nos Andes,
pairando altivo sobre a terra e o mar.
Descansa! Pára arrogante, em breve
Distante! Longe!
Mais além voar.

Tudo enfim, a corresponder, perfeitamente aos conceitos de Gilberto Freyre, quando ele registra que do massapê de onde brotou o verde da cana-de-açúcar, em Pernambuco, brotará sempre o verde da esperança, para que as gerações sucessivas jamais neguem as lições de perseverança, de coragem, de amor às liberdades, de vocação para o trabalho árduo, sem desfalecimentos, com otimismo, fé e ânimo forte.

Se o vermelho do massapê é bem o símbolo do sangue derramado pelos nossos antepassados para nos legarem uma Pátria livre, o verde dos canaviais haverá de ser a esperança de que nunca Pernambuco se renderá às idéias que escravizam o seu povo, estejam essas idéias contidas nas suas variadas formas de totalitarismos.

As bandeiras de cana-de-açúcar haverão de ser, em todos os tempos, estandartes de um desenvolvimento integral, inspirado nos princípios democráticos.

E mais uma vez a voz de Gilberto Freyre chega aos nossos ouvidos em hora das mais oportunas. E como sempre renovadora, progressista, incentivadora, atualizada, encorajadora.

Chega-nos com a força de uma lição que não pode ser desprezada. Ela é um convite a que todos os pernambucanos se decidam a empunhar o estandarte da cana-de-açúcar!

CLASSES PRODUTORAS E GOVERNO, UM EXEMPLO DE ESFORÇO INTEGRADO

Major Oswaldo Barreto de Almeida, Presidente da COOPERCREDI — Cooperativa de Crédito dos Lavradores de Cana-de-açúcar do Estado do Rio — Campos, RJ.

Tem sido uma constante, de nossos Governos, o desenvolvimento da Agricultura.

Tal desenvolvimento deve ser feito de um esforço integrado de classes produtoras e Governo, buscando o aumento da produção para fazer face à crescente escassez de produtos agrícolas no mundo.

Todavia, pretende-se que esse incremento seja feito com aumento da produtividade, para atender a interesses sociais econômicos dos produtores.

Assim, tal esforço está na dependência da política traçada pelo Governo e iniciativas das classes produtoras.

No setor canavieiro, é digna de registro uma recente iniciativa do BANCOPLAN de Pernambuco: **Campanha da Produtividade**. Pela proporção que tomou tal iniciativa, idealizada, planejada e desenvolvida pela direção do BANCOPLAN, não poderíamos deixar de fazer um registro onde se ratifica a liderança de José Mário de Andrade. O mérito da iniciativa, cujo título já justifica o planejamento e a condução de seu programa de lançamento, queremos registrar como uma das raras oportunidades do setor canavieiro nacional de reunir, carinhosamente, figuras das mais expressivas do setor; por ter atuado ou por estar atuando para homenagear e render tributos; para estudar, analisar e recomendar; para trocar experiências; para propiciar novos relacionamentos. Enfim, para estimular a produção com produtividade. Tudo foi feito com real esmero e dedicação. E, da satisfação com que todos vivemos o intenso programa que hospitaleiramente nos foi oferecido, justifica o sucesso alcançado.

Para coroar tal evento, tivemos o privilégio de testemunhar a inauguração da nova sede do BANCOPLAN, por suas amplas acomodações, funcionalidade e bom gosto, dá exemplo do que uma classe unida e bem conduzida pode realizar. A classe canavieira de Pernambuco, portanto, está de parabéns por tal iniciativa e pelos resultados que já podemos antever, formulando votos que prossiga em sua caminhada dinâmica, para melhor servir e como exemplo aos companheiros de atividade.

GENERAL CARMO: HUMILDADE E RESPONSABILIDADE NO EXERCÍCIO DA MISSÃO CONFIADA

Pronunciamento do Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, General Alvaro Tavares Carmo, na inauguração da sede do BANCOPLAN — Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, do Recife — PE, em 15 de novembro de 1975.

Recebo como uma honra e um privilégio esta homenagem na oportunidade em que se inaugura a nova sede da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, sob a dinâmica direção de José Mário de Andrade.

São decorridos quase seis anos desde o dia em que após ter servido ao País, no Exército, por mais de 40 anos — este Exército a quem, na verdade, devo toda minha formação moral e intelectual — num misto de preocupação e desvanecimento, eu assumia a presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, em atendimento ao apelo que me fora formulado pelo grande presidente Emílio Garrastazu Médici, um dileto amigo e companheiro desde a juventude.

Foi com humildade que enfrentei a missão recebida, consciente de minha enorme responsabilidade e na certeza de que meu cabedal se resumia a um longo tirocínio no lidar com homens, nesse entrechoque de paixões e interesses, que são os contornos naturais da nossa paisagem humana.

Apenas, e ainda com humildade, pedi então a Deus que iluminasse os meus caminhos e a minha compreensão das motivações humanas, a fim de que meus atos e decisões pudessem corresponder à expectativa em mim depositada.

EMOÇÕES E PERPLEXIDADES

Esta cerimônia que se realiza quase seis anos após as emoções e as perplexidades dos meus primeiros dias à frente do Instituto, tem pois, para mim, um significado todo especial, eis que me coloca em posição de honroso destaque, quando me dirijo a um seleto auditório com a presença de altas autoridades governamentais e do que de mais representativo existe no que respeita à lavoura canavieira e à agroindústria açucareira do País.

Por outro lado, a presença entre nós de ilustres ex-presidentes da Autarquia dá um singular relevo a este encontro.

PIONEIROS E CONTINUADORES

Foram eles os pioneiros e os continuadores de um processo econômico que vem evoluindo, lenta mais seguramente, até alcançar a pujante posição que desfruta hoje a nossa agroindústria canavieira, sujeita, sem dúvida, como qualquer outra atividade do mesmo tipo, a vicissitudes conjunturais, mas que, estruturalmente fortalecida, já é hoje uma das maiores fontes de divisas para o País, assegurando-lhe a situação irreversível de maior produtor de açúcar de cana e segundo exportador, em termos mundiais.

Como conseqüência, está hoje o Instituto, como órgão coordenador, à frente de um setor da economia nacional que envolve uma comunidade de mais de 800 mil almas que, direta ou indiretamente, dele depende para a sua sobrevivência e que participa, com mais de 5%, para a formação do Produto Nacional Bruto.

Agradeço, pois, a José Mário de Andrade a oportunidade que me enseja de aqui prestar a minha homenagem a todos que me precederam na direção do Instituto, profundos conhecedores do **métier**, que deram à Autarquia, sempre com o maior desprendimento, as luzes de sua clarividência e o entusiasmo de seu patriotismo, desde a sua criação pelo Decreto-Lei n.º 22.789, de 1.º de junho de 1933.

Com a devida vênia, citarei todos eles, em ordem cronológica, com risco de ferir a modéstia dos que estão presentes, sem esquecer os que não mais pertencem a este mundo, como também aqueles que não puderam vir ao nosso encontro.

Começarei pelo pioneiro e desbravador que foi Francisco Leonardo Truda, citado por Omer Mont'Alegre como o responsável pela introdução da economia dirigida no Brasil, numa época em que essa disciplina era apenas um exercício especulativo de alguns intelectuais, um economista à base do bom senso, dando muito mais valor aos fatos do que às equações matemáticas.

Sucedeu-lhe Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho que, em longo e tecundo período administrativo, deixou traços profundos de sua passagem, assentando os alicerces da legislação canavieira, vigente ainda hoje nos seus aspectos basilares.

E outros, não menos ilustres vieram: Espiridião Lopes de Farias Júnior, Edgar de Góes Monteiro, Manoel Netto Campelo, Fernando Pessoa de Queiroz, Sylvio Bastos Tavares, Gileno Dé Carli, Carlos de Lima Cavalcanti, Amaro Gomes Pedrosa, Epaminondas Moreira do Vale, Manoel Gomes Maranhão (por duas vezes presidente), Leandro Maynard Maciel, Edmundo Barbosa da Silva, Paulo Frederico do Rego Maciel, José Maria Nogueira, Antônio Evaldo Inojosa de Andrade, Francisco Elias da Rosa Oiticica e Francisco Ribeiro da Silva, que, embora só tenha ocupado o cargo interinamente, foi quem m'o transmitiu, e quem, bondosamente, guiou-me nos primeiros passos no exercício da presidência.

ARTÍFICES

Foram esses dignos brasileiros os sucessivos artífices do monumental edifício, que é hoje o Instituto, cujo horizonte de atribuições e responsabilidades vem sendo a cada ano acrescido, em consonância com o progresso tecnológico e com o surto de desenvolvimento econômico da Nação.

Quis o destino que me coubesse agregar também, graças a uma fraternal amizade que data dos bancos acadêmicos do Realengo, a minha pedra e a minha argamassa para a edificação dessa obra já tão sólida, como modesta contribuição de um leigo para a pujança cada vez maior da agroindústria canavieira do nosso País.

MÉRITO CANAVIEIRO ENALTECE OS QUE FIZERAM A GRANDEZA DO IAA

Palavras do Prof. Paulo Maciel, Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, na entrega de condecorações aos ex-presidentes do IAA, no lançamento da **Campanha da Produtividade,** Recife — PE, em 15 de novembro de 1975. (Conforme gravação de seu pronunciamento de improviso).

Valorizo, e como valorizo, a honra de receber esta condecoração, à qual se acrescenta a enorme responsabilidade de falar pelos galardoados. Agradeço, com a sensação estimulada e com a emoção discreta que deve ser a atitude e a reação de todos que recebem esta mercê. E o faço, aproveitando as insinuações do discurso do Excelentíssimo Senhor Presidente Alvaro Tavares Carmo, pois que o faço nas linhas da História.

Não sou, confesso, historicista, mas acho que a particularidade das instituições e os fatos históricos constituem o sustentáculo dessa metamorfose, que é a vida das civilizações humanas e que condicionam as épocas, envolvendo os que nela viveram, dessa ou daquela maneira.

É, então, a história de uma instituição; a história do Instituto do Açúcar e do Álcool; história valorável; história a ser sempre enaltecida, que justifica, genericamente, esta homenagem .

Os méritos de alguns dos ilustres Presidentes, os méritos deles, por si só, justificariam qualquer Graça, e, entre eles, eu disfarçaria a minha inaptidão, mas, na verdade — creio que todos concordam — a grande História, o grande valor dessa homenagem é o Instituto do Açúcar e do Álcool. E, se o momento é histórico, não posso eu fugir das minhas próprias circunstâncias pessoais, posto que não é frase feita, nem gosto de um filósofo, dizer-se que o homem é o homem e sua circunstância. E a minha circunstância, nessa história, só pode ser medida pelos contatos e pela experiência: experiência árdua, dura, mas vivência rica, absolutamente existencial, que tive no Instituto do Açúcar e do Álcool.

Na verdade, foi num dia de abril que fui tirado — direi mesmo quase retirado — de uma bolsa de doutorado, em uma Universidade americana, para atender de repente e de surpresa ao convite desse eminente brasileiro, que a História rápido fez justiça, que foi Humberto de Alencar Castelo Branco. E entre deslumbrado de tanta responsabilidade e resguardado no meu

encabulameno provinciano — posto que a província também protege — assumi, eu, aquele Instituto.

BURGO DE CRIANÇA

Na realidade, a minha proteção firmou--se na sua história. Comecei a ler e comecei a ouvir e, de logo, assomou, depois do gênio criador de Truda, essa figura enorme de pernambucano que é a de Alexandre Barbosa Lima. Falo sem suspeição, porque no meu burgo de criança, e nas minhas convivências e confidências de pequeno burguês, ouvi, muitas vezes, loas à inteligência do Dr. Barbosa. Memórias infantis. Por especial coincidência, que não esperava viesse a ser definida, fui bacharel de bom currículo e orador da turma, unanimemente escolhido, precisamente no ano em que Barbosa Lima Sobrinho era Governador. Entretanto, por um misto de timidez e acanhamento, dele sou, apenas, até hoje, admirador à distância e um reverente conhecedor de vista. Pude constatar, de logo, o seu gênio político, palavra substantiva, muitas vezes tão levianamente malsinada.

Como organizou, coesa, uma equipe de técnicos, de diferentes formações culturais, e, porque não dizê-lo — quem conhece o I.A.A. sabe — de extremas diferenças ideológicas! Como construiu, em torno da idéia do plano, não o plano como artefato milagreiro de tecnocratas, mas o plano como sistema diretivo, prudente, flexível, que embasou a política açucareira e sustentou os prélios do Instituto do Açúcar e do Álcool, até agora! Depois, foi o Estatuto da Lavoura Canavieira, esse monumento de linhas econômicas, mas que contém aberturas sociais, e até virtualidades que a juventude de agora jamais poderá dissipar.

Em seguida, nas minhas leituras e nas minhas audiências, convivi com esse corpo cardinalício de servidores do Instituto do Açúcar e do Álcool, que não eram somente cardiais, como a palavra cardial que dizer: os que abrem as portas, eram mais que isso. Eram homens que insinuavam perspectivas ao então jovem Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool. Depois, convivi com seus técnicos, eficientes e cultos, e com seus procuradores. Aqui, aproveito uma hora solene como esta para deixar a minha homenagem a esses procuradores, insignes pela cultura, mas, para mim, mais relevantes pela justeza moral. Na verdade, como seria fácil, para eles, uma vida até nababescamente fácil, se fossem facilitadores. Eram e são homens justos. Homens de dignidade. Que levem, os que estão aqui presentes, a minha saudação e a minha homenagem a esta classe, que tanto honrou a minha presidência.

E depois? Seria impossível distinguir um a um os presidentes, na avaliação dos seus contributos.

UM ARISTOCRATA DE PORTE

Um dia, Antônio Saldanha, químico ilustre, uma das melhores autoridades em indústria açucareira, entre nós, levou-me a Edmundo Pena Barbosa da Silva, a quem, por coincidência, acabo de transferir a condecoração. E, de logo, senhoras e senhores, pude denotar que era um aristocrata, aristocrata até de porte. Na verdade, esse economista oxfordiano fez-me lembrar o passado da minha terra: este Pernambuco. Barbosa da Silva é da galeria dos bacharéis de Lisboa e dos médicos de Montpellier, que fizeram as glórias culturais dos senhores de engenho de Pernambuco. E, quando conversei, de quem me lembrei logo, foi do Morais, o dicionarista, erudito, excuso, vivendo nas nossas plagas; e dessa personalidade, jamais exaltada à sua altura na vida brasileira, que foi a do grande médico e grande naturalista Manuel de Arruda Câmara, ilustrando o nosso passado, nas suas florestas canavieiras de També.

De Barbosa da Silva recebi lição, discuti, e, até a galanteria de diplomata que lhe é própria, além de profissional, deu ouvidos às minhas discrepâncias.

Depois dele foi Sanglar. Este foi o meu antecessor. É um servidor público, autenticando-se através do Banco do Brasil, integrante fundamental da economia agroindustrial do açúcar.

Quem fala no Banco do Brasil, meu caro Ribeiro — também ex-presidente do I.A.A., aqui presente — fala de uma espécie de Exército, à paisana, de servidores com um senso profundo do dever, com sua pertinência às funções que lhe são

delegadas, e com sua difusão em várias atividades.

Sanglar era, como meu amigo e ex-chefe de gabinete Cauby Brasileiro, do Banco do Brasil. Sanglar, se me podem consentir um dado erudito, era daqueles a quem o sociólogo do conhecimento concede, por ser servidor, a orla da neutralidade. É difícil a neutralidade em Ciências Humanas, em fatos humanos, mas ele era muito objetivo. Devo, porém, dizer, agora, que não vestia mentalmente cinzento, nem era frio, para os aspectos de gravidade e de convulsão, que eram a hora de Pernambuco, naqueles tempos.

O MELHOR DE CADA UM

Pude, depois, avaliar a contribuição de vários outros e, a todos eles, sem nenhum ranço na avaliação pessoal, eu homenageio, sinceramente, porque todos eles deram o melhor de si, o melhor de seu trabalho e de sua inteligência e contribuíram para o Brasil. Todos fizeram por querer a marca, tão pouco usada hoje, talvez por timidez, de ser bom patriota. E, na verdade, a todos eles homenageio. Não os posso citar de memória, como citou muito bem em seu discurso o General Tavares Carmo, mas, lembro-me agora, não tanto como passageiro. em caminhos açucareiros, mas como ex-parlamentar, de homenagear essa estaca da vida republicana, o eminente senador por Sergipe, Leandro Maciel, vendo-o aqui presente, na sua velhice honrada. E seja com a dele a homenagem a todos os demais, que não posso enunciar pelo improviso da fala e pelo alargamento de palavras exigidas para comentar-lhes a obra.

Quanto aos mortos, que recebam, no ritmo de outros tempos, e em termos de milagre, as nossas ressonâncias, e que entendam as nossas palavras, num mundo de Parusia, onde não há compreensões, nem julgamentos, mas onde há essências e bem-aventuranças.

E depois? Inserido no meio de tantos e de tanta História, pude conhecer três jovens, que iriam ser presidentes do Instituto do Açúcar e do Álcool.

Lembro-me bem do José Maria Nogueira. Era homem do Ministério da Fazenda, numa hora de desinflação e que eu quase diria de deflação. Era muito difícil o momento para a política açucareira, que exigia, de um lado, ser expansionista e, de outra parte, ser subsidiada, sobretudo no Nordeste. Minhas homenagens ao José Maria, ele nunca foi homem que embaraçou, sempre foi homem para o desembaraço.

Logo depois, assinalo Evaldo Inojosa de Andrade, meu companheiro de geração. Penso que ele não se agastará com isso, que eu, cinqüentão, hoje Reitor, chame assim a ele, bem mais moço. Entretanto, a geração, meus senhores, dada a indefinição dos filósofos e dos sociólogos — eu hoje me convenço — é um dado pessoal e, por conseguinte, eu posso identificar Evaldo como companheiro mais moço de minha geração. Ele voltou a conviver comigo no I.A.A., como empreendedor, como o empresário Schumpeteriano — permita-me o economista Barbosa da Silva — empresário inovador. Comparece, com aquela gente de Alagoas, a quem saúdo e homenageio neste instante, e na qual ele se integrava como pernambucano, numa identificação ao regional, lutando, com jovens empreendedores, para renovar a indústria canavieira daquele Estado.

Depois dele, Francisco Oiticica, procurador insigne, honra, meu caro Vice-Governador, dos bacharéis da nossa sempre lembrada Faculdade de Direito do Recife. Sabia de cor, da primeira à última, as resoluções do I.A.A., com suas mais refinadas interpretações. Agora, neste ato público, eu devo dizer — que ele é credor — quanto a vida pública lhe é devedora, por não o ter colocado como Ministro do Poder Judiciário, pois que sua grande vocação era a de Juiz, e ser Juiz é ser grande.

CAMINHOS DE ESTUDOS

Vim a conhecer, depois, quando nos caminhos de meus estudos me afastava da economia das matérias-primas para considerar outras especialidades, e quando ainda era Deputado, depois de Ribeiro, a quem já saudei, o General Tavares Carmo. General, minhas homenagens. Vossa Excelência disse, há pouco, que pediu a Deus bênçãos, e eu creio que Deus o contemplou.

Na verdade, para os bons teólogos a Graça é a causa primeira, aos bem-aven-

turados cabe a causa segunda, de saber recebê-la.

Feliz Vossa Excelência, Senhor General, e que lhe repercutam os traços de uma conjuntura — talvez, no dia de hoje, ache Vossa Excelência difícil — mas que para outros presidentes, inclusive eu próprio, teria sido uma conjuntura de prosperidade. Prazo aos céus que continui no seu caminho a bonança, para a felicidade da economia açucareira no Brasil e para a felicidade do Brasil.

Com esta história de gente e de coisas, que seria longo demais percorresse nas suas veredas, está justificada esta homenagem. E, agora, nessa harmonia de gestos, que tem sido a postura aristocrata da classe dos fornecedores de cana, há de caber o nosso contraponto, posto que a melodia é comum, de enaltecimento aos que fizeram, do menor ao maior, a economia açucareira no Brasil.

Na realidade, senhor Dr. José Mário, mais do que a homenagem, talvez, nos sensibiliza de quem ela partiu. V. Sa. representa os fornecedores de cana, e os fornecedores de cana, senhoras e senhors, são quatro séculos de civilização.

MÃE DAS CIVILIZAÇÕES

Ontem, o Mestre Gilberto Freyre, com a propriedade da palavra que ninguém desconhece, dizia que a civilização do açúcar foi a mãe das civilizações brasileiras. Dos senhores de engenho, deles partiram as nossas civilizações, as quatro ou cinco da nossa tipologia sociológica. E, mais ainda, dizia Gilberto, poeta como ele é sempre e até orador, sem querer ser, sim, meu caro mestre — também eloqüente — dizia, com a sua propriedade, que o verde dos canaviais é o verde de Pernambuco. E convocava o General Tavares Carmo, a quem revelou ser pintor amadorístico, para esse verde, com específico tom pictórico. Gilberto colocou em expressão retórica também esse verde, e por isso eu disse ser Mestre Gilberto orador, afirmando ser esse verde da cana, muitas vezes saliente nas suas inflorescências, nas bandeiras de cana, acrescentando serem essas bandeiras os estandartes plantados no chão, do ânimo de resistência e bravura, que tem sido a característica do povo pernambucano.

Por conseguinte, meu caro amigo José Mário de Andrade, quando Vossa Senhoria traz a homenagem dos fornecedores de cana, traz civilização, que é cultura e cortesia. Terá lembrado a todos a Bahia, talvez, mas nunca desconhecido Olinda, que foi um reflexo de tudo isso, na pioneira civilização do açúcar. Hoje, Olinda, pobre mas rediviva nas suas tradições, é Olinda reflexo dessa civilização, é Olinda sempre bonita, a capital dos fornecedores de cana, dos senhores de engenho de Pernambuco. Essa tradição veio até todos nós nessa homenagem. Muito sensibilizou a mim, pessoalmente, na nota particularista que, como disse, é a circunstância pessoal do orador. Esta classe me traz boas lembranças.

Acho que numa hora destas, de agradecimento e de sinceridade, se há dissenções, que passemos por cima, como passou, generosa e implicitamente, o nosso caro José Mário de Andrade. E, então, eu devo dizer que sempre, como Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, tive admiração pela classe dos fornecedores de cana.

Infelizmente, aqui não veio — pelos não sei por quê da vida — o Dr. Francisco Alberto Moreira Falcão, mas a ele rendo minhas homenagens, porque homem inteligente, homem de experiência e, porque não dizer, até rusticamente duro nos seus pleitos, nunca pediu para si, e sempre falou pela classe que representava. Presto esta homenagem, nesta hora, porque não vou ser farisaico e dizer que tudo comigo sempre foi assim. Não. Havia as reivindicações personalíssimas, havia as posições injustas. Senhor General, Vossa Excelência deve ter experiência disto. Ante uma conjuntura difícil, era quase impossível alguém pensar em termos de estrutura, tanto era o jogo das pressões, e até das mobilizações desorientadas. Por isso presto, sinceramente, esta homenagem aos fornecedores de cana de Pernambuco que comigo foram diferentes. No meio de tanta franqueza, eu trairia a minha própria personalidade se não fizesse esta referência.

POLO DE INOVAÇÃO

Devo dizer, porém, que entendia a posição dos fornecedores de cana, de então, mais como uma trincheira. Era,

como se diz, modernamente, em linguagem de polos, polo de resistência. E, hoje, José Mário de Andrade é polo de inovação. É uma profunda mudança de mentalidade, insinuando grandiosas sugestões. É uma companha da produtividade. Quem não sabe que a produtividade é um dos problemas principais da economia açucareira? Direi que é um, porque sendo também economista, nunca me converti a economicista. Não será agora, cinqüentão, que vou ser convencional. Acho que o problema é também de cultura e de política. Por conseguinte, o problema é sério.

Pude ler, nas notas de hoje dos jornais, a palavra do empresário Gustavo Colaço lembrando que, na realidade, quando os fatores são mal remunerados, só podem permitir êxito regional das economias, nunca concorrência. A valorização desses fatores — creio que fala de trabalho — pode ocasionar, evidentemente, uma recuperação na economia, posto que as economias produtivas ou o são inteiramente, ou não o são. Só que lembraria ao ilustre industrial, como complemento, e pedindo mais uma vez licença a Barbosa da Silva, que esse modelo, evidentemente neo-liberal, exige ponderações. Primeiramente, a valorizaço pela produtividade é exclusiva de certas especialidades, sobretudo dos cortadores de cana. Depois, a família do trabalhador rural é numerosa e, antes que tivesse uma valorização do trabalho pela rarefação dos bons braços, os sobrantes continuariam a inchar as metrópoles, em uma migração repulsiva. Além disso, há, ainda que em minoria, o trabalhador preso à terra, não apegado aos aglomerados urbanos e que não deseja perfilhar o modelo do trabalhador industrial — neste particular, daria um bom estudo comparar-se o Estatuto do Trabalhador Rural com o Estatuto da Lavoura Canavieira.

DESTINO DE POTÊNCIA

Poder-se-ia falar no controle da natalidade. Entretanto, num país como o nosso, não propriamente rico, mas com destino de potência, não parece solução adequada para o momento. Também não teria êxito, imediatamente, essa contenção demográfica, exigindo cerca de vinte anos, para um efeito nítido. Então, a essa campanha cabe somar outras, como a do cooperativismo.

Ontem, aqui, José Mário de Andrade lembrava que o cooperativismo é uma espécie de manto econômico, que não distingue maiores ou menores no êxito. Por conseguinte, cabe partir, energicamente, sem preconceitos, para essas combinações.

Aqui, devo dizer, sinceramente, dos meus machucões, falar dos meus ressentimentos. Ressentimento não é palavra feia, é postura moral. Assim, como a ira pode ser a ira dos bons, no dizer de Rui Barbosa, também o ressentimento pode ser bom. A ira dos maus só vê os maus e, às vezes, resvala nos bons, mas a ira dos bons atinge o mal. Vale, então, que se expliquem ressentimentos, para sustentar a paciência de muitos e validar a pertinácia dos mais resistentes. Por isso, aludo aos meus, sem explosão de vaidade, antes como colaboração fraterna.

Não me esqueci, Senhor Presidente, das possibilidades, ainda hoje abertas, como o Estatuto da Lavoura Canavieira.

TERRA E HOMEM

Não me arrependo, digo eu, do Decreto dos Sítios, porque a economia agroindustrial do açúcar assenta numa organização agrária e num sistema agrícola que quase unifica homem e terra. Além disso, se não houver uma camada sub-média — não propriamente classe, porém **status** — haverá mal-estar econômico e, queiram ou não os fariseus, crise política no Brasil.

Cabe, portanto, esta palavra franca e, com ela, homenageio José Mário de Andrade, homem de classe média, vivido nessas dificuldades, e ressalto a função da Cooperativa no campo. Nesse trabalho, pela Cooperativa, os fornecedores reconquistarão a sua liderança, e farão uma espécie de almofada econômica, atenuando as grandes crises da economia açucareira.

Há que pensar, Senhor General, em uma exigência da Lei n.º 4.870, que diz ser, 20% do aumento de cotas, dos lavradores que lavram as terras com suas próprias mãos, e de suas famílias. Desta consideração não recuo eu, agora, que nada pretendo de mandatos políticos, embora não despreze o árduo dia-a-dia das praças

públicas quando relembro o meu passado de Deputado. Não posso recusar esta lembrança, porque na realidade é importante essa fatia social, inclusive para este momento de transição.

Os lavradores podem ser muitos em terras contíguas, sem ser de um só proprietário. A "plantion" não invalida o lavrador, antes ele a humaniza. A hora da cooperativa deverá ser a do lavrador. Simples apoio ao que já é legal.

UMA FESTA CULTURAL

José Mário de Andrade e os fornecedores de cana, porém, foram muito além, no início desta Campanha. Quiseram fazer uma festa cultural, e nenhum lugar melhor para começá-la, que o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Lá, ouvimos José Mário, mas não foi somente o José Mário fornecedor. Também o técnico. O seu discurso foi excelente. Conseguiu combinar reflexões, em diferentes contextos: sobre toneladas de cana por hectare — com bom senso previu, para 1980, oitenta e cinco toneladas; sobre rentabilidade; sobre variedades de cana, para depois citar Julien Benda e Bergson.

Senhores, Julien Benda é o literato do clérigo, que não traiu, exatamente a missão de José Mário. Os clérigos não têm valor pelas pregações. Podem ter pela evangelização. Têm, certamente, pela exemplaridade. É, o clérigo que é José Mário, agora, um exemplo que deve ser continuado, multiplicando-se pela imitação.

De Bergson ele tratou bem e comparou a "duração" com o fenômeno das decantações. Na verdade, o que ele quis dizer é que sobre as diversidades da vida — Bergson chega a acabar com a individualidade — há sempre um momento de consciência forte; este momento dura, deve ser continuado. Aquele instante, no Instituto Joaquim Nabuco, foi uma sugestão para a continuidade.

Depois de José Mário, a palavra do mestre Gilberto Freyre, professor e mestre. É mestre que não ensina apenas Sociologia e Antropologia, nem influencia gerações com o seu estilo literário; é mestre de vida, por isso mesmo é mestre. As suas palavras justificaram, plenamente, o prêmio que vai ter o seu nome.

José Mário de Andrade e os fornecedores de cana colocaram novas condições para premiar: apreciações de Sociologia, de Antropologia, de História, e também de Economia.

Lembro àqueles que escolherem o lado econômico, que encontrarão a via, para tratar o tema sedutor da sucro-química. Revivo, ao referi-la, a lembrança da resistência que enfrentei, a fim de conseguir transferência de cota de açúcar para uma fábrica de ácido cítrico, em Pernambuco, que infelizmente malogrou até agora. Mais ainda, Senhor General, Vossa Excelência há de ver, no Cabo, que instalei uma fábrica de proteína, que nada justifica venha a sair daqui, sobretudo quando se incentiva a fabricação do álcool. E o restilho, segundo processo do eminente cientista pernambucano Osvaldo Gonçalves de Lima, não seria poluente, seria alimento.

GRANDE CAMINHO

O álcool é outro grande caminho. Sempre pensei assim. Nas minhas dificuldades, enfrentando a pior conjuntura internacional açucareira, desde 1930, nunca pude organizar, executivamente, o que refleti sobre isto. Entretanto, nunca pude compreender que, assim como o carvão e o petróleo se exploram, paralelamente, não se definisse uma gama de produtos alcooleiros, que não fossem concorrentes.

Sem receio de politiquice exploradora, homenageio, por oportuno, o pernambucano, industrial do açúcar, que é Cid Sampaio, fundador da Fábrica de Borracha Sintética. Ele também sabia que butadieno de petróleo é mais barato, mas o que esperava era, a partir do processo para a borracha, que uma série de produtos alcooleiros fosse definida.

Graças a Deus, hoje, numa coincidência feliz, esse admirável e austero General Ernesto Geisel, Presidente da República, a quem homenageio reverente, acaba de baixar o decreto do álcool, amplo em conotações e rico em insinuações. Não só fala do carburante, como de outros tipos de álcool; não só da paridade de preço, que é estímulo econômico, mas da necessidade de diminuir disparidades regionais, de curar diferenças setoriais, até porque as refinarias também podem

ser de fornecedores, com pequena modificação de resolução do I.A.A. sobre localizações.

Vejam, senhores, como o início daquela festa foi pretexto para tantos comentários.

Seguiu-se a palavra do General Tavares Carmo. Sabem os que têm experiência política que os homens do governo devem afirmar. Sua Excelência afirmou que o Plano da Produtividade foi muito bem colocado, inclusive com um detalhe de ordem técnica, que é a avaliação, nas economias agrícolas, da escala. A agricultura é tanto mais difícil quanto, ao contrário da indústria, não tem padrões internacionais. Mais uma grande idéia, merecendo enaltecimento ao lado do cooperativismo e da produtividade: dar uma dimensão cultural a essas campanhas. Com elas, assumem os fornecedores de cana, antigos senhores de engenho, uma posição de comando. Devem dar os braços aos lavradores, e com eles, nos "dias de campo" — uma das técnicas das campanhas — devem chegar aos trabalhadores.

Revelo, agora, nesta casa, que, em conversa com o Senhor Presidente da República, Marechal Castelo Branco, logo nos meus primeiros dias de Administração, invoquei a necessidade de representação trabalhista no I.A.A.. Sua Excelência com grande senso político, não refutou. Só que a época era de urgências maiores.

FUNDAMENTO SOCIOLÓGICO

Na realidade, o trabalhador rural há de ser respeitado, não como graça ou mercê patronal, mas por direito; nem as suas organizações vão ser indulgências dos empresários; devem existir, inclusive, com um fundamento sociológico: é que o perfil do trabalhador rural não é o mesmo do trabalhador da indústria. Há necessidade da presença do trabalhador rural organizado, mesmo como complemento dos princípios reformistas que estão na Lei N.º 4.870. Deve entender-se que a valorização do trabalhador, honestamente é uma tática política.

As conquistas sociais enormes que a Revolução vem obtendo e, recentemente, os sucessivos gestos do Presidente Geisel, na área previdenciária, não tiveram, ainda, a repercussão que merecem. É que os trabalhadores terão de conhecê-las e valorizá-las, a partir de suas próprias instituições. Então, pregar-se a convivência com os trabalhadores não é contra a revolução; é valorizá-la, como ela deve ser valorizada, nos seus inegáveis méritos. Este é um caminho corajoso — mas não costumo ser conveniente. Por isto, convoco os fornecedores de cana para este percurso.

Por último, e para terminar, anoto que o retraimento da vida rural é um fator de cultura, pois que é criador do lazer. Ontem, Gilberto Freyre relembrava o pluralismo cultural, que se organiza na vida retraída das comunidades interioranas.

Constituem-se, as formas de lazer e a religião, em expressões do gosto de viver, que Toynbee descreve como o sustentáculo das grandes civilizações, principalmente nas épocas de metamorfose.

Então, que grande missão a dos agricultores da cana!

Afinal, nós, recipendiários desta homenagem, é quem devemos homenageá-los. Esforcei-me por fazê-lo, profundamente agradecido, na sombra de tantas eminências, que foram ex-presidentes do I.A.A.

Agora, meu caro Presidente do BANCOPLAN, José Mário, entre as franquezas e as expansões deste dia, vai mais uma: fui fazendário, como estudante pobre, e depois, como Secretário da Fazenda do Estado. Por isto, aceitei uma sugestão de seus companheiros da Fiscalização de Rendas para lhe presentear com uma placa de prata. Souberam escolher. Não quiseram retrato, espécie de superação do temporal. Preferiram uma placa, para ativar-lhe a memória, constituindo para você um compromisso de continuidade de tudo que já fez. Receba as minhas homenagens, nas quais, sei, posso incluir as dos ex-presidentes do I.A.A.

Finalmente, entre tantas homenagens e contra-prestações, saudando a paciência, a cortesia e a elegância de tão distinta platéia, digo uma única palavra que sei mútua entre muitos — palavra de todos — parabéns a todos nós. Muito obrigado.

UM ESTÍMULO PARA TODOS OS EMPRESÁRIOS DO AÇÚCAR

Palavras do General Sylvio de Mello Cahu, Presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar em Pernambuco, na inauguração da sede do BANCOPLAN.

Itamar César de Moura, decano dos conselheiros do BANCOPLAN, entrega a Medalha de Mérito Canavieiro ao General Sylvio Cahu, Presidente do Sindicato da Indústra do Açúcar de Pernambuco.

É com satisfação e júbilo que recebo hoje, por feliz coincidência neste 15 de novembro, dia marcante no calendário cívico do Brasil, a **Medalha do Mérito Canavieiro,** que me foi outorgada pelo BANCOPLAN. Entretanto, esta medalha não me pertence pessoalmente, pois constiui-se um galardão para toda uma classe de empresários que mourejam na atividade da Agroindústria Açucareira, na busca e conquista de novos padrões de vida de toda uma comunidade.

Como representante dos industriais do Açúcar de Pernambuco, devo declarar que a medalha que me foi concedida, representa o reconhecimento do esforço conjunto de homens de empresa estritamente ligados ao desenvolvimento de Pernambuco, do Nordeste e do Brasil.

Desde os tempos coloniais, quando o cultivo da cana se espalha pelas baixadas e encostas da Zona da Mata, modificando a paisagem primitiva, a exploração industrial do açúcar já estava fadada a exercer relevante papel na economia regional e nacional.

Em pleno século XX, precisamente há 42 anos, o Governo Federal, reconhecendo a necessidade da participação do poder público no controle da produção e estabilização dos preços, garantindo o equilíbrio do mercado, criou, em boa hora, o Instituto do Açúcar e do Álcool, que, assim, tornou-se parte componente da Agroindústria.

Surgiu, então, essa magnífica organização, que gerou, sob a esclarecida dire-

ção de eminentes brasileiros, uma integração perfeita do setor público com o setor privado, iniciando-se uma valiosa adição de esforços e cooperação mútua, que tão benéficos resultados tem apresentado, contribuindo de modo insofismável para a grandeza e desenvolvimento da Agroindústria do Açúcar.

Agradeço emocionado, em nome de meus companheiros Rui Carneiro da Cunnha e Gustavo Colaço Dias, a concessão da **Medalha do Mérito Canavieiro,** justa recompensa pelo seu esforço e dedicação a uma atividade econômica de tal magnitude e relevância.

Desejo aproveitar a oportunidade para render sincera homenagem e um preito de gratidão aos nossos antecessores pioneiros da Indústria Açucareira que, no último quartel do Século XIX promoveram uma extraordinária revolução industrial, implantando as usinas em Pernambuco.

A medalha, hoje recebida, constitui um estímulo para todos empresários do açúcar, que bravamente labutam ao lado do Governo pelo engrandecimento da pátria, por um Brasil melhor.

PLANALSUCAR EM NOTÍCIAS

COMUNICADO Nº 46 FEVEREIRO - 1976

ADUBAÇÃO NITROGENADA EM TABOLEIRO COSTEIRO DE ALAGOAS

Com a finalidade de se observar a resposta à adubação nitrogenada, foram instalados em 1966, ensaios na Usina Central Leão (Al), na fazenda denominada "Tabuleiro do Pinto". O solo, classificado como Latossol Vermelho Amarelo, formação Barreiros, reconhecidamente pobre em nitrogênio e matéria orgânica, apresentou as seguintes características químicas: potássio = 22 ppm; fósforo = 11 ppm; cálcio + magnésio = 16 me %; alumínio = 1,9 me % e pH = 4,0.

Empregaram-se doses constantes de fósforo (160 kg P205/ha) e de potássio (180 kg K20/ha) e as doses de nitrogênio foram: 0, 50, 100 e 200 kg de N/ha, respectivamente. O ensaio foi conduzido em presença de torta de filtro (5 toneladas por hectare, no fundo do sulco) e em ausência da mesma.

Os resultados (média de 7 cortes) agrupados em toneladas de cana/ha e toneladas de açúcar/ha foram:

TRATAMENTOS	Toneladas de cana/ha		Toneladas de açúcar/ha	
	sem torta	com torta	sem torta	com torta
N — 0	43,01	57,65	5,68	7,83
N — 50	65,95	92,74	9,20	11,91
N — 100	82,52	81,31	11,45	12,65
N — 200	92,58	86,74	12,06	12,58
Média	71,02	79,61	9,60	11,24

Como conclusão, verifica-se que pode-se reduzir grandemente o nível de nitrogênio (ao redor de 100 kg/ha), na adubação da cana-de-açúcar no referido solo, com a incorporação de 5 toneladas de torta de filtro por hectare, no fundo do sulco.

PLANALSUCAR NA TECNOLOGIA INDUSTRIAL

O PLANALSUCAR está iniciando o desenvolvimento das pesquisas no Setor Industrial, objetivando fornecer ao produtor de açúcar brasileiro, não só uma matéria-prima de alta qualidade, bem como, uma tecnologia industrial capaz de explorar ao máximo, o potencial dessa matéria-prima, obtendo assim um açúcar de alta qualidade.

Na recente estruturação administrativa do PLANALSUCAR, foi criado o Setor Industrial, cujos trabalhos de pesquisas, ora iniciados, servirão de suporte para uma boa tecnologia de fabricação do açúcar.

No intuito de dinamizar rapidamente a recém-criada Divisão Industrial, a COORDENADORIA REGIONAL NORDESTE DO PLANALSUCAR-ALAGOAS, fez deslocar um técnico da ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE CANA-DE-AÇÚCAR DE ALAGOAS, durante um mês no laboratório da Inspetoria Técnica do I.A.A.-Alagoas, com o objetivo de se especilizar nas análises de açúcar.

O relatório do estágio, evidenciou dois pontos importantes:

1 — A necessidade de equipar o laboratório da EECAA com toda aparelhagem adequada para análise dos açucares Demerara, Cristal e Refinado;

2 — O efeito que acarreta e deve ser mostrado ao produtor quando a usina fabrica açúcar demerara de boa ou má qualidade, traduzido pela bonificação ou penalidade no açúcar exportado.

Uma vez recebidos os equipamentos adicionais de laboratório já encomendados, a EECAA ampliará o número de pessoal de laboratório a ser treinado para as usinas. Paralelamente os produtores de açúcar do Estado serão conscientizados sobre a necessidade do reequipamento dos laboratórios das Usinas para que estes possam prestar o apoio necessário ao processo de fabricação do açúcar. Produzir açúcar de alta qualidade significa participar dos ágios oferecidos pelo IAA, a título de estímulo à qualidade.

A título de ilustração, daremos dois exemplos de o que aconteceria a uma Usina de 500.000 sacos se fabricasse todo açúcar de boa qualidade ou de má qualidade:

UM AÇÚCAR DE BOA QUALIDADE TERIA AS SEGUINTES ESPECIFICAÇÕES E ÁGIOS:

ESPECIFICAÇÃO		ÁGIOS
Pol %	97,700	11,773 %
Umidade %	0,575	—
Fator de Segurança (FS)	0,25	—
Cinza %	0,200	0,076 %
Granulometria %	9,00	0,44 %
Filtrabilidade ml	220	1,60 %
Cor	80	0,20 %
	TOTAL	14,089 %

UM AÇÚCAR DE MÁ QUALIDADE TERIA AS SEGUINTES ESPECIFICAÇÕES E DESÁGIOS:

ESPECIFICAÇÃO		DESÁGIOS
Pol %	96,90	0,750 %
Umidade %	0,896	—
Fator de Segurança (FS)	0,28	0,72 %
Cinza %	0,420	—
Granulometria %	56,0	0,08 %
Filtrabilidade ml	42,0	0,18 %
Cor	283,0	0,66 %
	TOTAL	2,39 %

Tomando por base a produção de 500.000 sacos ao preço oficial de .... Cr$ 67,01, sem subsídio, na safra 75/76 teremos:

Faturamento total da produção:	500.000 × 67,01	=	Cr$ 33.505.000,00
Faturamento adicional do ágio:	14,089 × 33,505.000	=	" 4.720.519,40
Faturamento total geral:		=	Cr$ 38.225.519,40

Com a mesma produção, fabricando um açúcar de má qualidade, teríamos a seguinte situação:

Faturamento total da produção:	500.000 × 67,01	=	Cr$ 33.505.000,00
Prejuízo de deságio:	2,39 % × 33,505.000	=	" 800.769,50
Faturamento total geral:		=	Cr$ 32.704.231,50

Analisando as duas situações distintas teremos:

a) No caso do açúcar de boa qualidade, a Usina terá um faturamento adicional de: .... Cr$ 4.720.519,40

b) No caso do açúcar de má qualidade, além de deixar de faturar o valor constante do item anterior, ainda sofre de decréscimo na receita normal, referente ao deságio, no valor de .... Cr$ 800.769,50
resultando como é lógico, numa perda global de ... Cr$ 5.221.287,90
montante respeitável na apuração do resultado operacional da Empresa.

FORMAÇÃO E TREINAMENTO

Aula prática que teve como instrutores os Professores Enoque Guedes e João Ribeiro de Lemos.

A Seção de Formação e Treinamento da Coordenadoria Regional Nordeste do PLANALSUCAR, com o objetivo de formar novos tratoristas para a Agroindústria açucareira projetou uma série de cinco cursos de formação de tratoristas.

O primeiro deles inscreveu 25 participantes, concluindo com 21 treinados, em 120 horas de aula. A programação constou de aulas teórico-práticas de operação e manutenção de tratores, tratos culturais e relações humanas na empresa.

As demais quatro turmas, tiveram um total de 412 horas de aula num período compreendido entre 12 de janeiro e 21 de fevereiro do ano em curso.

A GRANDEZA DA MENSAGEM QUE O COOPERATIVISMO ENCERRA

Pronunciamento do Presidente do BANCOPLAN, José Mário de Andrade, na inauguração da sede da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco, Recife — PE, em 15 de novembro de 1975.

Neste fim de tarde recifense, às margens do Capibaribe e no mesmo bairro onde se iniciou o ciclo brasileiro do açúcar — a Mauriciópolis dos holandeses, no século XVII — os fornecedores de cana abrem as portas da sua nova Casa para receber tantos e tão numerosos amigos de Pernambuco e dos outros Estados que aqui vieram trazer o calor da sua amizade e da sua solidariedade.

Este é um sobrado velho de fins do século passado **art nouveau** no seu desenho arquitetônico que a equipe de conceituados profissionais recuperou para a instalação definitiva de todos os departamentos da Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco — BANCOPLAN. Os arquitetos e os administradores encontraram soluções felizes de ambientação e de cor — de cores tropicalmente luminosas — que refletem muito de ambiente deste velho burgo, porto de mar e horizonte aberto a novas expansões e conquistas econômicas.

Porque Pernambuco continua fundamentalmente açúcar. Segue vivendo impregnado de açúcar. Algumas vezes agridoce, porém mais doce do que ágrio, se se conseguem separar barreiras, arregimentar vontades e cristalizar desejos no objetivo comum de fortalecer a economia canavieira da região.

Pernambuco continua açúcar mesmo a despeito das chaminés de outras fábricas em torno da megalópole que está sendo o Recife do século XX, que aqui vieram atraídos pelos incentivos fiscais e financeiros da SUDENE e do Governo de Pernambuco.

RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES

Estamos vivendo num mundo de rápidas transformações. O homem moderno tem urgência. Não podemos adiar o que precisa ser feito hoje. A filosofia de ação, dos que fazem o BANCOPLAN, é a mesma daqueles que sentem a angústia, que atormenta e inquieta os construtores do novo mundo.

É a mesma dos que querem fazer hoje, fazer já. Construir sem nunca transferir para o amanhã os desafios do desenvolvimento.

Aqui em cimento, ferro, pedra e muita dedicação dos homens da cana de Pernambuco, está edificado o que poderia parecer impossível há seis meses. Entrega-

mos, hoje, a resposta ao desafio de ontem.

Nosso objetivo se consubstancia hoje na transformação de mentalidades e na conquista de adesões. Visa despertar consciências. Pretende incentivar o homem do campo à adoção de novos estilos e novas formas de vida. Deseja implantar normas de comportamento homem/ /campo mais compatíveis, com a modernidade. Pretende-se viabilizar o emprego e o uso racional de métodos atualizados na exploração agrícola.

Com o Programa Nacional do Álcool, o Brasil poderá economizar cerca de 300 milhões de dólares anuais. O Governo conscientiza-se da necessidade de oferecer, neste momento, ao produtor privado, o maior apoio e o mais decisivo estímulo para que possa continuar desempenhando a contento o seu trabalho neste setor vital à economia do país.

UMA NOVA DIMENSÃO

O destino nos reservou que, coincidentemente, V. Exa. estivesse em Pernambuco quando o Ministério da Indústria e Comércio anuncia o reajuste do preço da cana e, ainda, o Programa Nacional do Álcool. A serenidade revelada por V. Exa. durante todo o tempo em que, justamente, os plantadores de cana reivindicavam o aumento do preço é uma prova indiscutível do equilíbrio com que V. Exa. conduz o I.A.A.

Agora, porém, General Álvaro Tavares Carmo, permita postularmos com ênfase — até mesmo porque Pernambuco e o Nordeste lhe confiam suas esperanças, pelo testemunho que V. Exa. generosamente confere ao nosso esforço — que o IAA, na missão de apreciar as propostas para modernização, ampliação ou implantação de destilarias de álcool, anexas ou autônomas, confie que estamos prontos para responder a mais esse desafio que, como já salientamos ontem, a batalha da produtividade é, também agora, um processo inclusive de reduzir disparidades regionais de renda, de conteúdo eminentemente humano — questão social que muito de perto interessa a Pernambuco e ao Nordeste.

O Programa Nacional do Álcool haverá de ser, portanto, uma nova fase de incrementação na produção de cana e uma nova dimensão para a atividade agrícola.

BENEFÍCIOS DO COOPERATIVISMO

O elo de ligação entre a ação governamental e a iniciativa privada em nosso caso está no cooperativismo.

A Cooperativa é uma opção para o pequeno, médio e grande plantador. Diminui custos. Concentra recursos. Facilita e centraliza o diálogo com as autoridades. Fornece força aos pleitos da classe e mantém uma estrutura de serviços a custos mais baixos para o plantador.

Entendemos a grandeza da mensagem que o cooperativismo encerra, no fundamento ético preconizado pelo Presidente Ernesto Geisel, quando decidiu reservar à Cooperativas uma participação ampla e permanente no desenvolvimento deste nosso país.

O Nordeste e não apenas Pernambuco procura neste momento dar uma prova de vitalidade, e de reconhecimento dos propósitos do Governo Federal. Preconizamos o fortalecimento da economia regional como um todo. Como um bloco monolítico concretizado pela preocupação de todos com os destinos de 36 milhões de brasileiros que aqui vivem. A Campanha de Produtividade não se limita a Pernambuco. Nem tampouco se restringe, apenas, à cana-de-açúcar. A idéia visa abrir, mais ainda, as portas do desenvolvimento nacional.

A iniciativa dos homens da cana-de-açúcar de Pernambuco nos lembra Peter Drucker, quando dizia: "nenhuma posição de liderança é mais do que uma vantagem transitória".

Pernambuco procura ser fiel às suas melhores tradições, não fugindo ao seu papel nos momentos em que é convocado.

EVOCANDO RONDON

"Retornar ao passado é uma forma de reviver" disse um dia o autor de **A Bagaceira** o paraibano José Américo de Almeida. Permita-me voltar no tempo. Há cinqüenta e três anos, neste mesmo bair-

ro do Recife, um brasileiro imortal levantava sua voz pelo Nordeste. Era o Marechal Cândido Rondon: "Se o problema do Nordeste é muito complexo, com uma solução que é, antes, um conjunto de soluções — entre as quais as de ordem técnica e econômica são fundamentais — ao que se deve visar, acima de tudo, é ao homem, à sua incorporação a uma vida com dignidade. Tem a gente nordestina dado sobejas provas de vontade firme, de qualidades superiores que a tornam capaz de todos os heroismos. É preciso proporcionar-lhe uma vida mais feliz, no recanto onde nasceu e que adora".

Rondon, no dia 15 de novembro de 1922, como um eterno pioneiro do social, que sempre foi, definia bem o espírito nordestino.

Dêem-nos a mão que trabalhar é talvez uma das maiores virtudes do homem nordestino.

Recordar as palavras do Marechal Rondon teve um objetivo primeiro: o de agradecer o que até hoje foi feito por todos nós pelo IAA. Agradecer na pessoa do General Álvaro Tavares Carmo, militar como Rondon, que tem uma personalidade definida por Castro Alves sobre certo tipo de soldados: "irmãos do livro e do sabre".

AO LONGO DOS SÉCULOS

A agroindústria açucareira, ao longo dos séculos apesar de oscilações, tem conseguido sobreviver e, progressivamente, absorver os contingentes de mão de obra lançados no mercado de trabalho das zonas rurais vindos de outras regiões do Estado e de todo o Nordeste.

Com esse propósito — o de fortalecer a economia açucareira — é que a Diretoria do BANCOPLAN iniciou seu amplo programa de assistência aos fornecedores, com a meta ambiciosa, agregar todos os que se dedicam ao cultivo da cana-de-açúcar em Pernambuco.

Primeiro era necessário criar as condições de infra-estrutura para que os Departamentos do Bancoplan pudessem operar em bases bancárias modernas. Não nos vai faltar o apoio do Instituto para essa finalidade.

Os fornecedores sentem-se honrados com presenças tão ilustres inclusive dos ex-Presidentes da autarquia federal que atenderam ao nosso convite.

Esta é uma festa de congraçamento e de amizade que deve poupar palavras para traduzir-se em gestos simbólicos. Um deles, a outorga da **Medalha de Mérito Canavieiro** a várias personalidades brasileiras que se têm distinguido, nos últimos anos, pelo pensamento e pela ação em defesa da agroindústria açucareira e, particularmente, dos plantadores de cana do Nordeste.

NOSSA GRATIDÃO

A Medalha é uma forma de deixar gravada a nossa gratidão pelos que têm sabido, a serviço do Brasil, atuar com um espírito transregional, sem prejuízos e distorções, com responsabilidades que os credenciam à admiração dos seus contemporâneos e ao respeito da comunidade.

Um deles é o General Alvaro Tavares Carmo. O outro, o Governador Moura Cavalcanti, plantador de cana, cujas raízes telúricas são o melhor certificado de sua fidelidade aos grandes destinos de Pernambuco e do País.

Ainda outro — inigualável na sua área de atuação — o escritor Gilberto Freyre, cuja obra é um patrimônio permanente do Brasil e da Civilização Ocidental, escritor universal cujo cosmopolitismo não superou nem alijou o regionalismo mais autêntico e o brasileirismo mais castiço.

Ainda outros, cujos serviços estão na memória dos dias atuais.

SOMA DE ESFORÇOS

O que se faz atualmente em torno do Bancoplan e no Bancoplan representa uma soma de esforços de várias gerações. Nada que aqui se ergue pode ser individualizado em termos de pessoas. Na verdade esta obra se fez com a ajuda dos pequenos, médios e grandes fornecedores. Aqui, todos têm as portas do Bancoplan sempre abertas. Os fornecedores de cana sabem que foram eles que conseguiram edificar este velho sonho. O Bancoplan com esta nova sede começa a

responder em voz alta as necessidades dos plantadores de cana do Estado. Reafirmamos nossa crença no cooperativismo como "suporte para o viver e sobreviver" economicamente. Nesta luta o objetivo não foi pessoal ou de uma equipe. Nosso trabalho é a extensão da dedicação de muitos anos. Nossas mãos trazem calejadas marcas dos tempos duros enfrentados por nossos antecessores. Trabalhamos hoje com o orgulho de saber que uma classe inteira aqui está presente na inauguração de sua casa. A união de todos os homens do açúcar — plantadores e industriais — o apoio das autoridades e a fé existente na construção de Pernambuco sedimentaram esta obra que pelo seu alcance socioeconômico tem um universo social magnífico. É necessário nesse nosso novo tempo, consolidar este espírito de coesão da força produtiva. Que este momento traduza, ainda, a nossa mensagem de otimismo, de otimismo com realismo, na crença que superaremos todas as dificuldades se sempre estivermos unidos. Unidos. Unidos plantadores e usineiros. Homens dos canaviais com as autoridades federais e estaduais. Unidos o IAA e Pernambuco pelo desenvolvimento da cultura canavieira. Pelo desenvolvimento do Brasil.

A todos, entrego, em nome da Diretoria do Bancoplan, esta Casa, **Pro Domo Sua.**

RESPONSABILIDADE E REFLEXÃO: O DESTAQUE DA PRODUTIVIDADE

Palavras do Vice-Governador de Pernambuco, Paulo Gustavo de Araújo Cunha, encerrando a solenidade de inauguração da sede do BANCOPLAN.

Por solicitação do Presidente José Mário de Andrade, dominado que está pela emoção, face à homenagem que recebeu da Associação dos Agentes Fiscais do Estado de Pernambuco; transmito a todos os presentes, seus sinceros agradecimentos, pela placa de prata que lhe foi ofertada e que tanto o emocionou.

Nesta oportunidade, destaco a presença do General Álvaro Tavares Carmo, pois, citando-o, presto uma homenagem a todos os componentes desta Mesa Diretora.

Senhores Empresários, minhas senhoras, meus senhores:

Neste dia 15 de novembro, data cara à vida política nacional, ocorre em Pernambuco, um congraçamento de pessoas, entidades, Governo e setor privado, que reflete não sómente a importância deste evento, mas também, o momento econômico em que vive a Nação.

Este momento, está a exigir de todos nós, e quando assim nos referimos, queremos dizer, Governo, setor privado, enfim toda a Comunidade Nacional, responsabilidade e reflexão, para que possamos através de uma correta definição de atribuições, cooperar e promover a sociedade democrática, objetivo de todos os brasileiros.

Se por um lado, cabe ao setor público criar os necessários instrumentos de tranquilidade social; os estímulos fiscais e financeiros, a infra-estrutura física e tecnológica, reafirmado ainda presentemente, pelo Plano Nacional do Álcool, dos novos preços da cana, da infra-estrutura física que se aprimora no Estado de Pernambuco, notadamente pelas estradas vicinais da zona da Mata, cabe, por outro lado, ao setor privado acompanhar e desempenhar também, suas responsabilidades, o que o Governo com satisfação reconhece e prestigia.

É confortante verificar, que a atuação do setor privado se manifesta através do fortalecimento de seu instrumento financeiro, se agigantando no momento em que, demonstra e comprova, as suas preocupações na racionalização da atividade canavieira, sobretudo destacando a produtividade, ainda ontem objeto de premiação.

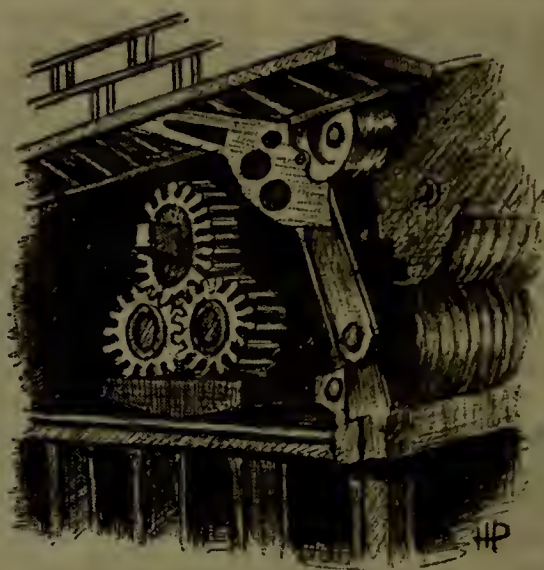
Mas gostaria também de enaltecer o que aqui foi feito pelo Presidente José Mário de Andrade, quando fez um apelo de união entre o empresário do campo e o empresário da indústria.

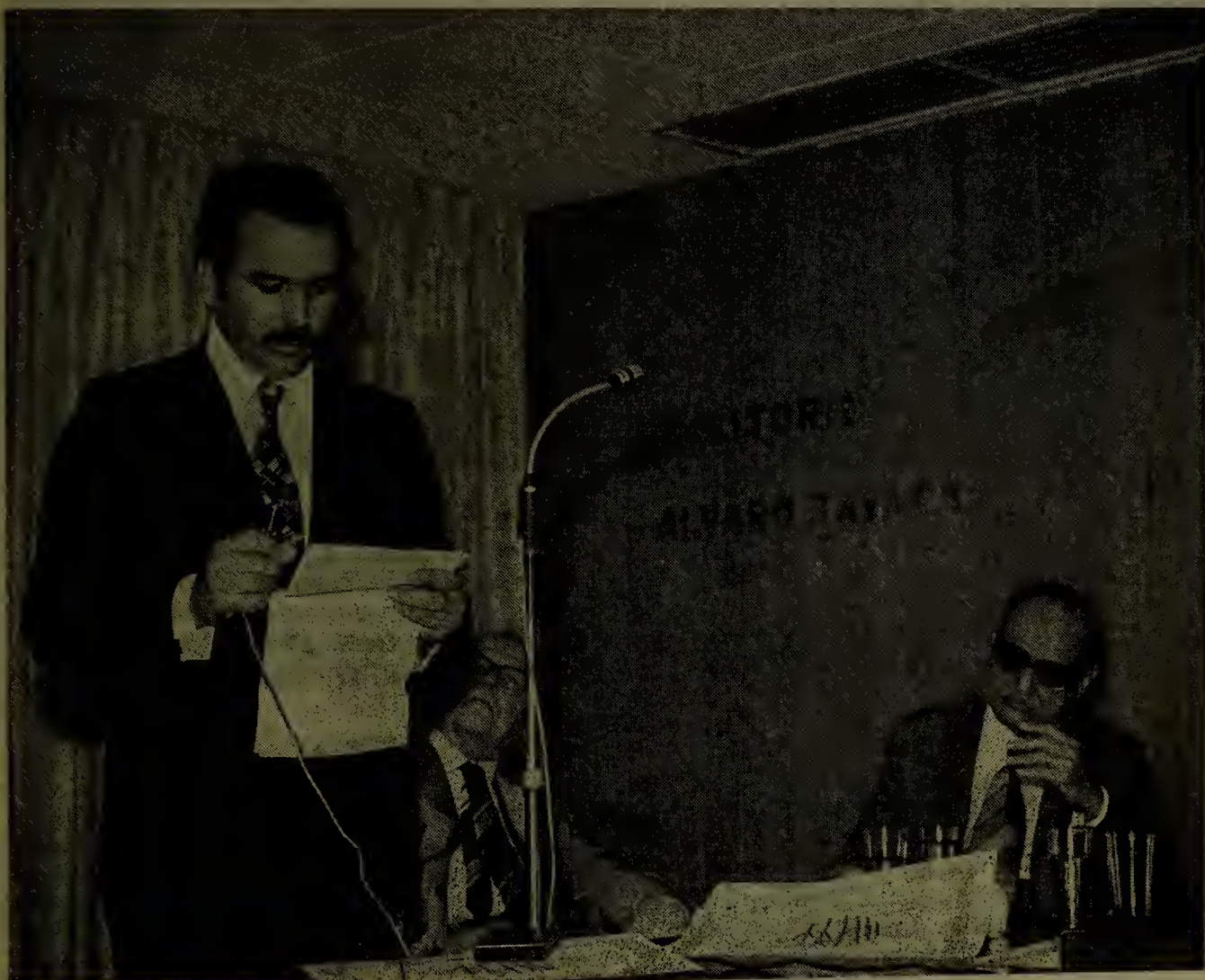
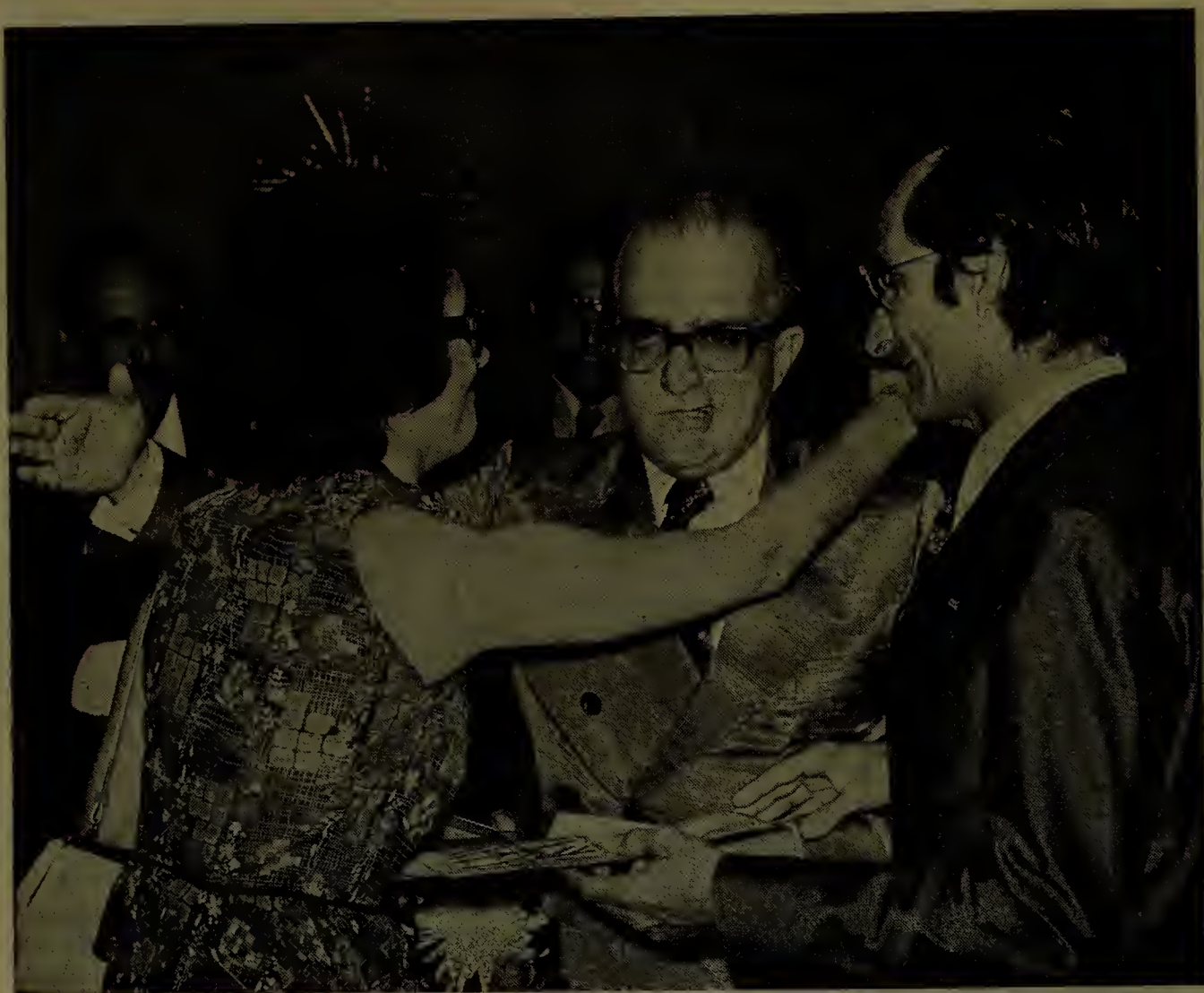
Estenderia eu, essa união, não somente ao setor privado, mas também, à necessidade de congraçamento entre o Governo e o empresário, e diria mesmo, de todos os Pernambucanos, porque temos responsabilidades e objetivos comuns, quais sejam o crescimento social e eco-

nômico de nosso Estado, participando também, do engrandecimento da Nação.

Creio, que se aqui estivesse o Governador Moura Cavalcanti, cujos compromissos oficiais o conduziram a outro local, diria pela sua origem humilde, pela sua atividade de plantador de cana, pela sua vivência executiva a nível nacional, que o Governo de Pernambuco está presente e atento, em valorizar a situação sócio-econômica dessa atividade, mas também em prever e prover o necessário apoio a implantação de medidas que visem facilitar o melhor desempenho à atividade canavieira em nosso Estado.

De modo que, ao encerrar esta solenidade, misto de alegria e saudade, traduzo, em nome do Governo de Pernambuco, a confiança e reconhecimento pelo muito que tem sido feito, pelos empresários da cana-de-açúcar para o nosso Estado e para a nossa Nação, e a confiança de que esta união permanecerá em prol do engrandecimento de Pernambuco.

Agradeço a presença de todos os senhores e declaro encerrada a sessão.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE RONALDO DE SOUZA VALE

O BANCOPLAN, na oportunidade em que lança a Campanha da Produtividade, não poderia esquecer aquele que marcou época no Setor de Produção do Instituto do Açúcar e do Álcool — o Dr. RONALDO DE SOUZA VALE. Por isso mesmo este Banco Cooperativo de Crédito ao preparar a sua (agenda de) programação, visando distinguir aqueles

José Humberto César, Diretor-Secretário do BANCOPLAN, lê a mensagem da homenagem póstuma ao incentivador do PLANALSUCAR, Ronaldo Vale. À mesa, os senhores Antiógenes Chaves, Diretor do Diário de Pernambuco, e Rui Carneiro da Cunha, Presidente da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco.

No flagrante, Paulo Tavares, Diretor do Departamento de Assistência à Produção do I.A.A., e Francisco de Mello Albuquerque, Coordenador Regional-Norte do PLANALSUCAR, cumprimentando a Sra. Lúcia Marina, no instante em que recebia o diploma do mérito canavieiro, conferido postumamente pelo BANCOPLAN, ao saudoso Ronaldo de Souza Vale, incentivador do PLANALSUCAR.

que se empenham no desenvolvimento da agroindústria canavieira da Região, sentiu que a mesma não estaria completa se não figurasse entre os homenageados o nome do insigne ex-Diretor. A personalidade invulgar daquele grande funcionário, cuja trajetória de toda a vida naquela Autarquia, fofi voltada para os produtores de cana, como o amigo leal, desinteressado e, sobretudo, profundo conhecedor dos seus problemas. Sem dúvida alguma falar do Dr. RONALDO DE SOUZA VALE é um misto de orgulho e de tristeza. Orgulho porque ele sempre soube se impor aos seus pares e apesar de muito jovem realizou uma grandiosa obra que certamente ficará marcada na história da agroindústria açucareira... Tristeza, porque o seu precoce desaparecimento, ocorrido há cerca de três meses, ainda nos deixa marcados de profunda consternação.

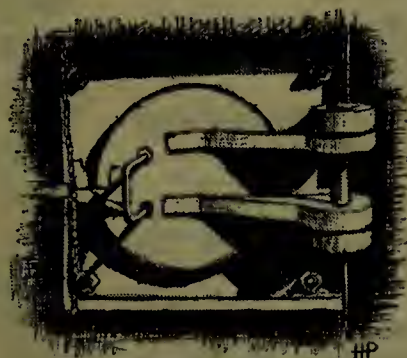
Gostaríamos de relembrar as palavras proferidas pelo General Alvaro Tavares Carmo. Presidente do IAA, quando, em homenagem especial no CONDEL, se referia à figura do Dr. RONALDO — "RONALDO DE SOUZA VALE MARCOU A SUA PRESENÇA NESTA CASA POR UMA ATIVIDADE ÍMPAR, PARTICIPANDO EM TUDO QUE DE IMPORTANTE AQUI SE FEZ NESTE ÚLTIMO LUSTRO."

Entre todas as suas iniciativas naquela Autarquia o BANCOPLAN faz questão de registrar de modo especial, tendo em vista a natureza da própria Campanha que acaba de encetar, aquela que foi sem dúvida em que o Dr. RONALDO mais revelou a sua visão e a sua maior capacidade criadora — a criação do PLANALSUCAR, organismo hoje aceito e respeitado nos meios técnicos e no exterior.

Falando de PLANALSUCAR, nada mais justo também do que citar o nome deste engenheiro, antigo servidor do IAA, companheiro do RONALDO de todas as horas e seu colaborador, desde os primeiros instantes, na criação do PLANALSUCAR, o Dr. PAULO TAVARES.

Permita-me, Dr. PAULO TAVARES, que nesta simples e sincera homenagem à memória de seu companheiro RONALDO DE SOUZA VALE, mencionemos o quanto, os fornecedores de cana, estão tranqüilos e confiantes de que a obra de RONALDO não sofrerá solução de continuidade. Graças à preclara resolução do General Alvaro Tavares Carmo, que sempre com sua acuidade soube escolher o homem certo, temos hoje PAULO TAVARES continuando a ação de RONALDO como Diretor do DAP e Presidente do Conselho Deliberativo do PLANALSUCAR, em favor da produtividade da lavoura canavieira.

RONALDO, como testemunho e prova da grande admiração dos fornecedores de cana, na presença da sua querida Lúcia Marina, nada mais justo do que relembrar o reconhecimento a sua pessoa, feito pelo PLANALSUCAR e aludido na Revista Brasil Açucareiro, transcrita dos Lusíadas — "MAIS RAZÃO HÁ QUE QUEIRA ETERNA GLÓRIA QUEM FAZ OBRAS TÃO DIGNAS DE MEMÓRIA".

Completando esta homenagem póstuma, através de Dª LÚCIA MARINA, o BANCOPLAN faz a entrega, neste instante, da Medalha de Mérito Canavieiro àquele que foi o maior incentivador da produtividade da agroindústria canavieira.

bibliografia

PRODUTIVIDADE

O AÇÚCAR do Brasil atenua a crise de escassez. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 79 (4): 60-5, abr., 1972.

ARAUJO, Paulo Fernando C. de — Produtividade marginal de recursos na lavoura canavieira em propriedades agrícolas de diferentes tamanhos. Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1966.

BANCO de Desenvolvimento de Minas Gerais. Departamento de Desenvolvimento Industrial — *Programa de recuperação de indústria açucareira em Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1973.

BANCO do Nordeste do Brasil, S/A. Divisão de Agricultura — *Aspectos da agroindústria canavieira do nordeste.* Fortaleza, 1970.

BERNARDIM, M. P. — *Le sucre.* Paris, Centre d'Etudes du Sucre, 1969.

BOLIVIA. Comision Nacional de Estudio de la Caña y del Azucar. — *La indústria azucarera boliviana* 1969-1970. La Paz, 1970.

BRASIL. Instituto do Açúcar e do Álcool — *Produtividade, rentabilidade e solvência da indústria açucareira.* Rio de Janeiro, 1963.

——— — *Contingentamento da produção.* Rio de Janeiro, 1967.

——— — *Produção de açúcar; tipos de usina.* Rio de Janeiro, 1967.

BRAZIL'S 1968-69 crop outlook. *The Australian Sugar Journal,* Brisbane. 60 (4): 203, Jul. 1968.

CANA-de-açúcar; o Brasil na liderança da produção. *Planejamento P&D Desenvolvimento.* Rio de Janero. 2 (18): 18-31, Nov. 1974.

CARNEIRO, Wilson — Alternativas de produtividades da indústria açucareira. *Brasil açucareiro.* Rio de Janeiro, 54 (3): 187-97, Set., 1959.

——— — Cotas de produção. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 77 (6): 17-20, jun. 1971.

——— — Estrutura econômica da indústria açucareira em Pernambuco. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 60 (3-4): 15-23, set./out., 1962.

——— — Inversões do I.A.A. e a produtividade da indústria açucareira. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 50 (5): 344-54, maio, 1957.

——— — Nordeste e a expansão açucareira. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 66 (3): 45-9, dez. 1965.

CASTRO, Aníbal — Si dominicanos redujeran consumo azúcar país ahorraria cerca de 15 millones de dolares. *Azucar y Diversificacion,* Santo Domingo. 3 (25): 14-15, Nov., 1974.

COMISION Nacional de la Industria Azucarera — El azucar en numeros. Mexico, 1974.

CONSUMO nacional de azucar por clases, destino y tipo de operaciones al 31 de octubro. *Boletin azucarero mexicano,* Mexico. (263): 30-4, Nov., 1971.

COUTINHO, Nelson — Contigentamento da produção açucareira. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 57(5):14, maio, 1961.

CUBA rations domestic sugar in effort to maintain exports. *The South African Sugar Journal,* Durban. 56(3):125, Mar., 1972.

DANTAS, Bento — *A agroindústria canavieira de Pernambuco: as raizes histó-*

ricas dos seus problemas, sua situação atual e suas perspectivas. Recife, GERAN, 1971.

———— — *A recuperação da lavoura canaviiera de Pernambuco com base no aumento da produtividade e na intensificação da policultura.* Recife, Estação Experimental dos Produtores de Açúcar de Pernambuco, 1965.

7-DAY sugar production week studied in Hawaii. *Sugar Journal,* New Orleans. 34:26, Feb. 1972.

DENT, C. E. — Productivity improvement as applied to a cane haulage fleet. *The South African Sugar Journal,* Durban. 58(1):29-33, Jan., 1974.

DIAZ BARREIRO, Francisco — Productividad de las variedades de cana. *Revista de Agricultura,* La Habana. 1(2):34-44, May/Ago., 1967.

ENGLER, Joaquim J. de Camargo — *Produtividade de recursos e rendimento ótimo da lavoura canavieira, referente a proprietários, arrendatários e parceiros em Piracicaba.* Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1965.

EXCELENTES perspectivas argentinas em 1974. *La Industria azucarera, Buenos* Aires. 80(939):43, Mar./Abr., 1974.

FAO. Roma — *Proyecciones para productos agricolas,* 1970-1980, 1971.

FIGURES of area under sugarcane, the yield of gur (or jaggery) and the calculated production of sugarcane in India from 1932-33 to 1969-70. *Sugar News,* Bombay. 3(4):38, Aug., 1971.

FORECAST in 1970-71; increase in world sugar production. *Sugar Journal,* New Orleans. 33(9):20-3, Feb., 1971.

FREAH, Neil — Spotlight on Brazil and sugar industry. *The South African Sugar Journal,* Durban. 57(12):613-19, Dec., 1973.

GONZALEZ GALLARDO, Alfonso — The provement of sugar production in Mexico. *Sugar Journal,* New Orleans. 33(4): 9-14, Sep., 1970.

HEMSY, Victor — *La productividad en la industria azucarera argentina.* Tucuman, Facultad de Agronomia y Zootecnia, 1968.

INFORMATIONS sur le marche du sucre. Paris, 1971.

JHAMB, P. D. — Sugar production & supply. *Sugar News,* Bombay. 4.(2):4-7, Jun., 1972.

MIOCQUE, Jacques — Aumento de produtividade das usinas de açúcar. *Boletim Informativo Copereste,* Ribeirão Preto. 7(4): abr., 1968.

MONT'ALEGRE, Omer — A economia açucareira mundial nos anos 60. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 78(1):59-89, Jul., 1971.

———— — O grupo dos vint-e-dois. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 86(2):30-7, ago., 1975.

MORAES FILHO, J. de Mello — *Custo e rentabilidade para os fornecedores de cana de açúcar no municipio de Piracicaba na safra 1963/64.* Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1965.

OFERTA y demanda en el futuro del azucar. *Azucar Peruana,* Lima. 1(1):14-15, 1972.

PERCENTAGE of qualitywise production of sugar. *Sugar News,* Bombay 3(5):30, Sep., 1971.

PRODUÇÃO e recorde no açúcar. *Comércio & Mercados,* Rio de Janeiro. 8(88): 17-18, Dez., 1974.

REPORT of the council for the 1970-71 season. *The South African Sugar Journal,* Durban. 55(8):393-415, Aug., 1971.

RESUMEN azucarero mensual. *Azucar y Diversificcion* Santo Domingo. 3(26):3-6, Dic., 1974.

SANTISTEBAN, Ricardo — Noti azucareras. *ATAC,* La Habana. 33(2-3):56-60, Mar./Jun., 1974.

SEVERINO, Manuel — Decreto del poder ejecutivo fija produccion de dulces para 1975. *Azucar y Diversificacion,* Santo Domingo. 4(28):25-6, Feb., 1975.

SILVA, Gilberto da Motta e — *A produtividade na indústria açucareira de Per-*

nambuco. Recife, I.A.A. Inspetoria Técnica Regional de Pernambuco. 1970.

STATEMENT showing figures of production, despatches and stocks of sugar. *Indian Sugar,* Calcutta. 20(12):869-80, Mar., 1971.

STATEWISE area under sugarcane, sugarcane production, cane crushed sugar recovery etc. (1964-70). *Sugar News,* Bombay. 3(7):30, Nov., 1971.

SUGAR producing possibilities in Europe in the 1972/73; campoign. *F. O. Licht's International Sugar Report,* Ratzeburg. 104(6):9-10, Apr., 1972.

VITON, Albert — África — novos horizontes para o açúcar. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 69(5):27-32, maio, 1967.

——— — La produción en 1970; pronósticos y realidades. *La Industria azucarera,* Buenos Aires. 74(894):125-27, Mayo, 1968.

WELTZUCKERERZEUGUNG 1970/71 voraussichtlich 72,5 mio t. *Zeitschriff für die Zuckerindustrie.* Berlin. 69(11):571-3, Nov., 1971.

WORLD production net exports and per capita consumption of centrifugal sugar from 1965 to 1969. *Sugar News,* Bombay. 3(5):30, Sep., 1971.

ZAGATTO, Alcides Guidetti — *Estimativas de produtividade de recursos na lavoura canavieira em Piracicaba.* Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1965.

——— — *Produtividade marginal e uso de recursos na lavoura canavieira no município do Rio das Pedras.* Piracicaba, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1965.

ZINK, Frederico — Cana: alcança maior nível de produtividade. *Revista da CATI,* Campinas. 1(2): Jan./Mar., 1974.

DIVERSOS

BRASIL: — *APEC,* ns. 375/79; *A Biblioteca Informa,* IPASE, vol. 11, n.º 2; BNDE, *Notícias,* n.º 28; *Indústria e Produtividade,* 87/9; *Informação Semanal Cacex,* n.º 415; *Índice, o* Banco de Dados, n.º 177; *Indústria e Desenvolvimento,* vol. 8, ns. 9/10; *Perspectiva Universitária,* ns. 45/8; *Revista Paranaense de Desenvolvimento,* ns. 47/8 *Revista de Química Industrial,* ns. 519/20; *Rodovia,* n.º 316; *Revista da Faculdade Salesiana,* n.º 23; *Revista do Gás,* n.º 30; *Revista do IRB,* n.º 206; *SUDENE Informa,* n.º de setembro/outubro 1974 e janeiro/junho 1975.

ESTRANGEIRO: — *AMEROP Notícias,* ns. 21/23; *Boletín del Instituto de Derecho Comparado,* n.º 20; *Corresponsal Internacional Agrícola,* vol. 16, n.º 2; *Deutsehe Zückerrüben Zeitung,* n.º 5; *Dupont Magazine,* vol. 69, n.º 4; *Gazetilha Agrícola dos Países Baixos,* nº 2/75; *Infoletter,* n.º 23; *Informations sur le Marché du Sucre,* ns. 48/50; *The International Sugar Journal,* ns. 919/21; *la Industria Azucarera,* ns. 945/6; *Lamborn Sugar Market Report,* ns. 31/43; *Listy Cukrovarnické,* ns. 4/7; *Revista de la Camara de Comercio Argentino-Brasileña,* ns. 715/717; *Sugar Reports,* ns. 277/78; *Sugar Journal,* vol. 38, ns. 1/4; *Sugar,* ns. 8/10; *Sukkerposten,* n.º 19; *The South African Sugar Journal,* vol. 59, ns. 5/7; *Sugar Market News,* vol. 1, ns. 1/2; *Taiwan Sugar,* vol. 22, n.º 3.

DESTAQUE

Publicações recebidas
Documentação
Biblioteca

LIVROS E FOLHETOS

AQUINO, Maria de Lourdes Nascimento de. et alii. *Nova tecnologia de multiplicação do fungo Metarrhizium anisopliae.* Recife, Comissão Executiva de Defesa Fitossanitária da Lavoura Canavieira de Pernambuco, 1975. 31 p. il. (Boletim Técnico da CODECAP, n. 4) Estudo de uma nova tecnologia de multiplicação do fungo *Metarrhizium anisopliaes,* evidenciando a possibilidade prática de produção e aplicação, em larga escala, desse organismo.

Partindo do cultivo de arroz, com colônias de 20 dias de idade, foi processada a desumidificação do mesmo, expondo-o a 25ºC com 35% de umidade relativa e submetido a um processo de trituração, obtendo-se o material sob forma de pó com coloração verde muscardino — METAQUINO.

Esse produto, conservado e armazenado em temperatura de 7ºC, apresentando nível de germinação e patogenicidade notadamente satisfatórios, ficando comprovadas a viabilidade e a virulência do *Metarrhizium* produzido sob forma de pó. Resultados obtidos e conclusões.

FLORES CACÉRES, silverio et alii. *Metodologia experimental en caña de azucar.* Mexico, Comision Nacional de la Industria Azucarera, Instituto para el Mejoramiento de la Producción de Azucar, 1972. 46 p. il. (Série Divulgación Técnica, 1).

Estudio experimental de la caña de azucar. Area del estudio, programa de investigación, selección de los sitios experimentales, trabajo de gabinete, trabajo de campo. Experimentos con fertilizantes, experimentos de adaptabilidad de variedades, experimento de control de malezas. Combate de plagas; estudio sobre el ciclo biológico de una especie, sus hábitos y parásitos naturales, experimentos con nuevos compuestos para el control químico e pruebas sobre control biológico de insectos.

PASCUAL PACHECO, Carlos. *Conservación de la humedad del agua de riego y de la lluvia en caña de azucar.* Mexico, Comision Nacional de la Industria Azucarera, Instituto para el Mejoramiento de la Producción de Azúcar, 1973. 15 p. il (CNIA. Série Divulgación Tecnica IMPA, n. 3).

Normas para el programa Charl del PLAN IPCC., con objetivo establecer las normas para la aplicación de los principios básicos que permitan hacer un uso eficiente de la humedad, proveniente de los lluvias y del agua de riego, en el cultivo de la caña de azúcar. Metodos de aforo para el control del agua de riego, siembras nuevas y de renovación en condiciones de riego, socas y resocas em condiciones de riego, siembras nuevas y de renovación socas y resocas en condiciones de temporal.

ARTIGOS ESPECIALIZADOS

CANA-DE-AÇÚCAR

BLAQUIER, Luis M. Control de ratas en caña de azúcar. *La industria azucarera,* Buenos Aires, 82 (948): 152-54, Aug./Sept. 1975.

Control de ratas en los canaverales. Tratamiento contra ratas realizado en Hawaii; dados basicos. Nuevo uso de anticoagulantes en Hawaii (Warfarina). Uso en Australia, la Endrin. Programa para controlar las ratas; los puntos principales. Quarenta articulos resumidos sobre el tema.

CHEN, C. T. & CHEN, M. J. Pathological effects of the sugarcane white leaf agent on chlorophyll content and chloroplast ultrastructure. *Taiwan Sugar,* Taipei, 22 (4): 135-37, July/Aug. 1975.
The chlorophyll content and plastid ultrastructure in whnte leaf infected and healthy leaves of sugarcane were compared. Three components of chlorophyll: chloropll a, b, and phoropyll, were found in both leaf tissues, but the total content of chlorophyll in the infected leaves was reduced to about 7.6% of that in the healthy one. In electron microscopic examination, the chloroplastic of the diseased leaves were found to be approximatelly $\frac{1}{4}$ — $\frac{1}{3}$ the size of those in the healthy tissue. The mesophyll cell pasties of infected leaves appeared to posses proplastid structures containing immature grana. The internal membrane of bundle sheath plastids was poorly developed, consisting of a few irregular lamellae. Normal dimorphic chloroplasts were found in the healthy leaves. It is concluded that the sugarcane white leag agent may influence chlorophyll biosynthesis quantitatively, and may consequenctly disturb the development of both types of plastids.

CHENG, Wen-yi. Biological control of sugarcane pests in Taiwan. *Taiwan Sugar,* Taipei, 22 (4): 124-32, July/Aug. 1975.
Abouth 80 species of indigenous parasites and predators are recorded from Taiwan for the sugarcane pests. Table of the native Parasites and Predators of sugarcane Moth Borers in Taiwan. Tables; native parasites and Predators of Wooly Aphids, *Orejma lanigera* Zehntner and Native Parasites and Predators of Sugarcane White Grubs in Taiwan. A total of 25 species of exotic natural enemies was imported into Taiwan for the control of sugarcane pests in the last 60 years. Among them, 18 species were released to the field after importation or after they were propagated in the laboratory. The most important egg parasite of the top bores in Taiwan.

COCHRAN, B. Economics of ransporting sugar cane to mill. *Sugar Journal,* New Orleans, 38 (5): 10-14, Oct. 1975.
The type of harvesting system. The analyse of the system, Identification, a cane transport system, BM General Purpose Simulation system, description of the GPSS.

GIBSON, Warren & WHITNEY, R. W. Hydralics, mechanics and economics of subsurface and drip irrigation of Hawaiian sugar cane. *Sugar Journal,* New Orleans, 38 (2): 27-31, July, 1975.
The Hawaiian sugar industry is rapidly converting furrow-irrigated lands to drip irrigation. Subsurface irrigation is being investigated in fiel trials. Gross water applications are considerably less than for sprinkler irrigation. The dual-chamber tube, with its specific hydraulic caracteristics, is being used to convey and distribute the water to the cane. The single-chamber tube is being tested in the field. Two methods of installation are discussed, the mainlinesubmain system and the mainline-only system. Orifice plugging is the greatest problem and an interdisciplinare research programe, aimed at solving it, is presented.

GREENWOOD, W. A. & HAYES, J. Modifications to cane transport and handling equipment. In: CONFERENCE OF THE QUEESLAND SOCIETY OF SUGAR CANE TECHNOLOGISTS, 42, Mackay, 1975. *Proceedings*... Brisbane O. W. Sturgess, 1975. 344 p. il. p. 133-39.
The decision in 1972 to replace progressively all existing 2.4 — tonne cane bins with larger bins and to install a rotary tippler provided a unique opportunity to conscicerer the use of rotary couplers and to design the tippler to rotate about the buffer-centre.
The expected advantages, in addition to those outlined by Barbat and Horniblow (1973), were that uncoupling to

truks in the mill yard would be eliminated, there by redcing labour, and the ultimate aim of a completely automated carrier would be more readily achievable.

KINGSTON, G. & CHAPMAN, L. S. Water requirements and irrigations scheduling of sugar cane in Queensland. In: CONFERENCE OF THE QUEENSLAND SOCIETY OF SUGAR CANE TECHNOLOGISTS, 42, Mackay, 1975. *Proceedings...* Brisbane, O. W. Sturgess, 1975, 344 p. il. p. 69-76.
Irrigation scheduling experiments for sugar cane in Queensland have been based upon measurements of soil moisture tension, "class A" pan evaporation and strategic irrigation with limited water.

It was found that an irrigation at soil moisture tension of 4.0 bars tension at 0.23m depth was close to the optimum supplementary irrigation schedule for sugar production and water use efficiency at Bundaberg. Higher cane yields, with acceptable water use efficienc, could be obtained by a compromise between irrigation at 1.0 and 4.0 bars tension.

Good cane yield responses were obtained at Mackay to one and two strategic irrigations during dry spring months. This policy allowed stool development prior to commencement of the wet season Supplementary irrigation schedules based on a pan factor of 0.5 were virtually as effective as those based on a factor of 0.9.

PINK, H. S. Land and water management on cane farms. In: CONFERENCE OF THE QUEENSLAND SOCIETY OF SUGAR CANE TECHNOLOGISTS, 42, Mackay, 1975. *Proceedings...* Brisbane, O. W. Sturgess, 1975. 344 p. il. 85-89.
Cane growers in Queensland have always adopted a progressive attitude to the need for change in their production methods, and the question of sound land and water use manegement has exercised the minds of industry leaders for years.

The need for land use changes has, in recent times, been highlighted by the 1963 expansion of the industry, which involved the assignment of an extra 60 000 hectares of land for cane growing.

Problems resulting from this expansion have been examined by the Department of Primary industries in the Pioneer River Catchment and the Isis Districts in Sout-East Queensland. Reports to Government (Ullman and Nolan, 1973 and Isis Land Use Committee, 1971) drew heavily on land classification and land use studies undertaken by officers of the Division of Land Utilization.

The results of the above investigations highlight the need for caution in land development required to meet a new expansion currentl being considered by the cane industry.

SANG, S. L. et alii. Direct determination of trace metals in cane juice, sugar and molasses by atomic absorption spectrophotometer. *The International Sugar Journal,* London, 77 (915): 71-75, mar. 1975.
A rapid and simple atomic absorption spectrospic method has been developed for determining 12 elements (Ca, Mg, K, Na, Fe, Al, Si, Zn, Cu, Mn, Co and Mo) in cane juice, process juices, molasses and sugar without separation. Several operating condition were tried and nine methods os sample preparation were undertaken to compare results. The optimum operating conditions and the most suitable sample preparations have been selected for the determination of these elements. The determination of magnesium, potassium, sodium, iron and zinc can be done by dilution of the sample in O. 1N HCl solution only but, for determination of calcium, 1500 ppm lanthanum should be added to the above diluted sample solution to eliminate phosphate and silicate interference. Copper and manganese can be determined diretly by dilution om the sample in 10% citric acid solution. The sample for determining silicon, aluminium, cobalt and molybdenum should by ashed by a dry method before determination. The results, obtained by the above determination were shown to be satisfactory in accuracy and reproducibility. It is considered that the AAS method applied for juices, sugar or molasses analysis is not only as reliable and ac-

curate as the conventional methods, but is also simples and quicker.

SAYED, Gad El-Kareem. Effecto del método de extracción sobre la calidad del jugo de caña. *Amerop notícias*, Englewood Cliffs, (20): 6-12, Dic. 1975.
Continuación del estudio presentado ante al XV Congreso de la SITCA en Durban. Comparación entre los sistemas de tren de molinos y de difusión. Comparación entre los jugos secundarios del sistema de difusión y del tren de molinos. El parámetro. Effecto de la temperatura de operación y el pH en el difusor sobre la calidad del jugo de bagazo.

TSENG, Hay-Tay. Liberation of Trichogramma australieum for the control of sugarcane borers. *Taiwan Sugar*, Taipei, 22 (4): 133-4, July/Aug. 1975.
Sugar cane borers in Taiwan; method for its control, investigations, the biological control, liberatión of Trichogramma australieum in the past three years.

TU, C. C. Effect of cane burning on syrup properties and sugar quality. *The International Sugar Journal*, 71 (914): 38-40, Feb. 1975.
The properties of syrup an the quality of sugar from burned and unburned cane from five factories were studied. Results showed that syrup simples from burned cane (except for simple from one factory) contained less non-sucrose substance than from unburned cane. The quality of sugar from burned cane was found to be superior to that of sugar from unburned cane in four out if five cases.

WAN-TIAW, Su. The reclamation and improvefent of salt-affected soils on TSC'S sugarcane plantation at Chiku and Kanshi. *Taiwan Sugar*, Taipei, 22 (3): 83-94, May/June 1975.
The soils in Taiwan. General features of the Chiku Plantation and the Kanhsi Plantation; geology and topography, climate, soil and salinity, irrigation water, drainage systems and ground water table and crops and rotation. The improvement works since 1967; development of additional fresh water, reconstruction of the drainage systems, agricultural treatments. Th edesign and installation of the closed tube drain systems; formulah for the calculation of the drain spacings, measuring hydraulic conductivity and drainable porosity of soil, inspecting the impermeable layer, materials for drain tube and filter, the junction box and pumping plant, installation of the subsurface drainage system and conclusion.

AÇÚCAR

FELSTEAM, J. F. Sugar refining in Portugal. *Tate ,& Lyle Times International* London, (9): 16-8, Jan. 1971.
Sugar refining inaustry in Portugal; domestic market, refining in the past, the small refiner, large refiners, the process, Comision appoited. The present position. R.A.R. and Angola.

HIBBERT, D. et alii. Crystal regularity and its influence on white sugar quality. *The International Sugar Journal*, London, 71 (914): 35-7, Feb. 1975.
La segunda parte de esto articulo contiene dos apéndices. El primero contiene detalles de la técnica para medir el Indice de regularidad d Cristals (CRI), y el otro descibre los procedimientos usado para determinar color, túrbidez, ceniza y contenido de agua. El método de determinación del CRI emplea separación por tamices en seis fracciones y, despues fotomicrografia y aprecio della calida de 100 cristales. Valores tabulados de peso y CRI.

KING, J. H. Possibilities for automatics raw sugar pol control. In: CONFERENCE OF THE QUEENSLAND SOCIETY OF SUGAR CANE TECHNOLOGISTS, 14, Mackai, 1975. *Proceedings*... Brisbane, O. W. Sturgess, 1975. 344 p. il. p. 271-81.
Miller & Taylor (1974) described a simple method used to monitor the pol of raw sugar after the centrifugals and so obtain better pol control. This paper describes the experiences with the reflectance meter, installed at Mulgrave mill during the meter into a control loop for the automatic control of raw sugar pol with the addition of molasses after the centrifugals. Experiences with several manual control systems are also described.

KIRBY, L. K. The performance of continuous centrifugals. *The International Sugar Journal,* London, 77 (914): 40-44, Feb. 1975.

The paper reviews a study undertaken by the Bureau Of Sugar Experiment Station into the performance and design of low grade continuous centrifugals. Queensland low grade massecuites are inherently viscous and difficulties are often encountered during centrifugalling operations.

Structural modifications have now trebled the potential capacity of conventional side feed units, and advantages from both reduced capital outlay and lower molasses purities should follow. The main objective of this work however, has been directed towards the production of an acceptable molasses purity from continuous centrifugals and in this regord it has been found that continuous machines perform best at high loadings and at magma purities not exceding 85.

MERCADO internacional de azúcar. Informativo n. 19. *La industria azucarera,* Buenos Aires, 82 (748): 170-72, ago./sep. 1975.

Cotizaciones del 1 al 15 de Setiembre. Mercado de Londres, entrega en puertos británicos, el precio diário de Londres, las cotizaciones, los refinadores estadonidenses, la espera de ofertas precios más bajos. El mercado de Nueva York, el precio "spot", las cotizaciones de azúcar blanco. Alguns operaciones de crudos y blancos concretadas. Brasil y las perdidas de cosecha por heladas, inundaciónes y otras causas. Las ventas del Brasil a firmas operadoras en Nueva York. Los operadores internacionales y la decisión adoptada por el IAA. Egito, Colombia, Kuwait, Suecia, Sri Lanka, Yusgolavia, Taiwan y Libia/Polonia, las compras y ventas. Cálculos de producción en Grã-Bretaña, Argentina y producción mundial. El mercado de azúcar blanco del Japon, reunión y convenio. Perspectivas y posibilidad de reabertura del mercado de Paris.

MERCADO internacional y norteamericano. *Amerop noticias,* Englewood Cliffs, (26): 1-6, Dic. 1975.

La campaña 1974/75; producción, ventas, países importadores, las negociaciones, el azúcar importado y entrega del azúcar, según informe del Departamiento de Agricultura de los EE.UU. Operaciones comerciales, cotizaciones de los mercados mundiales de melaza. Zafra azucarera mundial 1975/76.

SELECTION of equipment for the sugar processing industry. *The International Sugar Journal,* London, 77 (915): 69-71, mar, 1975.

Lista de los puntos mayores que se han tratado en una discusión especial sobre problemas de la industria azucarera, organizado por la Organización de Desarrollo industrial de las Naciones Unidas, celebrado en Viena el 25 a 28 de noviembro de 1974. El foco de la reunión fué la selección de equipamento y procesos apropriados al tratamiento de remolacha y de caña mientras que problemas asociadas se han discutido también, por exemplo, control del proceso y calidad del producto.

MISCELÂNEAS

CIZ, Karel et alii. Treatment of water for diffusion. *Listy cukroarnické,* Praha, 91 (9): 202-07, Sep. 1975.

For pH reatment of pure water for the diffusion phosphoric acid has been recommended. By means of the treatment the purity coefficient of diffusion juice has been increased by 1 to 2 units and colloidal matter has been dereased by one quartel. Also the equipment has not corroded, pulp (fodder) has been enriched with phosphorus.

MIKI, T. et alii. Composition of polysaccharides in carbonated beverage floc. *The International Sugar Journal,* Londond, 77 (915): 67-68, mar. 1975.

Se describen investigaciones que tuvieron como su objeto la identificación de los polisácaridos en azúcar crudo australiano que estan responsable de la formación de gruma en bebidas gaseosas. Resultas han indicado la presencia de glocuse, galactose, manosa, arabinosa, xilosa y ramnosa en el polisácarido, que se ha indicado como un im-

portante factor en la formación de grumo.

NIX, K. J. The selection of the Babinda boiler. In: CONFERENCE OF THE QUEENSLAND SOCIETY OF SUGAR CANE TECHNOLOGISTS, 42, 1975. *Proceedings*... O. W. Sturgess, 1975, 344 p. il p. 293-300.
The bases for the selection of the largest bagasse-fired boiler in the world. Able to opeare at variable generation pressures and efficiency, are discussed. The installation of a single large boiler, sized for a particular crushing rate and process plant configuration, which can be extended for use at much higher crushing rates by a change in process tequipment layout ,is shown to be viable project. Savings of capital normally invested in a boiler can be put to immediate use in process plant by this means. Stem balances are presented showing how the implementation of the planned expansion of crushing capacity at Babinda mill could be carried out.

SKATA, L. & FRIMI, Miroslav. The saccharinic acids. *Listy cucrovarnické,* Praha, 91 (8): 175-833, Aug. 1975.
It is to be expected that by the action of lime during sugar manufacture saccharinic acids are formed.
The teoretical part of the presented paper deals with the mechanism of formation of saccharinic acids, their properties and methods of their analtical determination. The experimental part includes preparative methods and the results of TLC and column chromatography.

YAO, Kua-wei. How Chiali Sugar Factory helps farmers improve saline land. *Taiwan Sugar,* Taipei, 22 (3): 100-03, May/June 1975.
The saline land in Taiwan Periodical progress. Report of the saline land improvement and results. The projected program for the 1975/76. Looking for the future.

WEBRE JR., Alfred L. A new system of liming. *Sugar Journal,* New Orleans, 38 (2): 233-4, July 1975.
The system of liming. The reactions of lime with the components of raw juice. The diameter of the liming tank and the position of the baffle and results.

WRIGHT, P. G. Simplified multi-effect evaporator calculations. In: CONFERENCE OF THE QUEENSLAND SOCIETY OF SUGAR TECHNOLOGISTS, 42, 1975. *Proceelings*... Brisbane, O. W. Sturgess, 1975. 344, p. il. p. 185-93.
Simplified expressions which enable desk calculation of the performance of the juice heaters and evaporators are presented. The estimations include that of the vapour temperature from the various effect stages.

ATO Nº 1/76 — DE 12 DE JANEIRO DE 1976

Reajusta os preços de comercialização do álcool de todos os tipos e do mel residual, tendo em vista a redução no Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM).

O Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei e considerando o que dispõe a Resolução nº 58, de 3 de dezembro de 1973, do Senado Federal, que reduziu as alíquotas do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) para o exercício de 1976,

RESOLVE:

Art. 1º — Os preços à vista de comercialização do álcool de todos os tipos e do mel residual, na condição PVU (posto veículo na usina) ou PVD (posto veículo na destilaria autônoma), estabelecidos nos anexos ns. II e III do Ato nº 47/75, de 17 de dezembro de 1975, ficam modificados consoante os novos valores indicados nos anexos ns. I e II deste Ato.

Art. 2º — O presente Ato vigora nesta data e será publicado no "Diário Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, aos doze dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Gen. ALVARO TAVARES CARMO
Presidente

PREÇOS DO ÁLCOOL PARA VENDAS À VISTA

UNIDADE: LITRO

Tipos	Graus INPM	Preço de paridade	Contribuição ao IAA	ICM	Subtotal	IPI - 8%	Preço total de venda
REGIÃO CENTRO-SUL (Dentro do Estado - ICM de 14%)							
Anidro	99,3	2,26.60	0,03	0,37.38	2,66.98	0,21.12	2,88.10
Hidratado Industrial	93,8	1,92.65	0,03	0,31.85	2,27.50	0,17.96	2,45.46
Refinado	94,2	2,57.96	0,03	0,42.48	3,03.44	0,24.04	3,27.48
REGIÃO NORTE-NORDESTE (Dentro do Estado - ICM de 15%)							
Anidro	99,3	2,26.60	0,03	0,40.52	2,70.12	0,21.37	2,91.49
Hidratado Industrial	93,8	1,92.65	0,03	0,34.53	2,30.18	0,18.17	2,48.35
Refinado	94,2	2,57.96	0,03	0,46.05	3,07.01	0,24.32	3,31.33
PARA FORA DO ESTADO (ICM de 11%)							
Anidro	99,3	2,26.60	0,03	0,28.38	2,57.98	0,20.40	2,78.38
Hidratado Industrial	93,8	1,92.65	0,03	0,24.18	2,19.83	0,17.35	2,37.18
Refinado	94,2	2,57.96	0,03	0,32.25	2,93.21	0,23.22	3,16.43

Observação: Os preços acima entendem-se para comercialização na condição posto veículo na usina ou na destilaria autônoma (PVU ou PVD).

ESPECIFICAÇÕES E PREÇOS DO MEL RESIDUAL PARA VENDAS À VISTA

Kg/ART por tonelada de mel residual	Álcool obtido por tonelada de mel residual	Preço-básico por tonelada Cr$	Preço inclusive ICM de 14% Cr$	Preço inclusive ICM de 15% Cr$
500	269	354,35	412,03	416,88
510	274	361,44	420,28	425,22
520	279	368,52	428,51	433,55
530	285	375,61	436,76	441,89
540	290	382,70	445,00	450,24
550	296	389,79	453,24	458,58
560	301	396,87	461,48	466,91
570	306	403,96	469,72	475,25
580	312	411,05	477,97	483,59
590	317	418,13	486,20	491,92
600	322	425,22	494,44	500,26
610	328	432,31	502,69	508,60
620	333	439,39	510,92	516,93
630	339	446,48	519,16	525,27
640	344	453,57	527,41	533,61
650	349	460,66	535,65	541,95
660	355	467,74	543,88	550,28
670	360	474,83	552,13	558,62
680	365	481,92	560,37	566,96
690	371	489,00	568,60	575,29
700	376	496,09	576,85	583,64

ATO Nº 2/76 — DE 12 DE JANEIRO DE 1976

Reajusta os preços da cana e do açúcar, em face do disposto na Lei Complementar nº 17, de 12 de dezembro de 1973, e na Resolução nº 58, de 3 de dezembro de 1973, do Senado Federal.

O Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei e considerando que, para o exercício de 1976, na forma da Lei Complementar nº 17, de 12 de dezembro de 1973, foi modificado o adicional do Fundo de Participação do Programa de Integração Social (PIS), e, segundo o disposto na Resolução nº 58, de 3 de dezembro de 1973, do Senado Federal, foram reduzidas as alíquotas do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM),

RESOLVE:

Art. 1º — Os preços oficiais de liquidação do açúcar cristal "standard", por saco de 60 (sessenta) quilos, na condição PVU (posto veículo na usina). são fixados em Cr$ 75,90 (setenta e cinco cruzeiros e noventa centavos) na Região Centro-Sul e Cr$ 83,93 (oitenta e três cruzeiros e noventa e três centavos) na Região Norte-Nordeste.

Art. 2º — Os preços oficiais de faturamento do açúcar cristal "standard", por saco de 60 (sessenta) quilos, na condição PVU (posto veículo na usina), são fixados em Cr$ 94,58 (noventa e quatro cruzeiros e cinqüenta e oito centavos) na Região Centro-Sul e Cr$ 95,69 (noventa e cinco cruzeiros e sessenta e nove centavos) na Região Norte-Nordeste, já incluídos em ambos os preços a contribuição para o IAA de Cr$ 5,44 (cinco cruzeiros e quarenta e quatro centavos) por saco e o valor do Imposto da Circulação de Mercadorias (ICM) calculado na base de 14% (catorze por cento) para a Região Centro-Sul e 15% (quinze por cento) para a Região Norte-Nordeste.

Art. 3º — Os preços oficiais de faturamento indicados no artigo anterior somente se aplicam à circulação da mercadoria dentro do Estado produtor, na forma da legislação em vigor.

Art. 4º — Quando o açúcar vendido destinar-se a outro Estado, o preço oficial de faturamento será de Cr$ 91,39 (noventa e um cruzeiros e trinta e nove centavos) nas duas regiões produtoras, já incluídos nesse preço a contribuição para o IAA de Cr$ 5,44 (cinco cruzeiros e quarenta e quatro centavos) por saco e o valor do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM), calculado na base de 11% (onze por cento) para ambas as regiões.

Art. 5º — Os tipos de açúcar de qualidade superior, destinados ao mercado interno, com as especificações indicadas no Capítulo III da Resolução nº 2 092, de 30 de maio de 1975, terão os seguintes ágios:

Tipos	Centro-Sul	Norte-Nordeste
1. Cristal triturado ou moído ..	Cr$ 4,55	Cr$ 5,04
2. Cristal superior	Cr$ 7,59	Cr$ 8,39

Art. 6º — Os preços-base de aquisição pelo IAA, do açúcar demerara destinado à exportação, com as especificações exigidas no Capítulo III da Resolução nº 2 092, de 30 de maio de 1975, são fixados em Cr$ 72,86 (setenta e dois cruzeiros e oitenta e seis centavos) na Região Centro-Sul e Cr$ 80,57 (oitenta cruzeiros e cinqüenta e sete centavos) na Região Norte-Nordeste, admitido para cálculo o deságio econômico de 4% (quatro por cento) em ambos os preços.

Art. 7º — O preço-base de aquisição pelo IAA, do açúcar demerara a granel, produzido pelas usinas do Estado de Pernambuco e destinado à exportação pelo Terminal Açucareiro do Recife, é fixado em Cr$ 1 266,34 (mil, duzentos e sessenta e seis cruzeiros e trinta e quatro centavos) por tonelada métrica, na condição PVU (posto veículo na usina).

Art. 8º — Na conformidade do convênio celebrado com o Governo do Estado de Pernambuco, o IAA terá a seu cargo o recolhimento do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) incidente sobre as canas utilizadas na fabricação do açúcar demerara pelas usinas daquele Estado, deduzindo, conseqüentemente, dos preços de Cr 80,57 (oitenta cruzeiros e cinqüenta e sete centavos) ou Cr$ 1 266,34 (mil, duzentos e sessenta e seis cruzeiros e trinta e quatro centavos) fixados nos artigos 6º e 7º deste Ato, o valor de Cr$ 12,05 (doze cruzeiros e cinco centavos) por tonelada de cana, Cr$ 7,71 (sete cruzeiros e setenta e um centavos) por saco ou Cr$ 129,10 (cento e vinte e nove cruzeiros e dez centavos) por tonelada de açúcar, correspondente à provisão tributária da cana dentro dos preços fixados para a Região Norte-Nordeste.

Art. 9º — No Estado de São Paulo, o preço-base de aquisição pelo IAA, do açúcar destinado à exportação, já incluído o valor do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) incidente sobre as canas utilizadas na fabricação do açúcar e calculado com aplicação do percentual de 10% (dez por cento) estabelecido no parágrafo 4º do art. 28-I acrescentado ao Regulamento do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) pelo art. 1º do Decreto nº 3 608, de 26 de abril de 1974, será o seguinte:

Preço-base de aquisição	Valor do ICM	Preço-base total
Cr$ 72,86	Cr$ 7,29	Cr$ 80,15

Art. 10 — Os preços-base da tonelada posta na esteira e fornecida às usinas do País são fixados em Cr$ 71,34 (setenta e um cruzeiros e trinta e quatro centavos) na Região Centro-Sul e Cr$ 80,35 (oitenta cruzeiros e trinta e cinco centavos) na Região Norte-Nordeste, já incluído, neste último preço, o Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) que, na Região Centro-Sul, não incide sobre as canas utilizadas na fabricação do açúcar destinado ao mercado interno, na forma da regulamentação tributária vigente.

Art. 11 — O presente Ato vigora nesta data e será publicado no "Diário Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, aos doze dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Gen. ALVARO TAVARES CARMO
Presidente

REAJUSTAMENTO DOS PREÇOS DA TONELADA DE CANA
(Lei Complementar nº 17, de 12/12/73 - Resolução do Senado Federal nº 58, de 3/12/73)

REGIÃO CENTRO-SUL	Sem ICM Cr$
Preço da tonelada de cana no campo	62,01
Transporte	8,79
Subtotal	70,80
Plano de Integração Social (PIS) - 0,75%	0,54
PREÇO DA TONELADA DE CANA NA ESTEIRA	71,34

REGIÃO NORTE-NORDESTE	ICM - 15% Cr$	ICM - 11% Cr$
Preço da tonelada de cana no campo	59,00	59,00
Transporte	8,79	8,79
Subtotal	67,79	67,79
Plano de Integração Social (PIS) - 0,75%	0,51	0,51
Subtotal	68,30	68,30
ICM	12,05	8,44
PREÇO DA TONELADA DE CANA NA ESTEIRA	80,35	76,74

REAJUSTAMENTO DOS PREÇOS DE FATURAMENTO DO AÇÚCAR CRISTAL
(Lei Complementar nº 17, de 12/12/73 - Resolução do Senado Federal nº 58, de 3/12/73)

REGIÃO CENTRO-SUL (Rendimento Industrial básico = 94 kg/t)		ICM - 14% Cr$	ICM - 11% Cr$
Custo da matéria-prima na esteira		45,19	45,19
Custo Industrial		29,66	29,66
Subtotal		74,85	74,85
Plano de Integração Social (PIS) - 0,75%:			
Sobre a matéria-prima	0,34		
Sobre o preço de faturamento	0,71	1,05	1,05
PREÇO OFICIAL DE LIQUIDAÇÃO		75,90	75,90
ICM sobre o preço de faturamento		13,24	10,05
Contribuição para o IAA		5,44	5,44
PREÇO DE FATURAMENTO NA CONDIÇÃO PVU		94,58	91,39

REGIÃO NORTE-NORDESTE (Rendimento Industrial básico = 90 kg/t)		ICM - 15% Cr$	ICM - 11% Cr$
Custo da matéria-prima na esteira		45,19	45,19
Custo Industrial		29,66	29,66
Subtotal		74,85	74,85
Plano de Integração Social (PIS) - 0,75%:			
Sobre a matéria-prima	0,34		
Sobre o preço de faturamento	0,71	1,05	1,05
ICM sobre a matéria-prima		8,03	8,03
PREÇO OFICIAL DE LIQUIDAÇÃO		83,93	83,93
ICM sobre o preço de faturamento		14,35	10,05
Contribuição para o IAA		5,44	5,44
Subtotal		103,72	99,42
Dedução do ICM sobre a matéria-prima		- 8,03	- 8,03
PREÇO DE FATURAMENTO NA CONDIÇÃO PVU		95,69	91,39

AÇÚCAR DEMERARA - PREÇOS-BASE DE AQUISIÇÃO PELO IAA (Deságio de 4%)

Região Centro-Sul	Cr$ 72,86
Região Norte-Nordeste	Cr$ 80,57

REAJUSTAMENTO DOS PREÇOS DO AÇÚCAR DEMERARA - REGIÃO NORTE-NORDESTE
(Lei Complementar nº 17, de 12/12/73 - Resolução do Senado Federal nº 58, de 3/12/73)

Discriminação	Ensacado	A granel
	Por 60 quilos Cr$	Por tonelada métrica Cr$
Valor da matéria-prima	43,71	731,55
ICM - 15%	7,71	129,10
Subtotal	51,42	860,65
Custo Industrial (inclusive PIS - 0,75%) ..	29,15	405,69
PREÇO-BASE DE AQUISIÇÃO PELO IAA	80,57	1 266,34

ATO Nº 3/76 — DE 12 DE JANEIRO DE 1976

Modifica para as usinas fluminenses, no período final da safra de 1975/76, as cotas básicas de comercialização mensal de açúcar cristal.

O Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei e tendo em vista ser necessário remanejar os volumes individuais das cotas básicas de comercialização, em função da produção efetiva de cada usina,

RESOLVE:

Art. 1º — Para o período final da safra de 1975/76, compreendendo os meses de janeiro a maio de 1976, ficam atribuídas às cooperativas centralizadoras de vendas e às usinas fluminenses não cooperadas, as cotas básicas de comercialização mensal de açúcar cristal indicadas nos anexos I e II deste Ato, cujos volumes se dividem em cotas de comercialização no mercado livre e cotas compulsórias de suprimento às refinarias autônomas do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 2º — São aplicáveis às cotas de comercialização e às cotas compulsórias de suprimento a refinarias autônomas, modificadas por este Ato, as normas estabelecidas na Resolução nº 2 092, de 30 de maio de 1975.

Art. 3º — O presente Ato vigora nesta data e será publicado no "Diário Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, aos doze dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Gen. ALVARO TAVARES CARMO
Presidente

COMERCIALIZAÇÃO DE AÇÚCAR CRISTAL - ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SAFRA DE 1975/76 - PERÍODO: JANEIRO/MAIO-76

UNIDADE: SACO DE 60 QUILOS

Usinas	Estoque em 31/12/75	COMERCIALIZAÇÃO NO PERÍODO		DISTRIBUIÇÃO DA COTA COMPULSÓRIA	
		Mercado Livre	Cota Compulsória	Cia. Usinas Nacionais	Ref. Piedade Magalhães
COOPERADAS	2 091 955	764 655	1 327 300	960 500	366 800
Filiadas à Cooperativa Fluminense dos Produtores de Açúcar e Álcool Ltda. ...	1 422 059	393 459	1 028 600	960 500	68 100
Filiadas à Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo	669 896	371 196	289 700	-	298 700
NÃO COOPERADAS	687 564	329 164	358 400	-	358 400
Quissamã	* 256 437	159 837	96 600	-	96 600
São José	190 616	33 016	157 600	-	157 600
Sapucaia	240 511	136 311	104 200	-	104 200
TOTAL	2 779 519	1 093 819	1 685 700	960 500	725 200

(*) - Exclusive 15 250 sacos correspondentes ao saldo da cota compulsória de dezembro de 1975, que ficarão bloqueados na usina para entrega à refinaria recebedora.

MIC - Instituto do Açúcar e do Álcool — Ato nº 3/76 - Anexo II

COMERCIALIZAÇÃO DE AÇÚCAR CRISTAL - ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SAFRA DE 1975/76 - PERÍODO: JANEIRO/MAIO-76

UNIDADE: SACO DE 60 QUILOS

Usinas	Comercialização Mensal			Cota Compulsória Mensal	
	Mercado Livre	Cota Compulsória	Total	Cia. Usinas Nacionais	Ref. Piedade Magalhães
COOPERADAS	152 931	265 460	418 391	192 100	73 360
Filiadas à Cooperativa Fluminense dos Produtores de Açúcar e Álcool Ltda. ...	78 692	205 720	284 412	192 100	13 620
Filiadas à Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo	74 239	59 740	133 979	-	59 740
NÃO COOPERADAS	65 832	71 680	137 512	-	71 680
Quissamã	31 967	19 320	51 287	-	19 320
São José	6 603	31 520	38 123	-	31 520
Sapucaia	27 262	20 840	48 102	-	20 840
TOTAL	218 763	337 140	555 903	192 100	145 040

ATO Nº 4/76 — DE 12 DE JANEIRO DE 1976

Modifica para as usinas paulistas, no período final da safra de 1975/76, as cotas básicas de comercialização de açúcar cristal.

O Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei e tendo em vista ser necessário remanejar os volumes individuais das cotas básicas de comercialização, em função da produção efetiva de cada usina,

RESOLVE:

Art. 1º — Para o período final da safra de 1975/76, compreendendo os meses de janeiro a maio de 1976, ficam atribuídas à Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo e às usinas paulistas não cooperadas, as cotas básicas de comercialização mensal de açúcar cristal mencionadas nos anexos I e II deste Ato, cujos volumes se dividem em cotas de comercialização no mercado livre e cotas compulsórias de suprimento às refinarias autônomas dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Art. 2º — São aplicáveis às cotas de comercialização e às cotas compulsórias de suprimento a refinarias autônomas, modificadas por este Ato, as normas estabelecidas na Resolução nº 2 092, de 30 de maio de 1975.

Art. 3º — O presente Ato vigora nesta data e será publicado no "Diário Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, aos doze dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Gen. ALVARO TAVARES CARMO
Presidente

COMERCIALIZAÇÃO DE AÇÚCAR CRISTAL - ESTADO DE SÃO PAULO

SAFRA DE 1975/76 - PERÍODO: JANEIRO/MAIO-76

UNIDADE: SACO DE 60 QUILOS

Usinas	Estoque em 31/12/75	Cota Compulsória	Mercado Livre	COMERCIALIZAÇÃO MENSAL		
				Total	Cota Compulsória	Mercado Livre
COOPERADAS						
Filiadas à Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo..	11 428 067	6 455 975	4 972 092	2 285 613	1 291 195	994 418
NÃO COOPERADAS	3 284 753	1 362 015	1 922 738	656 951	272 403	384 548
Da Barra I e II	1 094 921	429 880	665 041	218 984	85 976	133 008
Ester	233 924	159 550	74 374	46 785	31 910	14 875
Itaiquara	207 322	61 850	145 472	41 464	12 370	29 094
Maluf	59 409	34 300	25 109	11 882	6 860	5 022
Maracaí	85 498	34 800	50 698	17 100	6 960	10 140
Monte Alegre	179 024	133 120	45 904	35 805	26 624	9 181
Nova América	107 493	91 700	15 793	21 499	18 340	3 159
Santa Bárbara	281 564	123 665	157 899	56 313	24 733	31 580
Santa Elisa	626 267	125 000	501 267	125 253	25 000	100 253
Santa Lídia	148 426	58 800	89 626	29 685	11 760	17 925
São Bento	69 781	34 300	35 481	13 956	6 860	7 096
Vale do Rosário	191 124	75 050	116 074	38 225	15 010	23 215
TOTAL	14 712 820	7 817 990	6 894 830	2 942 564	1 563 598	1 378 966

COTAS COMPULSÓRIAS DE SUPRIMENTO A REFINARIAS AUTÔNOMAS - ESTADOS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

USINAS DE SÃO PAULO - SAFRA DE 1975/76 - COTAS MENSAIS DO PERÍODO DE JANEIRO/MAIO-76

UNIDADE: SACO DE 60 QUILOS

Usinas	RIO DE JANEIRO			SÃO PAULO					Total Geral
	Cia. Usinas Nacionais	Ref. Magalhães Piedade	Cota Total	Cia. União Ref.	Cia. Usinas Nacionais	Ref. Americana	Ref. Santa Maria	Cota Total	
COOPERADAS									
Filiadas à Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo	-	219 180	219 180	1 030 450	24 785	16 780	-	1 072 015	1 291 195
NÃO COOPERADAS	114 124	-	114 124	-	108 599	35 770	13 910	158 279	272 403
Da Barra I e II	85 976	-	85 976	-	-	-	-	-	85 976
Ester	-	-	-	-	26 860	-	5 050	31 910	31 910
Itaiquara	-	-	-	-	12 370	-	-	12 370	12 370
Maluf	-	-	-	-	-	-	6 860	6 860	6 860
Maracaí	-	-	-	-	6 960	-	-	6 960	6 960
Monte Alegre	26 624	-	26 624	-	-	-	-	-	26 624
Nova América	-	-	-	-	18 340	-	-	18 340	18 340
Santa Bárbara	1 524	-	1 524	-	21 209	-	2 000	23 209	24 733
Santa Elisa	-	-	-	-	10 000	15 000	-	25 000	25 000
Santa Lídia	-	-	-	-	6 000	5 760	-	11 760	11 760
São Bento	-	-	-	-	6 860	-	-	6 860	6 860
Vale do Rosário	-	-	-	-	-	15 010	-	15 010	15 010
TOTAL	114 124	219 180	333 304	1 030 450	133 384	52 550	13 910	1 230 294	1 563 598

ATO Nº 5/76 — DE 28 DE JANEIRO DE 1976

Dispõe sobre os roteiros para apresentação de propostas ao IAA, destinadas à implantação de destilarias de álcool.

O Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei e tendo em consideração o disposto no art. 4º do Decreto nº 76 593, de 14 de novembro de 1975,

RESOLVE:

Art. 1º — As empresas ou pessoas físicas interessadas na implantação de destilarias ou refinadoras autônomas de álcool, elaborarão suas propostas com base nas condições indicadas no Anexo I.

Art. 2º — Quando se tratar de instalação, ampliação ou modernização de destilarias de álcool anexas a usinas de açúcar, as propostas serão preenchidas com observância dos requisitos estabelecidos no Anexo II.

Art. 3º — As propostas referidas nos artigos anteriores darão entrada na Divisão de Assistência à Produção da Superintendência Regional do Instituto do Açúcar e do Álcool a que estiver jurisdicionada a região do proponente, conforme discriminado no Anexo III, em 8 (oito) vias, com todas as folhas numeradas e rubricadas.

Art. 4º — O presente Ato vigora nesta data e será publicado no "Diário Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, aos vinte e oito dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e seis.

Gen. ALVARO TAVARES CARMO
Presidente

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS PARA INSTALAÇÃO DE DESTILARIAS DE ÁLCOOL AUTÔNOMAS

1. Caracterização do proponente:
   1.1. Pessoa Física
   1.2. Pessoa Jurídica
      1.2.1. Constituição inicial da Sociedade, capital social e sua formação
   1.3. Endereços:
      1.3.1. Residência/Escritório
      1.3.2. Cidade, Sede e Foro
   1.4. "Curriculum Vitae" dos componentes da empresa

2. Caracterização da Viabilidade do Empreendimento:
   2.1. Setor Agronômico:
      2.1.1. Planta ou croqui de situação, indicando:
         2.1.1.1. Vias de acesso rodoviário e ferroviário à cidade mais próxima e à Capital do Estado e suas distâncias
         2.1.1.2. Planta altimétrica, se possível
         2.1.2.3. Cursos d'água e suas respectivas vazões, nas cheias e nas secas
         2.1.1.4. Disponibilidade de energia elétrica de alta tensão e localização do seu traçado
         2.1.1.5. Propriedade onde pretende instalar a destilaria e sua localização
         2.1.1.6. Área agrícola própria e/ou de terceiros, prevista para produção da exploração agrícola pretendida
      2.1.2. Condição atual do uso do solo da área a ser utilizada
      2.1.3. Indicação das culturas na área de influência do projeto, mencionando a produção e a produtividade nos últimos três anos agrícolas de cada uma
      2.1.4. Localização da usina de açúcar mais próxima e das propriedades de seus fornecedores
   2.2. Setor Industrial:
      2.2.1. Capacidade inicial de produção-dia
      2.2.2. Fluxograma tecnológico básico industrial e diagrama de massa
         2.2.2.1. Estocagem de álcool, considerando a saída gradual em 1/12 (um doze avos) da produção anual

2.2.3. Consumo previsto de:

2.2.3.1. Combustível

2.2.3.2. Energia elétrica

2.2.3.3. Água sem retorno

2.2.4. Destino a ser dado sà caldas (fluxograma e dimensionamento)

3. Aspectos econômicos:

3.1. Indicação do centro de consumo mais próximo

3.2. Pré-orçamentos de implantação

3.2.1. Setor Agrícola

3.2.1.1. Fundação da lavoura

3.2.1.2. Equipamentos para técnicas culturais (mecanização)

3.2.1.3. Insumos com fertilizantes, herbicidas e defensivos

3.2.2. Setor Industrial

3.2.2.1. Obras civis

3.2.2.2. Máquinas e Equipamentos (juntar proposta do fornecedor, se houver)

3.2.2.3. Energia elétrica

3.2.2.4. Estocagem

3.3. Cronogramas básicos:

3.3.1. Implantação agrícola

3.3.2. Implantação industrial

3.3.3. Investimentos previstos:

3.3.3.1. Recursos próprios

3.3.3.2. Recursos financiáveis

3.4. Justificativa sumária da viabilidade econômica

3.4.1. Programa de produção

3.4.2. Rentabilidade no período de retorno

3.4.3. Fluxo de caixa operativo e global

3.4.4. Taxa e tempo de retorno dos investimentos

3.5. Indicação do Agente Financiador e do prazo para apresentação da proposta, considerado o máximo de 90 (noventa) dias.

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS PARA INSTALAÇÃO DE DESTILARIAS DE ÁLCOOL ANEXAS A USINAS

1. Caracterização do proponente
   - 1.1. Usina, denominação social e número de inscrição no IAA
   - 1.2. Endereços:
     - 1.2.1. Cidade, Sede e Foro
   - 1.3. Composição Social e Capital:
     - 1.3.1. Sociedade Industrial
     - 1.3.2. Sociedade Agrícola
   - 1.4. "Curriculum Vitae" da Diretoria
2. Caracterização da Viabilidade do Empreendiámento:
   - 2.1. Setor Agronômico:
     - 2.1.1. Planta ou croqui de situação indicando:
       - 2.1.1.1. Vias de acesso rodoviário e ferroviário à cidade mais próxima e à Capital do Estado e suas distâncias
       - 2.1.1.2. Área agrícola própria e/ou arrendada e de seus fornecedores, indicando:
         - 2.1.1.2.1. Área total, em cultivo, em corte, e suas produções de cana nas últimas dez safras
       - 2.1.1.3. Condição atual do uso do solo das áreas novas, caso pretenda expandir a sua área atualmente cultivada e as de seus fornecedores
     - 2.1.2. Indicação sobre a área de cultura:
       - 2.1.2.1. Topografia
       - 2.1.2.2. Classificação do solo
       - 2.1.2.3. Condições climáticas nos últimos dez anos
     - 2.1.3. Localização das usinas de açúcar mais próximas e das propriedades de seus fornecedores, locando suas áreas em planta, podendo ser usados planilhas ou mosaicos de levantamentos aerofotogramétricos
   - 2.2. Setor Indústrial:
     - 2.2.1. Usina sem destilaria anexa:
       - 2.2.1.1. Fluxograma básico de sua fabricação, indicando equipamentos, dimensionamento, capacidade e memória de cálculo para:

2.2.1.1.1. Moagem
2.2.1.1.2. Aquecimento
2.2.1.1.3. Clarificação
2.2.1.1.4. Filtração
2.2.1.1.5. Evaporação
2.2.1.1.6. Cozimento
2.2.1.1.7. Centrifugação
2.2.1.1.8. Geração de vapor
2.2.1.1.9. Energia elétrica
2.2.1.1.10. Água fria sem retorno

2.2.1.2. Capacidade da destilaria pretendida:

2.2.1.2.1. Estocagem

2.2.1.2.1.1. Mel final e/ou xarope

2.2.1.2.1.2. Álcool, considerando a saída gradual em 1/12 (um doze avos) da produção anual

2.2.1.3. Diagrama de massa da usina e da destilaria pretendida, indicando:

2.2.1.3.1. Processo açúcar e álcool

2.2.1.3.2. Águas frias, quentes e residuais

2.2.1.3.3. Vapores de alta e baixa pressão e de sangria

2.2.2. Usina com destilaria anexa, se previstos aumento de sua capacidade, substituição ou modernização tecnológica, instruir a proposta na forma indicada no item 2.2.1. para as suas atuais e futuras instalações

2.2.3. Em ambas as hipóteses, para a capacidade final da destilaria pretendida, projetar a produção do álcool a partir do mel final, ou de combinações que possam ser originadas do processo tecnológico da produção do açúcar, especificando no item 2.2.1.3. o processo escolhido

2.3. Destino a ser dado às caldas, águas amoniacais, quentes e residuais

3. Aspectos econômicos:

3.1. Indicação do centro de consumo de álcool mais próximo

3.2. Pré-orçamentos de implantação:

3.2.1. Setor Agrícola:

3.2.1.1. Ampliação da lavoura

3.2.1.2. Equipamentos para técnicas culturais

32.1.3. Insumos com fertilizantes. herbicidas e defensivos

3.2.2. Setor Industrial:

3.2.2.1. Obras civis

3.2.2.2. Máquinas, Equipamentos e Estocagem

3.2.2.2.1. Transporte

3.2.2.2.2. Montagem

3.3. Cronogramas básicos:

- 3.3.1. Implantação agrícola
- 3.3.2. Implantação industrial
- 3.3.3. Investimentos previstos:
  - 3.3.3.1. Recursos próprios
  - 3.3.3.2 Recursos financiáveis

3.4. Justificativa sumária da viabilidade econômica:

- 3.4.1. Projeção do acréscimo de produção
- 3.4.2. Rentabilidade adicional resultante, no período do financiamento
- 3.4.3. Fluxo de caixa operativo e global
- 3.4.4. Taxa e tempo de retorno dos investimentos

3.5. Indicação do Agente Financiador e prazo para apresentação da proposta, considerado o máximo de 90 (noventa) dias.

Ato nº 5/76 — Anexo III

UNIDADES FEDERATIVAS JURISDICIONADAS ÀS SUPERINTENDÊNCIAS REGIONAIS DO IAA, PARA EFEITO DE ENTREGA DAS PROPOSTAS DE INSTALAÇÃO, AMPLIAÇÃO OU MODERNIZAÇÃO DE DESTILARIAS DE ÁLCOOL

01 — Superintendência Regional do Recife — (PE)

- Território de Rondônia
- Acre
- Amazonas
- Território de Roraima
- Pará
- Território do Amapá
- Maranhão
- Piauí
- Ceará
- Rio Grande do Norte
- Paraíba
- Pernambuco
- Território de Fernando de Noronha

02 — Superintendência Regional de Maceió — (AL)

- Alagoas
- Sergipe
- Bahia

03 — Superintendência Regional de Campos — (RJ)

- Espírito Santo
- Rio de Janeiro

04 — Superintendência Regional de São Paulo — (SP)

- Minas Gerais
- São Paulo
- Paraná
- Santa Catarina
- Rio Grande do Sul
- Mato Grosso
- Goiás
- Distrito Federal

LIVROS À VENDA NO I.A.A.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES

(Rua 1º de Março, nº 6 — 1º andar — GB)

Coleção Canavieira

1 —	PRELÚDIO DA CACHAÇA — Luís da Câmara Cascudo	Cr$	10,00
2 —	AÇÚCAR — Gilberto Freyre	Cr$	20,00
3 —	CACHAÇA — Mário Souto Maior	Cr$	20,00
4 —	AÇÚCAR E ÁLCOOL — Hamilton Fernandes	Cr$	20,00
5 —	SOCIOLOGIA DO AÇÚCAR — Luís da Câmara Cascudo	Cr$	25,00
6 —	A DEFESA DA PRODUÇÃO AÇUCAREIRA — Leonardo Truda	Cr$	25,00
7 —	A CANA-DE-AÇÚCAR NA VIDA BRASILEIRA — José Condé	Cr$	20,00
8 —	BRASIL/AÇÚCAR	Cr$	20,00
9 —	ROLETES DE CANA — Hugo Paulo de Oliveira	Cr$	20,00
10 —	PRAGAS DA CANA-DE-AÇÚCAR (Nordeste do Brasil) — Pietro Guagliumi	Cr$	50,00
11 —	ESTÓRIAS DE ENGENHO — Claribalte Passos	Cr$	25,00
12 —	ÁLCOOL — DESTILARIAS — E. Milan Rasovsky	Cr$	40,00
13 —	TECNOLOGIA DO AÇÚCAR — Cunha Bayma	Cr$	25,00
14 —	AÇÚCAR E CAPITAL — Omer Mont'Alegre	Cr$	25,00
15 —	TECNOLOGIA DO AÇÚCAR (II) — Cunha Bayma	Cr$	30,00
16 —	A PRESENÇA DO AÇÚCAR NA FORMAÇÃO BRASILEIRA — Gilberto Freyre	Cr$	40,00
17 —	UNIVERSO VERDE — Claribalte Passos	Cr$	40,00
18 —	MANUAL DE TÉCNICAS DE LABORATÓRIO E FABRICAÇÃO DE AÇÚCAR DE CANA — Equipe da E.E.C.A.A.	Cr$	50,00
19 —	OS PRESIDENTES DO I.A.A. — Hugo Paulo de Oliveira	Cr$	25,00

SEMEARCULTIVARPRODUZIR

CONCURSO DE PRODUTIVIDADE

prêmio « alvaro tavares carmo »

Categoria A

fornecedores com produção superior a 6.000 toneladas

1º prêmio - veículo PASSAT - VOLKSWAGEN

2º prêmio - veículo BRASÍLIA - VOLKSWAGEN

Categoria B

fornecedores com produção entre 2.000 a 6.000 toneladas

1º prêmio - 1 trator de fabricação VALMET - 62 ID

2º prêmio - uma Rural OK - Modelo 1975

Categoria C

fornecedores com produção inferior a 2.000 toneladas

1º prêmio - UM JEEP FORD

2º prêmio - UM JEEP FORD

Inscrições abertas na sede do BANCOPLAN

Av. Rio Branco, nº [illegible]

• BANCOPLAN - Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Pernambuco Ltda.

• Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco

• Sindicato dos Cultivadores de Cana de Pernambuco

O cooperativismo é uma força [illegible] a serviço [illegible]